

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

**Claudinei Espirito Santo**

**MATRIZES AFRICANAS E SUAS RELAÇÕES COM AS PEQUENAS  
IGREJAS PENTECOSTAIS**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

**Claudinei Espirito Santo**

**MATRIZES AFRICANAS E SUAS RELAÇÕES COM AS PEQUENAS  
IGREJAS PENTECOSTAIS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais, sob orientação da Prof. Dra. Lúcia Helena Vitalli Rangel.

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo

2018

## Ficha catalográfica

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

ASS:

Julho, 2018

Claudio\_espirito@hotmail.com

S237F Santo, Claudinei Espirito. Matrizes africanas e suas relações com as pequenas igrejas pentecostais, São Paulo. / Claudinei Espirito Santo. -- São Paulo: [s.n.], 2018. 101p; cm.

Orientador: Lúcia Helena Vitalli Rangel. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, 2018.

1. Pentecostalismo. 2. Religião. 3. Teologia. 4. Africanidades. I. Rangel, Lúcia Helena Vitalli. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. III. Título.

CDD 300.200

BANCA EXAMINADORA.

---

---

---

*Aos meus irmãos cristãos negros. Nunca mais  
neguem suas origens e nem sua história!*

O aluno foi bolsista pela CAPES de 05/2017 a 07/2018, processo 1379084/2017-5 e agradece à agência por possibilitar e apoiar a realização dessa pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Ao Eterno, que habita nas alturas. Este que nem mesmo conheço o nome, mas que agora me conhecendo mais, me dou o direito de chamá-lo Zambe, e por que não Olorum, criador de todas as coisas? Tal atributo cai bem na fé dos meus ancestrais e na minha. O Senhor que tem me conduzido desde os livros que repousavam ao meu lado no chão da sala da casa de minha mãe até a academia, a Ti agradeço.

À minha esposa Natalie, que me fornece em todos os momentos a confiança que nunca tive em mim mesmo. Se não fosse você mulher valente, não teria dado o primeiro passo, sequer me inscreveria na seletiva desse programa. Ainda acho estranho que veja em mim o potencial que dizes existir. Realmente, você é coluna, como dizem os cristãos, e a alma de uma aldeia inteira, como dizem nossos povos. Você é meu axé.

Ao meu filho Artur (Akin Amani, o nome africano que lhe dei), minha inspiração para ser melhor, para poder ensinar-te melhor aquilo que a colonização tirou de nós. Recupero isso e entrego a você.

À minha mãe, que não me ouve mais, que não pode ler mais meus escritos, pois se encontra ao lado dos ancestrais. Honestidade, Coerência, Amor... Tudo que há em uma mãe cresce três vezes mais em uma mãe preta, pois, mesmo na dificuldade, ela te ensina a ter somente o que é seu, nunca punir sem causa e nos faz crescer amando o que realmente importa. Orgulho-me muito de ser seu filho, e levarei e exaltarei sua memória e sua existência todos os meus dias, como uma rainha que sempre foi. Salve, salve, minha Senhora Aparecida da Luz. Um dia nos encontraremos ao lado do Pai.

A minha orientadora Lucia Helena Vitalli Rangel que, com sua análise e suas cirúrgicas perguntas, permitiu que se abrisse mais o horizonte da pesquisa. A todos os professores que acrescentaram muito nas aulas que participei no Campus.

Ao meu gestor, Robson Bernegozzi, na Tyco, que me permitiu fazer algumas aulas no horário de trabalho, podendo compensar as horas gastas depois. Aos irmãos negros que conheci no campus que, muitos nem o sabem, mas me fizeram crescer muito e me reconhecer mais. Agradeço a todos.

*“pesquisando o outro, aprendendo acerca de si mesmo.”*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de pesquisa as comunidades evangélicas localizadas em Carapicuíba, com a finalidade de nelas encontrar elementos que representem, manifestem ou recriem a religiosidade encontrada nas religiões de matriz africana. Para alcançar esse objetivo, nos servimos da observação com participação ativa em reuniões e realizamos entrevistas com dois líderes religiosos cristãos das igrejas escolhidas e com sacerdotes de Candomblé. Também fizemos uso de textos históricos e religiosos. Nessa pesquisa, ficou comprovada a influência da matriz cultural africana não somente, como supomos inicialmente, por meio do contato com o Candomblé, mas também das tradições afro-católicas, como rezas místicas ("benzimento") e simpatias originárias das crenças populares. Foi notado também que a criação e o desenvolvimento dessas igrejas e de uma teologia e cosmovisão peculiares, que se distanciam das conhecidas Reformadas e Pentecostais, e se inclinam a atender aos anseios religiosos inerentes ao negro da diáspora, tendendo a recriar, em meio à opressão, a cultura de seus ancestrais. A presente dissertação nos abre, nesse sentido, mais uma janela para compreender como a religiosidade afro-brasileira tem se desenvolvido em meio ao crescimento de tradições cristãs no Brasil e como o negro da diáspora ainda busca, de alguma maneira, pertencer à terra do cativo, mesmo 130 anos após a abolição.

**Palavras-chave:** Teologia; religiosidade; negro; pentecostalismo; sociedade.

## **ABSTRACT**

This text presents as search object evangelic communities located in Carapicuíba, with the aim to find elements among them that represents, manifest or rebuild African native religion matrix religiosity. To achieve this goal observational and active engagement on meetings and interviews with two Christian religious leaders and Candomble obedentiary were performed. Historical and religious texts were also employed. In this research the African native religion matrix influence was confirmed, not only, as initially supposed by the Candomble touch points, but also with Afro-catholic traditions, as of mystical prayers like "benzimento" (blessing), and popular beliefs on "simpatias" (spells). Also noticed, the creation and development of these churches, theology and peculiar cosmology from Reformed as from Pentecostals tends to answer african-brazilian from diaspora religious yearnings, which re-create, in the middle of oppression, their ancestral culture. The presented text opens up a window to understand how afro-brazilian religiosity has been developing around the growing Christian traditions in Brazil; how the black people from diaspora search, in a certain way, to belong to the captive land, even after 130 years later from abolition.

**Keywords:** Theology; Religiosity; Black people; Pentecostalism; Society.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO .....	15
1. OS BERÇOS DA FÉ: pessoas, lugares e momentos .....	22
1.1 O povo negro e a sua fé.....	22
1.1.2 A reconstrução do sagrado e a África espalhada pelo Brasil.....	23
1.2 Carapicuíba, nascentes populacionais e tradições religiosas.....	26
1.3 Do protestantismo histórico para o pentecostal, do pentecostal ao neopentecostal ...	30
1.3.1 Pentecostalismo ou neopentecostalismo, em que definição se encaixam as pequenas igrejas? .....	35
1.4 Líderes de pequenas igrejas.....	38
1.4.1 O bispo Francisco Neris .....	38
1.4.2 Apóstolo Marcos Matheus Ferreira .....	41
1.4.3 O pastor Marcos Feitosa .....	41
1.4.4 A bispa Sandra Sueli.....	42
1.4.5 O membro.....	43
1.5 As igrejas, o culto, o sacerdócio... ..	44
2. SEM ALMA, SEM MEMÓRIA, SEM PELE E COM FÉ .....	49
3. A COSMOVISÃO GERAL DAS PEQUENAS IGREJAS: interações com as religiões afro-brasileiras .....	63
3.1 A oralidade, o fator ancestral revisto e revestido na prática profética pentecostal .....	64
3.2 A "magia" pentecostal e o poder dos encantamentos: orações dirigidas, símbolos e unções específicas.....	67
4. O RELIGAR, A BUSCA POR UM NOVO SENTIMENTO DE PERTENCER .....	73
4.1 O negro: a negação de si pelo racismo engendrado na religião europeia.....	79
4.2 O desejo e a dinâmica da busca de ascensão no grupo das pequenas igrejas .....	82
4.3 Reuniões de poder: busca do Espírito, avivamentos e fogo pentecostal .....	84
4.4 O papel da mulher negra nas pequenas igrejas pentecostais .....	85
4.5 O destaque das mulheres nas pequenas igrejas.....	91

CONCLUSÕES .....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	100

## APRESENTAÇÃO

O que veremos a seguir é um curto vislumbre de mais um ambiente da nossa sociedade brasileira. Trataremos, especificamente, da formação das pequenas igrejas de periferia em Carapicuíba, cidade metropolitana do estado de São Paulo, que têm a sua formação composta majoritariamente por negros. Carapicuíba é uma cidade formada por habitantes que, em sua maioria, migraram do norte e nordeste e também das regiões interioranas de Minas Gerais, fazendo com que, em qualquer local na cidade, sejam observados traços da cultura trazida de África.

Nesta cidade existem manifestações informais que revelam uma comunidade negra e nordestina no geral. Há a Festa Nordestina, bancada pelos governantes, que pode ser considerada tradicional na cidade. Originalmente, ela trazia muito mais do Nordeste do que atualmente; no entanto, ainda assim apresenta essa ancestralidade. Como toda periferia, a cidade é rica em diversidade de regionalidades, mas pobre em criação de empregos, em saneamento e em cultura. Exceto a festa citada e uma festa de peão, que não se repete todo ano, a cidade tem poucas atrações para os momentos de lazer e de socialização. Surgem, então, as igrejas cristãs, recriando um papel que era da Igreja Católica, que detinha um monopólio das festas aos santos, as chamadas "Quermesses", promovendo-as ao grande público.

Trazemos como objeto de estudo duas igrejas que têm como líderes homens negros e possuem em seus calendários festas que se assemelham às Quermesses, cujo propósito é arrecadar fundos e evangelizar, como a Festa das Nações, promovida pela Igreja Missão a Serviço do Rei Jesus (IMSRJ). Além disso, são realizadas festas que só servem para o evangelismo, como a festa do dia das crianças, tornando-se, dessa forma, visível para seus vizinhos de uma maneira interessante.

Nosso estudo vem proporcionar a abertura de mais uma janela para se entender as igrejas pentecostais de periferia. Essas igrejas, como já dito, apresentam uma formação majoritariamente composta por membros negros e, por isso, trazem consigo uma bagagem alienígena ao evangelho pregado aqui no Brasil por americanos e europeus. Essa bagagem cultural proporcionará a essa religião silhuetas que nos remetem aos antigos ritos afro-brasileiros, provando que a cultura

negra nunca se deixa apagar por completo. Ela até pode ser encapsulada, clareada e deixada nos bastidores, mas logo surge em meio às orações, aos cânticos e às interpretações bíblicas.

As igrejas pentecostais de periferia, ao ver do pesquisador, são redutos de gente preta que ainda procura um refúgio a fim de fugir das chibatadas da vida; pessoas que não conhecem a si mesmas porque não conhecem o seu passado e ainda parecem procurar a legitimação da sua existência e a aprovação do seu ser pelo outro. O outro aqui se entende como o branco, não no sentido pessoal, do ser branco, mas do sistema branco que ainda oprime, dita regras de comportamento e fórmulas para garantir a felicidade. Tais fórmulas começam com a negação de si mesmo, já que o existir negro não é aprovado por "Deus".

Uma pequena igreja pentecostal na periferia de Carapicuíba é um quilombo, ou um "Canudos", onde um povo sedento por liberdade é conduzido por um "Conselheiro" que irá ensinar o caminho, usando fórmulas europeias e africanas para obter o Céu, a liberdade e, finalmente, o retorno ao seu "eu" verdadeiro. Nesse trabalho estão escondidos homens, mulheres e crianças que buscam de alguma maneira o pertencer, algo que lhes foi negado quando seus antepassados foram trazidos de África para cá. Na interpretação do Evangelho que esses líderes e comunidades formularam, eles voltam a existir e a pertencer, mesmo que em parte com valores e práticas europeias, em parte com valores e práticas africanas. Com a dimensão europeia eles engessam e travam práticas e valores africanos, como os gestos, o calor, o sibilar natural dos quadris de todo africano, com a dureza, os ternos engomados e a formalidade. Entretanto, ainda assim o africano surge de alguma forma e se faz visível aos olhos dos iguais, atraindo cada vez mais afros para o culto. Sigamos.

## INTRODUÇÃO

O caminho que ora nos propomos a fazer se trata de uma tentativa de trazer à luz um mundo que está escondido por trás das placas: Igreja Pentecostal da Bíblia, Igreja Pentecostal Estrela da Manhã, Igreja Pentecostal Maranata, etc... que lemos nas ruas de uma periferia qualquer, mas que, nosso caso, lemos em Carapicuíba. Como toda pesquisa de campo, esta está cercada de peculiaridades que somente serão nítidas ao pesquisador se ele estiver atento; outras somente serão perceptíveis se for parte do meio pesquisado, que é o nosso caso.

A religião é algo que intriga a crentes e descrentes. Como e por que teria aparecido e se desenvolvido a necessidade de unir o material, o palpável e o imaterial do mundo das ideias ou do espiritual? Na "conversa" entre Dominique Simonnet e André Langaney, surge a reflexão:

Nossos ancestrais das grutas se colocaram diante da questão fundamental, que marca o acesso à verdadeira humanidade: 'de onde viemos?' Sabemos que os mitos da gênese desempenham um papel fundamental na expressão do imaginário e dão coesão a tribo a toda tribo, inclusive, aliás, às tribos ocidentais de hoje! Os homens daquela época, capazes de manejar conceitos bastante evoluídos, adquiriram uma visão de mundo que faz intervirem potências sobrenaturais com as quais tentam entrar em contato.<sup>1</sup>

No início da humanidade, a religião surge a partir do não compreendido, do secreto, para os evolucionistas. Ela também emerge das questões de nascimento e morte, principalmente a morte; logo, como elucida a citação, da questão fundamental da existência humana. A religião possui a função de explicar o inexplicável e unir o distante, além de dar coesão aos grupos tribais. E é justamente isso que estamos estudando, um grupo tribal da sociedade moderna: os evangélicos de linhagem pentecostal. Nessa dissertação buscamos conhecer não as igrejas pentecostais ou às vezes neopentecostais de proeminência, como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMDP), mas as pequenas igrejas das periferias, os embriões dessas mega igrejas da TV.

---

<sup>1</sup> LANGANEY, André; CLOTTE, Jean; GUILAINE, Jean; SIMONNET, Dominique. *A mais bela história do homem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 95.

Entretanto, são muitas as peculiaridades da formação dessas pequenas igrejas. Nós escolhemos uma delas, que é a participação negra na estrutura do culto, na linguagem, nos símbolos utilizados e na teologia empregada. Queremos jogar luz a tradições que originalmente estão presentes em tradições afro-brasileiras e foram incorporadas a tradições cristãs. Tal proposta é, de certa forma, inédita, apesar de serem encontrados trabalhos que apontam o sincretismo das tradições afro-católicas, como festas de São Benedito, Benditos, Congadas e batuques, que têm uma roupagem católica, mas que, na verdade, refletem a ancestralidade e a cultura negra no Brasil.

Para tal, partiremos da iniciativa de trabalhos como o de Ricardo Mariano *Neopentecostais – Sociologia do novo pentecostalismo brasileiro*<sup>2</sup>, que expõe com clareza questões ligadas à formação do pentecostal como ser praticante da fé, sua estrutura social e econômica, assim como sua escolaridade. Ele descreve também a historiografia do movimento, lembrando uma questão bastante discutida nos seminários pentecostais, tradicionais e até católicos, que são as Três Ondas da incursão do pentecostalismo na história da Igreja cristã no Brasil.

Mariano trata da historicidade na formação de diversas igrejas de grande porte, que, apesar de suas manifestações terem sofrido transformações, ainda assim permanecem até hoje. Há destaque à "Guerra ao Diabo" e à "Teologia da Prosperidade", o que muito nos interessa, pois a celega presente nessas igrejas de periferia ainda reflete essas noções, uma vez que na "Guerra" há sempre a absorção da cultura do adversário, da sua língua e da sua religião. Normalmente, a guerra ao diabo é, na verdade, uma guerra contra outras religiões, vista nos canais de notícia. Outro exemplo é o combate incisivo das "forças da Luz", capitaneado pelo atual prefeito do Rio de Janeiro, contra as trevas, que são as tradições negras presentes lá.

A guerra contra o diabo, de que fala Mariano, é uma guerra contra as tradições negras que apresentamos aqui, sejam psicológicas, estruturais ou políticas. Embora de um modo mais contido, a teologia da prosperidade ainda é utilizada nessas esferas com a mesma ideia de tentativa de ascensão social e de visibilidade no grupo a que o indivíduo pertence primeiramente e, depois, se manifesta aos de fora como

---

<sup>2</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

testemunho, o que valida sua fé. Em Mariano nos interessa essas duas últimas questões destacadas, já as outras foram discutidas em outras obras.

Mariano trata de modo macro do movimento Pentecostal e Neopentecostal e nos valeremos de sua linguagem e reflexões, mas tomando um viés mais analítico, observador de etnografia, pois nosso plano aqui é chegar ao indivíduo. E quem é esse indivíduo? Não falamos dos membros dessas igrejas, que nomeamos "pequenas igrejas", mas seus fundadores. Tal qual Valdomiro Santiago, fundador e presidente da IMPD, estes têm o sonho de alcançar as mesmas esferas desses líderes de destaque e se assemelham a ele pelo fato de serem negros e herdeiros de tradição negra.

Outra obra que nos ajudou, ou ao menos apontou uma indagação que nos interessa, é *A religião mais negra do Brasil*, de Marco Davi de Oliveira<sup>3</sup>. Nessa obra nos chama atenção a pergunta central: "Por que o negro escolhe o pentecostalismo?"<sup>4</sup>; contudo, procuramos responder essa dimensão baseados na problemática do que é ser negro em uma religião importada da Europa e logicamente branca. Além disso, trabalhamos com a questão da identificação da linguagem e a exclusão normativa que o negro também sofre na religião cristã.

Apesar de a proposta de Marco Davi ser bem interessante, ele expõe a exclusão apresentando o pentecostalismo como uma opção. A questão da linguagem e de uma liturgia que não se parecem com a fé natural do negro parece, nesse caso, transcender a própria religião que este professa. Quero dizer que, ao conviver – e ser – com negros, se percebe que o sentir, o possuir a fé e o expressá-la diferem de forma latente do branco que persegue tradições mais europeias ou americanas. Haja visto a comparação entre o que é uma igreja Batista negra americana e uma branca americana, em percebemos a fé negra como mais vibrante, dançante... Essa lógica, de uma forma ou de outra, aparece na maioria das religiões em que o negro pode ser catequizado. A maneira de ser do negro envolverá, nesse sentido, a nova fé, ou essa fé irá matá-lo.

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

<sup>4</sup> Ibid., p. 43.

Uma terceira obra que nos auxilia é, na verdade, uma dissertação de mestrado da professora da PUC-SP, Eliane Hojaj Gouveia<sup>5</sup>: *Imagens femininas: a reengenharia do feminino pentecostal na televisão*. Como anunciado no título, ela aborda a questão da mulher no pentecostalismo, e observamos como o papel da mulher nesse campo é determinante e necessário. Além de ser maioria no contingente pentecostal, ela é a pessoa que dirige, organiza e inspira moral e misticamente. Essa mulher, humilde, nos apresenta os recônditos das igrejas pentecostais de periferia e a sua alma.

Gouveia, com sua perspectiva, apresenta ferramentas para compreender a figura da mulher "empoderada" que aparece nos púlpitos das grandes igrejas, enquanto nós propomos, com a mesma lente e ferramentas, expor a mulher sem o poder declarado, empossado, manifesto, mas que não deixa de ser de vital importância. O fato é que são as mulheres que fazem acontecer as reuniões das igrejas nas periferias. A pista que temos é que esse papel sempre existiu para a mulher negra nas manifestações de fé da comunidade negra cativa e no pós-abolição.

Nos comprometemos com esse tema, *Contribuições das religiões de matriz africana na formação pentecostalismo*, em função da importância desses movimentos que são pequenos, mas que se juntam por meio de redes de comunicação, fazendo dessas pequenas igrejas marchas enormes. Vejamos, por exemplo, as marchas para Jesus que, em diversas cidades, não são formadas simplesmente por uma igreja, mas por várias que basicamente seguem a mesma linha religiosa.

Desvendar essa unidade, mesmo que em rede, não é a principal prioridade, mas sim o que essa unidade pode fazer em nível social, político e religioso, uma vez que é essa unidade que pôs muitos dos políticos evangélicos nos nossos congressos; é essa unidade que desenvolve preconceitos e os mantém por falta de diálogo externo. A nação evangélica é composta, em sua maioria, por frequentadores dessas pequenas igrejas de periferia e que reproduzem os discursos de seus líderes – que, no caso dessa pesquisa, são majoritariamente homens leigos no que diz respeito à teologia formal, negros e de origem simples.

---

<sup>5</sup> GOUVEIA, Eliane Hojaj. *Imagens femininas: a reengenharia do feminino pentecostal na televisão*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica.

Desenvolver uma pesquisa visando grupos pequenos como esses nos permitirá visualizar sua visão religiosa, dialogar com a finalidade de minimizar os preconceitos internos e externos e, com sorte, propiciar a emergência de uma nova possibilidade de amadurecimento e desenvolvimento social.

Metodologicamente, usaremos a observação de forma primária. Baseados nela, notamos as similaridades existentes em mais de dez pequenas igrejas dirigidas por homens negros ou de maioria negra. Porém, optamos em focar unicamente em duas delas: Igreja Novidade de Vida (INV), dirigida pelo Bispo Alexandre Fagundes, e a Igreja Missão a Serviço do Rei Jesus (IMSRJ), conduzida pelo Bispo Francisco Neris. Ainda assim, considerando a popularidade da segunda igreja e dela ter saído diversos ministérios menores, como Igreja Ágape, Fidelidade Cristã, Igreja Apostólica Tempo de Recomeçar e Comunhão de Adoradores, todas dirigidas por pastores e pastoras negras, em alguns momentos da pesquisa a IMSRJ soará com sendo a única igreja pesquisada.

Outra metodologia utilizada são as entrevistas, que visam extrair dos dois líderes citados suas percepções e influências teológicas. Nesse momento, surge o desafio mais perceptível da pesquisa, que é o entrincheiramento dos entrevistados, pois o entrevistador fez parte do meio estudado e traz nas costas a bagagem de um Teólogo<sup>6</sup>, figura respeitada nas igrejas históricas<sup>7</sup> e mais tradicionais, mas odiada pelas linhas pentecostais e neopentecostais. Foram feitas algumas entrevistas, unicamente com o propósito de tirar dúvidas e esclarecer algumas afirmações.

Como na pesquisa nos propomos a comparar e a procurar rastros da cultura afro-brasileira na formação da cosmovisão e da teologia das pequenas igrejas neopentecostais, nos valem de textos históricos que relatam costumes religiosos e sociais dos cativos e dos negros livres e libertos no período pós-abolição. Nesse momento, a dissertação ganha um tom de historiador, mas retorna ao seu caráter de etnografia quando nos servimos da experiência de sacerdotes e membros do

---

<sup>6</sup> O motivo pelo qual a figura do Teólogo ou cristão professante não leigo é temida e, por muitas vezes, odiada nos meios pentecostais e neopentecostais, deve-se ao fato de que estes intrusos normalmente questionam costumes mais místicos, dando preferência a interpretações menos espiritualizadas da vida e das Escrituras. Esses Teólogos recebem alcunhas como: frio, gelado, incrédulo e, mais recentemente, "o fora da visão".

<sup>7</sup> Emprestamos a nomenclatura "Igrejas Históricas" dos anais teológicos que elevam as igrejas com mais de dois séculos de tradição a esse patamar. Estas são as Batistas, Presbiterianas e Metodistas. Usaremos esse termo algumas vezes durante o texto.

Candomblé. Dessa forma, buscamos legitimar os dados históricos por meio dos religiosos contemporâneos. Além disso, como já mencionado no primeiro capítulo, os costumes de família e da vizinhança nos ajudam a refletir sobre o veículo pelo qual as raízes africanas influenciaram a teologia pentecostal.

A forma como estruturamos os capítulos seguirá sempre a lógica do olhar para o passado, refletindo sobre as questões abordadas e o encontro destas no campo. Faremos assim porque somente a história pode nos fornecer o conhecimento necessário para identificar razões que até o momento afligem o povo negro. Uma dessas aflições é justamente a imposição de que é necessário se embranquecer para ser cristão e se embranquecer para poder pertencer à religião. O pertencimento é, nesse sentido, a grande chave para entendermos o que é uma congregação pentecostal negra, que envolve a busca por ser bem visto e respeitado. São muitos os métodos que os negros têm usado para ter isso tudo e um deles tem sido a fé.

Os capítulos que propomos são os seguintes:

*Berços da fé: pessoas, lugares e momentos*, no qual analisamos e ouvimos as pessoas que são os receptáculos do sagrado, que representam Deus nessas pequenas igrejas. Nele queremos investigar a vida de alguns líderes que foram e estão sendo entrevistados para saber quem são e o que foram antes de serem pastores e bispos, de onde vieram e quais momentos foram mais marcantes e fizeram parte do que são hoje e do modo como veem o mundo. Nesse capítulo usamos as entrevistas diretas, visitamos igrejas e escutamos os sermões, além de resgatarmos memórias do próprio autor que, por muitas vezes, participou e participa de cultos cristãos.

*Sem alma, sem memória, sem pele e com fé*. Nesse capítulo, por meio da observação, procuramos encontrar, já que suspeitamos que existe, a carência do indivíduo negro em existir como pessoa, como ser ativo na sociedade que o escravizou e o descartou, e ser reconhecido como pertencente a ela. A turba pentecostal é negra, dirigida por líderes da nova geração pentecostal que, sem querer, demonstram, por meio da sua fé e devoção, traços daquilo que deixaram de ser com a colonização de suas mentes, fé que apresenta a mesma intensidade de antes do exílio, mas é direcionada ao Deus cristão e não aos Deuses de seus antepassados. Com auxílio de biografias e textos de homens como Abdias do Nascimento e Frantz Fanon, queremos discutir a empreitada da religião protestante eurocêntrica e

embranquecida de deslegitimar e desconstruir a imagem do negro, exigindo que ele use uma máscara branca para poder viver a fé cristã.

*O religar, a busca por um novo sentimento de pertencer.* Nesse capítulo, vemos como o protestantismo tradicional e o pentecostal, frutos de nações majoritariamente brancas, trazem em si mesmo uma carga cultural em desacordo com a compreensão de mundo herdada pelos negros de hoje das tradições orais dos antigos cativos. A religião de Cristo passou por transformações e se tornou uma religião do branco e não universal como a proposta por Nazareno. Assim, o negro tenta de alguma forma pertencer a essa religião fundamentando-se em valores e percepções brancas e, ao mesmo tempo, diminuindo a sua própria ancestralidade.

*Conclusão.* Na conclusão refletimos como, por vezes, o pertencimento desejado pelo negro não é encontrado, acostumado a ter a ideia de que há um quilombo, uma África e uma sombra de um Baobá o esperando. Por isso, sendo negado no pentecostalismo ou no micropentecostalismo, ele retorna às religiões de matriz africana, vendo nelas o regaço da grande mãe África e só assim consegue se perceber como pertencente a algo como ele.

Ao longo desses capítulos iremos expor as cargas culturais deixadas pelos negros e que ajudam a aumentar essas denominações nãnicas das periferias. 54% da população brasileira se declara negra; logo, de maneira negada ou velada, a língua, os gestos e as danças dos orixás encantam e trazem os descendentes dos cativos aos cultos cristãos.

É notório que muitas faces desse ramo do pentecostalismo ainda carecem de análise, mas nos empenhamos em iniciar os estudos desse campo, que é diverso. Com muitas igrejas em uma periferia também extensa, muitos também são os pastores, muitas são as tentativas de trazer alento a um povo que ainda está cativo e sedento por valores que não são os seus, por ideais de consumo e de status que estão longe, de uma forma abismal, dos valores e ideais do Rico de Lázaro e Abraão, na parábola contada por Jesus.

Se você mora em Carapicuíba ou em qualquer periferia, pode ser que um dia irá acordar ao som de um alto-falante mal equalizado e uma voz rouca como a do Bispo Francisco, ou com a suavidade como a do Bispo Alexandre, pastores negros que anunciam o evangelho.

## 1. OS BERÇOS DA FÉ: pessoas, lugares e momentos

### 1.1 O povo negro e a sua fé

Ao vislumbrar, tal qual Moisés, o herói, profeta e fundador da fé judaica, a terra prometida que lhe foi vedada por Deus por causa de um momento seu de rebeldia e ira, vejo um retorno do qual sofro e também enxergo uma terra que nunca poderei pôr os pés, pois ela não existe. A África mística, a sombra de um baobá sagrado, o cheiro do grande rio do Congo, todas essas coisas são reais; contudo, o significado que tinham na mente dos cativos trazidos para cá se perdeu e a nós e a eles restou um "banzo". O que era a fé, ou a crença do povo preto? Nei Lopes explica em seu livro *Bantos, malês e identidade negra*<sup>8</sup> que até mesmo os africanos islamizados possuem em algum grau uma religião animista, ou tradicional africana, o que pode ser visto até mesmo nos rastros que nos sobraram do grupo malê no Brasil: os patuás, as roupas brancas de sexta-feira e o iketé, gorro usado pelos sacerdotes nas reuniões de algumas religiões de matriz africana

Ao apontar para a direção da religião negra, somos tendenciosamente lançados às vertentes mais conhecidas da busca pelo sagrado. Entretanto, a priori, a religião do africano, ou a composição da sua estrutura mítica, não está presa a caracteres legislativos ou a ordenanças sistemáticas que constroem religiões dogmáticas; pelo contrário, nesse caso estamos pensando em um africano livre, sem ter como tutora a Europa ou o Islã. Esse africano não se enxerga como praticante de uma religião, pois se vê como parte de um todo, onde o espiritual e terreno não são dissociáveis.

Essa maneira de enxergar do africano é inerente a ele e difícil de desvincular-se dele, mesmo se houver uma nova religião encobrendo esse modo de ver. Sobre isso, Isaac Bernat descreve em seu livro a sua percepção ao chegar em uma aldeia do Mali:

Os malinas são tradicionalmente agricultores e caçadores. Apesar de terem sido um dos primeiros povos a se islamizar, conservaram ao mesmo tempo os rituais animistas e a visão de que os dirige. Em cada

---

<sup>8</sup> LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

aldeia malinca é possível encontrar ao menos um feiticeiro. O caçador malinca é uma das figuras mais respeitadas na África, já que se considera que se apropria do poder dos animais que abate.<sup>9</sup>

Todo africano abriga um baobá sagrado no peito, acredita que os ancestrais estão vivos e que participam da comunidade, mesmo que por meio de seus ensinamentos deixados. Todo africano, de maneira intrínseca, está ligado à sua África mítica, a suas histórias ou lendas. Sim, o termo "todo" diz respeito a um continente inteiro de pessoas, onde pode haver variação, mas o que não podemos negar é que a espiritualidade está em todo homem e, no africano, isso é perceptivo a quilômetros de distância.

Houve e ainda há a tentativa de retirar do africano a fé no seu espiritual, ou melhor, a sua conexão com o seu espiritual. A história nos traz à memória as voltas que o cativo dava em torno de uma árvore com a finalidade de esquecer o que era, sua terra, seus ancestrais e seus cultos, o que é uma falácia, uma tentativa ignorante de descaracterizar o cativo. Como, ao retirar o africano da África, se retiraria também a África dele? Ela, a África, continuou a existir onde quer que os pés algemados caminhassem. Seus ancestrais os seguiram, a sombra do baobá ainda os refresca e eles se banham nas águas do grande rio.

### **1.1.2 A reconstrução do sagrado e a África espalhada pelo Brasil**

*O status das religiões de afro-brasileira joga um papel de fator primordial no desenvolvimento da arte negra no país. Conforme apontamos, o Candomblé se localiza como foco inspirador e dinamizador da criatividade artística afro-brasileira, exercendo também papel relevante nas atividades puramente lúdica ou recreativas. Os fenômenos já expostos referentes às pressões culturais decorrentes, e o sincretismo imposto, levaram o afrodescendente escravizado a criar escondido da fiscalização do branco suas obras artísticas – talhas, esculturas, principalmente – destinadas a preencher uma função ritual.<sup>10</sup>*

É fato que existe uma marginalização do povo negro e de sua cultura, como diz Nascimento, o que ocorre desde os primeiros anos da escravidão. O negro, depois ser sequestrado na África, chegava ao mercado de escravos, como o que se localizava no Valongo e, ao ser comprado, recebia de seu senhor um nome cristão e o batismo, não importando ao “dono” o que ele era anteriormente. A partir daquele momento o dono do

<sup>9</sup> BERNAT, Isaac. *Encontros com o griot Sotigui Kouyate*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, p. 52.

<sup>10</sup> NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: o processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 141.

escravo era obrigado a ensinar-lhe os valores e a fé cristã. Com a Lei Áurea, as algemas físicas caíram, mas as que impedem o negro de ser o que é permaneceram, pois os valores que regem a sociedade brasileira são brancos e cristãos, adjetivos do que é ser um homem ou uma mulher de bem.

Sendo assim, achei prudente revisitar as antigas senzalas e ir ao encontro da ancestralidade africana no Brasil, onde encontramos diversas pequenas *Áfricas*. Não é possível entender os passos da fé do negro encontrados nas pequenas igrejas neopentecostais se não retomá-los desde o início. Já pensamos nessa essência quando mencionamos essas questões, citando a natureza espiritualista do africano. Isso, no entanto, teria mudado ou se desenvolvido de forma peculiar em solo tupiniquim? É sobre isso que quero me debruçar por um momento.

A Umbanda, Voodoo, Candomblé ou qualquer outra religião que apresente matrizes africanas não chegaram prontas aqui. A constituição dessas práticas advém do aglomerado de nações que foram traficadas para o Brasil, que é o nosso caso. Mesmo que essas pessoas fossem batizadas e recebessem um nome cristão, elas ainda cultuavam seus deuses de além-mar e compartilhavam sua crença, reinterpretando-a à medida que o tempo ia passando e dando origem à complexidade de cultos e manifestações religiosas nas Américas. Nosso campo, de forma macro, é o Brasil, e só neste país são diversas as manifestações que são propriamente religiosas, ou refletem a religiosidade. Desse universo macro, queremos delimitar como recorte somente a experiência dos candomblés e, às vezes, da umbanda, as religiões de matriz africana mais populares e ainda presentes no país.

Usando essas experiências como fio condutor, identificaremos as variações das visões afro-brasileiras nos cultos de cunho neopentecostal. Para poder filtrar a informação e identificar que a prática ou cosmovisão não deriva dos ramos do cristianismo tradicional, haverá a necessidade de realizar uma comparação com a vertente mais tradicional do cristianismo protestante histórico. Por ora, olhemos para a formação da religiosidade do negro brasileiro.

Conforme crescia a fome de açúcar do europeu, crescia também a necessidade de mão-de-obra escrava. Nesse processo, três matrizes irão compor nossa sociedade, como já dizia Darcy Ribeiro:

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos de África, e os europeus aqui aquerenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas.<sup>11</sup>

Obviamente, essa unificação a que se refere Darcy Ribeiro não significa o domínio de uma dessas matrizes sobre as outras, mas trocas que aconteceram ao longo da convivência. Essa unificação também foi possibilitada pelo fato de que a religião do português, classe dominadora, não era "opressora" no pior dos sentidos, pois o português sempre foi mais aberto a interações culturais do que os demais europeus por ser um povo cuja única saída que possuía, geograficamente, era o mar, o que deu a eles maior contato com culturas fora da Europa. Apesar de o clero tentar, sem muito sucesso, a dominação cultural tanto de índios como dos negros, as interações raciais eram contínuas nos engenhos e fazendas. Tal situação é apresentada por Gilberto Freyre e não é tão necessário detalhar.

O terceiro elemento, o povo africano escravizado, chegou em grandes cargas para compor a nossa sociedade, pois era assim tratado. Os africanos chegavam de diversos locais da África, mas eram denominados basicamente com um nome genérico, "bantu", que não correspondia à verdade étnica, mas ao tronco linguístico, ou simplesmente ganhavam o sobrenome do porto africano onde embarcaram, como *Mina*. Os portugueses iniciaram o tráfico e, à medida que o negócio crescia, crescia também a competição entre holandeses e homens nascidos no Brasil, e até escravos forros venderam negros para a morte nos canaviais.

A constituição do povo que vinha de além-mar podia ser diversa, mas não, como já dissemos, com etnias separadas uma das outras como árvores de um bosque; pelo contrário, podemos notá-las como galhos de uma mesma raiz. Esse processo serviu de argamassa e de elo, lembrando que, desde a embarcação, onde eram retalhados e divididos, criavam-se laços que eram preservados em terra. Essa experiência foi passada oralmente desde aqueles dias sombrios, e o termo "*malungo*", que se referia a uma pessoa que havia chegado no mesmo barco na travessia, foi criado. O respeito era inerente nas relações entre os malungos; logo, seus valores

---

<sup>11</sup> RIBEIRO, DARCY. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 30.

passavam a ser agregados e não hostilizados – vemos isso até no comportamento "Malê".

Voltando à questão da religião negra, que orienta os valores culturais anteriormente mencionados, ela, por si só, no caso do negro brasileiro, é a união de vários cultos das regiões africanas de onde os negros eram sequestrados. Luís Nicolau Parés aponta diversas nações que foram embarcadas no forte de São Jorge da Mina:

O Forte de São Jorge da Mina constituía um centro para qual escravos de várias partes da costa ocidental africana eram levados. A correspondência de Duarte Pacheco Pereira, capitão do forte entre 1520 e 1522 menciona a presença de escravos vindos do distante reino de Benim, localizado na atual Nigéria, na área que os ingleses já então denominavam a Costa dos Escravos. Também os escravos vindos do Congo pelo forte antes de serem embarcados para as Américas. Já na década de 1660, Wilhelm Johann Muller, sacerdote da Danish African Company, alude por exemplo, à presença de escravos de Allada, na costa do ouro. Vemos assim que desde o início, que mina identificava um porto de embarque e que os escravos ali comprados poderiam ter procedências diversas.<sup>12</sup>

Outros aspectos mais decidimos expor no próximo capítulo, que visa à compreensão do que significa ser negro no mundo e, mais especificamente, dentro do sistema religioso pentecostal. No mais, podemos mostrar que as Áfricas que surgiram nesse encontro, dentro de um processo que ainda ocorre, tem se juntado e se unificado de acordo com as suas necessidades. As nações que para cá foram trazidas não apenas se agruparam pela semelhança cultural, mas também se distinguiram por meio da forma de organizar a religião dos calundus e candomblés. Hoje, se fôssemos estender esse tema, veríamos que as nações foram quase que exterminadas no sentido discriminatório, mas que permanece a união política para a sobrevivência das tradições. Agora, seguiremos para o nosso campo de pesquisa.

## **1.2 Carapicuíba, nascentes populacionais e tradições religiosas**

Estação General Miguel Costa, desembarquem pelo lado direito do trem! É o que adverte o maquinista por meio do seu ruidoso alto-falante, já que divide a atenção dos seus passageiros com os ambulantes. Um vagão de trem é um universo com toda

---

<sup>12</sup> PARÉS, Luís Nicolau. *Formação do candomblé: História e ritual da nação Jeje na Bahia*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013, p. 27.

sua efervescência e diversidade: nele encontramos professores, funcionários públicos, vidas felizes e nem tão felizes assim... Pessoas politizadas e aqueles que simplesmente repetem um bordão político, como massa de manobra, mas quem não é? Todos os posts na rede social de Mark Zuckerberg tentam erigir totens ideológicos com a finalidade de conseguir membros para a "seita" – seja ela política ou religiosa – do publicador.

Porém, o que nos importa realmente é a próxima estação, Carapicuíba, que continua sendo uma periferia tradicional, formada, em sua maioria, por migrantes das regiões Norte e Nordeste do país. O IBGE, em 2010, notificou que foram objeto de pesquisa na região 179.284 homens e 190.300 mulheres. Dos homens, 31.021 dos residentes de Carapicuíba vinham das duas regiões citadas, e das mulheres 33.887. No município de Carapicuíba a influência nordestina é tão forte que foi criada a Festa Nordestina, que ocorre há 33 anos. Além disso, entendemos que há pessoas não descritas como naturais do Norte e Nordeste; contudo, são descendentes de nordestinos e nortistas, pois a cidade já possuía há três décadas um grande percentual de população oriunda dessas regiões.

Na verdade, não seria necessário dizer essas coisas a alguém natural de lá, que é o meu caso, pois, apesar do núcleo da minha família ser pertencente a Minas Gerais, estamos intimamente ligados às tradições nordestinas, primeiramente por minha mãe ser de São João da Chapada, e meu pai, já falecido, de Brotas de Macaúba, Bahia. Por isso, estou na estatística carapicuibana ao ser filho de nordestino.

Ao olhar para a vizinhança onde cresci, são ainda mais latentes as características das famílias: pernambucanos e baianos eram meus vizinhos de porta; uma grande parte era de Minas Gerais, da mesma região de minha mãe, em que um deles era meu tio, patriarca da família, irmão de minha mãe, antigo trabalhador das minas de diamante e funcionário aposentado da prefeitura em Carapicuíba. Por fim, havia uma única família cuja matriarca era uma descendente espanhola e um patriarca italiano, creio eu. Toda essa diversidade se fazia presente na curta Rua Lamar Maria, no Jd. Angela Maria, em Carapicuíba. Hoje, anos mais tarde, com novos moradores, os sotaques continuam sendo os mesmos.

E como eram essas famílias? Aos sábados e aos domingos os baianos e pernambucanos (compadres) acordavam os vizinhos ao som de Bezerra da Silva e Martinho da Vila. Tudo era motivo de festa. Vez ou outra havia invocação de caboclos e pretos-velhos, a descida da pomba-gira era constante... Lembro-me que uma vez a mãe do meu melhor amigo de infância incorporou, e ele chorava muito porque achava que a mãe enlouquecera. Porém, essa família não permaneceu nessa convicção religiosa, uma vez que anos antes de voltarem à terra de origem se converteram ao neopentecostalismo, e ouvíamos então o gingo de abertura do "Show da Fé".

A comunidade mineira de Carapicuíba seguia sua própria métrica, sendo receosa com essas ideias de mandingas e exus, já que é declaradamente católica. No entanto, nada no Brasil é estritamente uma única coisa, isto é, pura e autêntica. Com o catolicismo mineiro de São João da Chapada não seria diferente, já que a minha família, por vezes, nos incentivava a proferir rezas, usar ervas e ir até benzedadeiras. Lembro-me de uma vez que fui: movimentos nos braços regidos pela anciã que mal podia andar, folhas de louro ou sei lá o que molhadas, recitação de mantras e nome dos santos... Fascinante. Ela desconfiava da Umbanda e do Candomblé, mas no seu seio guardava sua fé nas velhas simpatias ancestrais.

Pudera, é só pesquisar rapidamente a pequena vilinha de São João que se notará que sua raiz é de ex-cativos que trabalhavam por aquelas regiões. Seus habitantes são majoritariamente negros e mestiços e pelas cercanias se encontra quilombos. Mesmo com a tentativa constante e ainda presente da Igreja em catequizar e em ensinar as verdades da Santa Sé, o catolicismo do lugar tornou-se uma versão brasileira e negra. Passei uma semana lá na minha adolescência e observei a festa do Divino. Muitas cores e músicas que lembram os cantos de lavadeira e de trabalho eternizados pela poderosa voz de Quelé<sup>13</sup>.

Minha mãe casou com meu pai, um baiano que se distanciou de nós quando eu ainda era muito pequeno e que logo faleceria. Somente vagas lembranças, como a cor poderosa da pele e o sobrenome "Espírito Santo", foi o que herdei, sem histórias,

---

<sup>13</sup> Quelé é apelido atribuído por um vizinho à cantora negra Clementina de Jesus. Ela recitou versos coletados das antigas tradições dos cantos de trabalho de cativos em São João da Chapada. Ela, mesmo sem saber, cantou os versos de seus ancestrais, que foram eternizados no álbum de 1982 intitulado *Canto dos Escravos*. Ver mais em: CASTRO, Felipe; MARQUESINI, Janaína; COSTA, Luana; MUNHOZ, Raquel. *Quelé, a voz da cor*. Biografia de Clementina de Jesus. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

cantigas ou qualquer vínculo com os parentes dele. Minha vizinhança era assim, com todos os habitantes misturados. Como anteriormente mencionei, havia cristãos no nosso "terreiro", presbiterianos que nos olhavam de cima, pois a casa deles era literalmente bem alta e o orgulho religioso também fazia parte desse cenário. Eles pouco falavam da fé deles, até porque, se a vizinhança fosse predestinada, em algum momento seriam alcançados.

Outra família, cujos pais eram cristãos de fé pentecostal<sup>14</sup>, era diferente, pois comissionava os membros da sua igreja e, de forma esporádica, faziam cultos ao ar livre. Aquilo fazia com que nós fôssemos perturbados e que existisse em nossa alma uma jihad, pois logo mais haveria a festa de São João e soltaríamos um balão dedicado a ele. Poderia também acontecer a festa mais "cool" das periferias, aquela dedicada a Cosme e Damião, com doces e guloseimas de graças, tudo para a alegria dos gêmeos Ibejis, entidades da fé iorubá que se tornaram, pelo sincretismo, santos romanos.

Porém, essas práticas são antigas, pois nem os cultos ao ar livre ou as festas existem mais por lá, existem somente em nossas memórias quando nos reunimos. Muitas coisas mudaram além de seus moradores, a começar por mim, já que não coxeio mais em dois pensamentos<sup>15</sup> e me decidi para a fé Cristã. Com 13 anos de idade me arrolei como membro de uma comunidade que experimentava o crescimento do número de seu público. Isso ocorria seguindo o exemplo de comunidades que não eram mais denominadas pentecostais, uma vez que já recebiam o prefixo "neo".

Não há estudiosos de formação neopentecostal capazes de embasar os seus ensinamentos em coerência com o Novo Testamento; contudo, não iremos iniciar o debate teológico, tentando demonstrar se há ou não um segmento religioso fidedigno com os ensinamentos de Cristo. O que nos propomos desde o início é identificar os elementos que foram usados na transformação daquilo que tínhamos nas igrejas tradicionais. A ciência, as ideologias e, claro, as religiões, são elementos em constante movimento e

---

<sup>14</sup> Aqui Pentecostal se refere a pessoas que se reuniam em igrejas, no caso vinculadas às Assembleias de Deus e Deus é Amor, que compõem um ramo considerado pioneiro pelos teólogos cristãos e muito presente nas periferias. Elas não devem ser confundidas com os neopentecostais, que serão mencionadas em outro momento.

<sup>15</sup> Essa expressão "coxeiar" é encontrada no texto bíblico de 1 Reis 18:6, quando o profeta Elias repreende o povo por abandonar o culto a Jeová e pôr o de Baal no seu lugar, dizendo: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu".

mutação. No nosso caso, a religião tem se transformado desde o despontar do primeiro dia da semana, há mais 2000 anos. Como esperar que isso não acontecesse aqui, 200 anos depois da abertura dos portos por Dom João, quando a primeira igreja Anglicana pôde ser construída, embora sem aparência de igreja na arquitetura externa, como são construídas na Inglaterra, para não confundir e atrair os católicos leigos.

Entretanto, não retrocederemos tanto, uma vez que não é necessário, mas é importante traçar uma linha histórica que nos possibilite entender o que já aconteceu nesse meio e o que entendemos que está acontecendo hoje. Antes, focaremos, sem muito detalhamento, em um período que engloba a década de 1960 aos dias atuais, observando os pontos que nos ligam à realidade. Há duas estirpes do movimento protestante que começaram no Brasil em épocas diferentes, com ideias diferentes e convicções que também o eram, mas que são elementos básicos para compreendermos essa história.

### **1.3 Do protestantismo histórico para o pentecostal, do pentecostal para o neopentecostal**

O primeiro elemento dessa história se trata Igreja Batista no Brasil. Essa denominação, presente até hoje com vários ramos, se distingue daquilo que nos foi apresentado décadas depois da lei de Abertura dos Portos, mais precisamente em 1871. Os Batistas têm a sua história traçada desde a época das reformas na Europa. Há algumas teorias em torno do seu surgimento no Velho Mundo, mas o que é aceito pela maioria é que se trata de um ajuntamento espontâneo de pessoas que pensavam da mesma maneira sobre a questão da voluntariedade do batismo, ou seja, este deve ser feito de maneira voluntária e consciente, implicando a necessidade de ser realizado em idade adulta ou de consciência. Só no século XVII iria aparecer John Smyth, que liderou uma separação de sua congregação das doutrinas anglicanas.

Os Batistas se espalharam pela Europa até chegar nos Estados Unidos e de lá para América Central e Sul. No Brasil, eles começaram pregando exclusivamente em inglês a imigrantes americanos em Santa Barbara do Oeste. Com o passar dos anos a igreja cresceu e a mensagem batista alcançou os brasileiros, sem, contudo, perder a formatação e o jeito americano. Paralelamente a esses acontecimentos, outro

movimento religioso acontecia nos EUA, liderado por William J. Seymour, pastor afro-americano que pregava a manifestação do Espírito Santo como descrito no Livro de Atos dos Apóstolos 2: 1, que garantia os dons místicos, como profecias, curas e, principalmente, a *glossolalia*<sup>16</sup>. Essa última questão rendeu divisões e cismas em diversas igrejas históricas que não aceitavam a "nova doutrina".

Inspirados pelo movimento de Seymour, muitos missionários saíram pelo mundo e chegaram à América do Sul, e em Belém do Pará, no Brasil, por exemplo. Foram os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg que lá desembarcaram em uma igreja Batista, ocorrendo o primeiro encontro do Calvinismo batista americano com a fé pentecostal afro-americana. Os suecos ensinaram acerca do batismo com o Espírito Santo e parte das pessoas aceitou, sendo, por isso, excluídos da Convenção Batista do Brasil, levando-os a fundar o que mais tarde chamariam de Assembleia de Deus. Hoje esta é a maior denominação protestante do Brasil, com pequenas igrejas nas periferias a grandes catedrais onde se reúnem milhares de pessoas.

A essa altura já conseguimos vislumbrar o cenário que se desenha nas religiões do Brasil. Notamos que, comparando essa curta narrativa do passado com o quadro atual, percebemos qual das denominações religiosas vingou no Brasil: as Assembleias de Deus. Mais ainda, o grupo social que era base dessa denominação não foi outro se não os menos favorecidos. As igrejas históricas, como mencionamos acima, são firmadas nas sociedades mais ricas, enquanto as pessoas mais pobres estão ligadas ao pentecostalismo. O autor do livro *A religião mais negra do Brasil*, Marco Davi de Oliveira, põe em números e gráficos essa questão, afirmando que 54,54% dos membros da AD são negros<sup>17</sup>, sem contar outras denominações que possuem grandes percentuais de participação do povo negro.

Existem barreiras que impediram que os pobres e negros fizessem parte das igrejas históricas. Obviamente, esses impedimentos advêm da segregação racial nos Estados Unidos e na Europa. É evidente que havia ainda forte manifestação racista no seio das igrejas americanas implantadas no Brasil com a chegada do

---

<sup>16</sup> Glossolalia é o termo grego empregado pela psicologia para definir o momento de transe em que o indivíduo crê que fala por intermédio de uma língua desconhecida inspirada por Deus. Dentro das igrejas pentecostais e neopentecostais, o termo utilizado é línguas estranhas ou língua dos anjos. Sua existência em termos bíblicos é inferida em Atos 2: 4, 1; Coríntios 13: 1, 14: 27, 39.

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Op. Cit., 2004.

Pentecostalismo originado por um negro americano que fora marginalizado, pois o próprio Seymour assistia às aulas do seminário no corredor, ao lado da porta, já que não podia se sentar com alunos brancos. Ao chegar no Brasil o terreno era fértil, uma vez que havia ainda um grupo muito maior de marginalizados do que a população negra nos EUA e, nesse contexto, a mensagem salvífica e libertadora do Pentecostalismo viria a calhar.

Pois bem, onde é que essas duas distintas vertentes protestantes recém-chegadas no Brasil irão se encontrar? Na década de 1950 e 1960, José Rego do Nascimento, pastor batista ligado à Convenção Brasileira, aceitou, ao lado de Eneas Tognini, a ideia pentecostal acerca dos dons carismáticos, unicamente defendido pelos pentecostais. Os dois levaram a fé renovada e os dons do Espírito para igrejas históricas. Como consequência disso, José Rego Enéias e mais 14 igrejas da Convenção Batista Brasileira foram expulsos porque aceitaram a renovação, a prática dos pentecostais. Logo, podemos entender que houve uma fusão das ideias pentecostais com a doutrina batista, trazendo mudanças consideráveis no cenário religioso brasileiro.

Essas transformações não param por aí, pois nas décadas seguintes a proliferação tanto das Assembleias quanto das Batistas renovadas influenciou diversas pessoas que ainda estavam em suas denominações históricas, como os Presbiterianos e Congregacionais. Essas pessoas foram levadas a romper com seus ministérios e a criar denominações próprias com discursos que divergem, seja política ou religiosamente, das denominações históricas. Denominações como a Igreja Pentecostal Brasil para Cristo nasceram do coração de Manoel de Melo, dissidente das Assembleias de Deus. A partir dessa mesma igreja surgiu a Deus é Amor por meio de David Miranda.

Mais recentemente, na década de 1970, dois homens fundariam duas igrejas poderosas, já com uma perspectiva neopentecostal. Estes eram Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus) e R. R Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), que são dissidentes da igreja Nova Vida, fundada por um missionário canadense. Essa parte da história é bem longa e cheia de detalhes, que envolvem, muitas vezes, questões financeiras e morais. O que queremos sinalizar é o fato de que, dentro dessas grandes igrejas, saem pessoas que querem também empreender seus próprios pensamentos e aplicar a sua interpretação e fé.

Com o surgimento daquilo que é chamada renovação espiritual entre as igrejas históricas, primeiramente deflagrada pelos batistas, algumas premissas foram salientadas; em uma análise histórico-religiosa foram percebidas as seguintes premissas:

**Independência das Convenções** - Com o surgimento do "pentecostalismo" nas igrejas históricas passou a ocorrer a exclusão das convenções dessas igrejas que aderiram às novas práticas. As congregações que não decidiram se nomear de outra forma por acreditarem não ter rompido com a raiz histórica acrescentaram aos nomes a definição "independente", como Presbiteriana Independente, Igreja Batista Independente. Mais tarde, as igrejas Batistas se reuniram e formaram a Convenção Batista Nacional, que caracteriza as igrejas que creem no batismo com o Espírito Santo<sup>18</sup>; contudo, ainda existem igrejas Batistas independentes que não têm mais essa definição, trocando-a pelo termo "Renovada", demonstrando a ordem que possuem. Essa renovação acontece até os dias de hoje.

**Autonomia interpretativa do Sagrado** – Todas as religiões e credos possuem seus dogmas e tabus e com os protestantes não é diferente. As igrejas históricas estão intimamente ligadas à Reforma de Martinho Lutero e aos reformadores. No caso das presbiterianas e batistas, estas são adeptas às Institutas da Religião de Calvino, que é considerada a primeira obra de Teologia Sistemática, que tem como função extrair das Escrituras Sagradas o caráter de Deus e como ele age. Dito isso, os estatutos e as regras estabelecidas nas convenções são baseados nas convicções calvinistas, selando, assim, num aquário, toda obra e liturgia das igrejas. Com o rompimento com as convenções, toda essa interpretação pode ser revista, desde os simples acréscimos de uma bateria no conjunto musical até quem é realmente salvo. Apesar dessas situações serem analisadas no âmbito das igrejas históricas, esse tipo de fato também é visualizado em Igrejas Pentecostais, como na Assembleia de Deus, pois já temos, além dos ministérios de Madureira e Belém, outros bem menores que continuam brotando baseados nessas premissas.

---

<sup>18</sup> Batismo no Espírito Santo, conforme Eneas Tognini dizia, é a Segunda Bênção dada por Deus, pois a primeira é a salvação em Jesus. A segunda bênção se refere à preparação para o trabalho, tal como foi descrito em Atos 2, sendo um revestimento espiritual de coragem e de habilidades para cumprir o chamado evangelizador.

**Autonomia Eclesiástica** - Dentro das convenções há organizações menores, como conselho de pastores, líderes de ministério infantil, entre outras. Com o rompimento, o líder dessas denominações tem total autonomia para dirigir a liturgia, o conteúdo das mensagens, a administração financeira, a cor das paredes e das cadeiras, enfim, todos os detalhes. Outra prática que se tornou possível é a consagração de mulheres como "pastoras", já que antes isso não acontecia. Ainda hoje essa questão gera grande debate nas convenções históricas e nas pentecostais. O papel da mulher no neopentecostalismo da Renascer em Cristo foi, por exemplo, discutido no mestrado de Eliane Hojaj Gouveia, que fala sobre a formação da identidade e a manipulação da imagem feminina nesse sistema, o que nos permite obter uma ideia da proporção que essa questão que tem nos dias atuais, já que a pesquisa tem quase 20 anos:

Assim, a identidade reporta-se a qualidades que expressam símbolos móveis criadores, tanto dos "eus" quanto dos perfis coletivos nos quais individualidades e subjetividade se plasmam, redefinindo tradições e incorporando novos valores. A interação eu/outro ocorre, portanto, de maneira individual e coletiva. Número expressivo de mulheres, identificadas com a proposta religiosa da Renascer reconstruem suas identidades por meio dos recursos televisivos. Essas mulheres se encontram, pela televisão, com outras mulheres iguais a si mesmas, o que tende a facilitar a formação dos canais de identidade coletiva das comunidades eletrônicas de consolo.<sup>19</sup>

Hoje, as mulheres que se identificavam com as pastoras e bispas citadas pela Hojaj são elas mesmas líderes de suas próprias igrejas. Há, ainda, mulheres que nem são submissas à autoridade sacerdotal do marido, que é o caso da própria Bispa Sônia. Existem também mulheres fundadoras de ministérios que, por vezes, nem casadas são e reproduzem a imagem recebida da bispa Sônia Hernandes, que se apresentava na TV, nessa época. O que nos parece é que esse espírito de autonomia foi o maior responsável pela explosão de pequenas denominações nas periferias, sobretudo em Carapicuíba. O desejo de crescimento ministerial e pessoal faz com que diversas pessoas submetidas aos valores de grandes comunicadores na TV passem a se aventurar no campo evangelístico.

Esse fenômeno de rompimento e polinização ocorre de forma cíclica, pois, como já observamos, vários dos líderes que temos na mídia são dissidentes de outras organizações tão grandes ou maiores, cujas instituições passam a atuar não mais

---

<sup>19</sup> GOUVEIA, Op. Cit., 1998, p. 60.

como instituições irmãs, mas como concorrentes no mercado da fé. Seja qual for o motivo do desentendimento das lideranças, invariavelmente estas se tornam o carro-chefe da nova instituição, como Edir Macedo, que foca – ou focava com mais intensidade – na proposta do exorcismo do "mau" e na prosperidade financeira. Enquanto R. R Soares prioriza as curas e a arrecadação para fins de evangelização, a Renascer tem como carro-chefe a música elaborada, parecida com o *show business* e profecias centradas na autoajuda. O que todas têm em comum é a captação de recursos financeiros, doados pelos membros.

### **1.3.1 Pentecostalismo ou neopentecostalismo, em que definição se encaixam as pequenas igrejas?**

Em 1987, Francisco Cartaxo Rolim<sup>20</sup> escreveu um livreto que visava explicar o que era o fenômeno do pentecostalismo. Apesar de superficial, ele nos apresenta algumas características marcantes do movimento pentecostal, surgido na *Street Azuza*, nos EUA, e no Belém, no Brasil, com as Assembleias de Deus, como já falamos. Baseado nisso, apontamos essas facetas:

- a) Os pentecostais são de origem pobre e semianalfabeta. Em sua maioria, os pentecostais historicamente faziam parte das camadas mais pobres e esquecidas, visto que os ricos e poderosos do Nordeste recebiam a "proteção divina" dos padres e suas visitas. Por isso, o alcance aos marginalizados foi profícuo. Essa gente de roça foi lembrada e saiu do *status quo* de ovelhas sem lã para filhos de Deus, tornando-se, muitas vezes, pastores e líderes.
- b) Eles são proselitistas e, em função disso, buscavam membros das outras religiões, normalmente católicos.
- c) Eles acreditam nos dons de línguas como sinal do processo santificador do Espírito Santo. Sem dúvida, a principal característica do Pentecostal é o falar novas línguas ao estar em transe. Além disso, profecias e outros dons carismáticos são a essência do movimento.

Pois bem, o neopentecostal tem parte das características do pentecostal; contudo, faz uso das mídias – rádio e TV – para proliferar sua mensagem. Esse grupo

---

<sup>20</sup> ROLIM, Francisco C. *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

surge na década de 1970 e 1980 com os dissidentes citados anteriormente e são denominados movimentos da segunda onda. Como se necessita de muito dinheiro e esforço para estar na TV, os líderes de pequenas igrejas não podem ser considerados neopentecostais. Além disso, há ainda a redução de intensidade das questões ligadas ao ascetismo dos pentecostais e neopentecostais, que já são menores neste último.

Nessa pesquisa, portanto, estamos considerando os líderes das igrejas pequenas de Carapicuíba como sendo de origem pentecostal. No decorrer dela, identificamos uma similaridade das igrejas em termos de comportamento e administração eclesiástica e teológica, esta última com sensíveis variações. A influência irradiada pelas grandes igrejas ocorre no meio delas por meio da permanência da cultura implantada pela teologia da prosperidade. Esses aspectos são óbvios e conscientes por parte dos líderes, pois sempre há reuniões específicas que ganham títulos ou objetivos, como o culto da conquista, da vitória, da prosperidade, da boa semente, etc.

Ricardo Mariano relembra Freston, mostrando a divisão que este fez acerca da dinâmica das três ondas do pentecostalismo brasileiro. No entanto, Mariano prefere nomear essas ondas em *Pentecostalismo Clássico e Deuteropentecostalismo*, usando a referência do livro do Antigo Testamento<sup>21</sup>. Ele usa o prefixo "deutero" para enfatizar, da mesma forma que o autor citado faz, demonstrando que a Lei anunciada nos livros predecessores não é uma nova Lei, mas a mesma que vem pela segunda vez. No caso, Ricardo Mariano explica que a segunda onda não é nada mais do que a primeira, com ênfases diferentes.

Usando as premissas e a data de 1970 para o início da terceira onda, denominada Neopentecostalismo, Mariano diz:

A terceira onda começa na década de 1970, cresce e se fortalece no decorrer das décadas de 80 e 90. A Igreja Nova Vida, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário canadense Robert McAlister, como escreveram Freston (1993: 96), Hortal (1994: 1) e Azevedo Júnior (1994: 7), está na origem das igrejas Universal do Reino de Deus (Rio, 1977), Internacional da Graça de Deus (Rio, 1980) e Cristo Vive (Rio, 1986). Estas três ao lado de Comunidade da Graça (São Paulo, 1979), Renascer em Cristo (São Paulo, 1986) e Igreja Nacional

---

<sup>21</sup> MARIANO, Op. Cit., 1999.

do Senhor Jesus Cristo (São Paulo, 1994), constam entre as primeiras igrejas surgidas no período.<sup>22</sup>

O que temos na periferia, de uma maneira matricial, é a junção de todas essas visões; porém, há ainda o acréscimo, ou o que podemos chamar de efeito colateral da evangelização via TV e rádio. As pessoas que são alcançadas por essas mensagens percebem, inconscientemente ou não, a linguagem semelhante de outras vertentes religiosas – não só a linguagem, mas também a simbologia empregada nos cultos da TV. Por exemplo, a sessão de descarrego da IURD e o Vale do Sal<sup>23</sup>; a obtenção de amuletos como rosas, pedras, vegetais, colares, lenços; a imagem de pastores como guias espirituais, cobertos de sabedoria inquestionável; o transe no momento de revelações, enfim, todos esses elementos caracterizam religiões de matriz africana e não são percebidos nas igrejas históricas. Estes são percebidos, de maneira leve, nas igrejas pentecostais e, a grosso modo, nas igrejas IURD e do Poder de Deus, mas são levados a um patamar mais elevado nas igrejas periféricas, dando a elas, muitas vezes, um caráter quase sincrético.

Sendo assim, os indivíduos atingidos por essa linguagem irão reproduzir e reinterpretar por meio de suas experiências as que tiveram antes do ingresso nas fileiras neopentecostais, na religião cristã. Haverá o preenchimento de lacunas encontradas no cristianismo por essas experiências anteriores, trazendo à religião cristã novos métodos de se alcançar o sagrado e receber dele os benefícios de que se precisa. Durante a pesquisa e o campo extraímos alguns perfis de líderes dessas pequenas igrejas, que crescem e, como dissemos, de forma cíclica se desfazem, dando origens a outras pequenas igrejas, o que vamos, em alguma medida, logo perceber nos perfis em seguida.

Ao invés de definirmos, ou chamar as igrejas de pequenas, poderíamos, considerando o que foi dito acima, chamar de igrejas esponjas em virtude da característica agregadora de novos conceitos e teologias. Contudo, elas não pescam novas ideias simplesmente de outras denominações, pois, usando a fala do apóstolo

---

<sup>22</sup> Ibid., p. 32.

<sup>23</sup> O ritual da sessão de descarrego apresentada pela IURD, remonta à imagem dos terreiros de Umbanda, que usam reza e ervas para tirar energias negativas dos seus “clientes”, enquanto no caso da religião de Macedo usa-se a oração. O Vale do Sal compõe a Sessão de Descarrego, em que os indivíduos passam pelo altar sobre uma fina camada de sal grosso, que simboliza a purificação e a repreensão das más energias.

Marcos Matheus Ferreira, na abertura da próxima seção, as ideias também brotam dos líderes e são, como preferem explicar, "reveladas pelo Pai da Eternidade". É isso que nos interessa, a busca dessa essência de cada líder. Aquilo que chamam de revelação divina percebemos como influência da ancestralidade e da religiosidade negra, já que as encontramos em líderes neopentecostais negros, tais como os que temos a seguir.

#### **1.4 Líderes de pequenas igrejas**

Nosso campo de estudo é extenso. Em Carapicuíba há uma quantidade de igrejas que se assemelha à quantidade de "botecos", uma característica das periferias. Em conversa com o ex-prefeito de Carapicuíba, Sérgio Ribeiro, ele detalhou a quantidade de igrejas que a cidade possui. Como é de orientação cristã e pesquisador das Assembleias de Deus, boa parte foi visitada por ele. Na nossa observação encontramos as mesmas igrejas, ora em um lugar, ora migrando para outra região, rachando, dando origem à outra igreja e, na maioria das vezes, fechando.

À medida que fomos percebendo que os traços desses líderes se entrecruzavam, decidimos, então, limitar a nossa pesquisa a um campo reduzido de duas denominações que possuem destaque em Carapicuíba: a Igreja Novidade de Vida (INV), que fica no bairro Vila Creti, dirigida pelo bispo Alexandre, e a Igreja Missão à Serviço do Rei Jesus (IMSRJ), no Centro, dirigida pelo bispo Francisco Neris. Nelas existem diversos modos de direção e diversos cargos. Abaixo listamos esses cargos e focamos nessas pessoas que conhecemos nas entrevistas e durante nossa permanência no seio da Igreja:

##### **1.4.1 O bispo Francisco Neris**

O que é um bispo na convicção neopentecostal? Na igreja Episcopal e na Católica, o bispado está ligado à autoridade administrativa de uma região. Dentro do nosso campo também é assim, mas acrescida da aura mística de uma autoridade espiritual maior. Ser bispo significa que o seu legado é muito mais poderoso do que dos crentes comuns. Além disso, traz uma carga hierárquica, pois nas igrejas que estudamos o bispo é o penúltimo cargo a se alcançar.<sup>24</sup> Há uma cerimônia para chegar

---

<sup>24</sup> O que vemos em análise nas nanas denominações é que existem hierarquias baseadas primeiramente no chamado e na vocação que a pessoa possui segundo seu próprio ponto de

a esse grau e, para alcançá-lo, é necessário que o pretendente tenha formado outros líderes e que seja especificado o seu local de atuação. Por último, ele deve ser reconhecido como tal por bispos de outras denominações, o chamado episcopal.

Como todas as cerimônias do tipo, a simbologia do óleo está presente, remetendo mais uma vez às figuras do Antigo Testamento. O azeite derramado sobre o indivíduo representa o Espírito Santo preparando-o para uma nova caminhada na fé. Voltando ao bispo Francisco Neris, vivi boa parte do tempo que frequento igrejas cristãs com esse personagem direta e indiretamente presente. Indiretamente, ele presenciou o momento do meu ingresso no seio da igreja neopentecostal, que ficava em Carapicuíba, igreja que conheci por meio da minha irmã do meio – ressalto isso para salientar que a primeira impressão que tive dele como líder veio da parte dela. Realmente, ele era como ela explicava.

O bispo era um homem entusiasmado pela fé que possuía, vigoroso no trabalho, carismático e enérgico em suas mensagens. Não na minha irmã, mas em mim, ele reforçou o meu interesse de me aproximar, pois era um líder negro, enquanto todos os demais pastores daquela denominação eram brancos. Depois de alguns anos, a igreja decidiu se dividir em sede e filial – essa última se localizava do outro lado da cidade e, assim, perdi o contato. Por causa de complicações, mais tarde ele se afastou do ministério. Posteriormente, o bispo voltou para a cidade de Carapicuíba e montou um ministério próprio. Segundo ele, Deus o havia separado para uma missão em especial; aliás, este era o nome do ministério, que começou a crescer.

Esse homem tem uma história de vida muito parecida com a de muitos negros que migraram das regiões interioranas dos estados brasileiros. Ele veio do estado do Paraná, de uma família grande e desestruturada, com pai alcoólatra e mãe de moral questionável, embora nunca tenha relatado abertamente o que passou. Ele migrou para São Paulo e trabalhou na indústria, vivendo normalmente como seus iguais, enquanto nos momentos de folga curtia a boemia e até se envolveu com a escola de samba Rosas de Ouro. Sempre, segundo ele, foi aplicado no trabalho e, em sua memória, consta que prosperava em tudo que fazia, sendo sempre otimista, querendo ser o melhor – e era – no que fazia. Era um exemplo. Porém, o bispo não se satisfazia

---

vista. O alcance das esferas mais altas, como se dá em qualquer empresa, deriva do tempo de casa e, antes disso, de demonstração da aptidão aos olhos do dirigente local.

intelectualmente e espiritualmente não se sentia completo; por isso, inclinou-se para a religião católica, mas o catolicismo, segundo ele, não supria suas necessidades e foi convidado a conhecer a Igreja Presbiteriana, começando aí sua caminhada de fé.

Como no trabalho, ele era ávido por aprendizado e logo foi feito obreiro. Mesmo sendo semianalfabeto, o bispo se tornou auxiliar do pastor e professor de escola bíblica em pouco tempo. Lá conheceu sua esposa, que pertencia a uma família branca e, como não poderia ser diferente, sofreu discriminação – outro fato obscuro de sua vida, que às vezes surgia na entrevista por meio de piadas e anedotas. Sua fé sincera o impulsionava ao episcopado que, na igreja Presbiteriana, é um processo difícil, que exige formação superior. Dizia que nesse período passou a ser o preferido da congregação em relação ao pastor oficial e, conforme dizia, sofreu retaliação deste, ficando muito tempo sem acesso ao púlpito. Nesse ínterim, o bispo foi assediado por diversos líderes de igrejas sem tradição histórica para ser pastor de suas congregações. Ele, por sua vez, permaneceu firme, sofrendo a disciplina pastoral. Ao ser liberado dessa disciplina, atendeu um desses convites e depois outros e outros mais, até chegar na igreja onde o conheci.

Como havia relatado antes, ele permaneceu alguns anos no ministério em Carapicuíba até quando rompeu de vez em razão de problemas que se estenderam até sua família, voltando, então, para a região do ABC. Foi lá que Deus, segundo ele, deu-lhe um chamado e a visão de uma nova denominação, revelando qual seria seu foco e como se estenderia pelo mundo, de tal forma que até as cores da igreja lhe foram concedidas: azul e branco. Em sua visão, ele alcançaria muitas nações e sou testemunha de que trabalhou muito para que isso acontecesse, sem sucesso até o momento – por causa de sua sinceridade, segundo minha impressão pessoal. Assim, ele voltou para Carapicuíba e começou a implantar sua igreja. Depois de alguns anos, eu rompi com a igreja onde eu o conheci e fiquei sem denominação. Alguns amigos meus estavam frequentando a igreja de bispo e logo me fiz membro, no mesmo momento em que entrei no Seminário Batista Nacional Enéias Tognini.

Foi lá que o conheci mais de perto, assim como suas aspirações. Servi lá como auxiliar de pastor e cheguei a obter cargo temporário de presbítero, algo como um pastor sem rebanho. A seguir, a história de mais quatro líderes que, com a exceção de um, se originam no ministério fundado pelo bispo Francisco Neris.

### **1.4.2 Apóstolo Marcos Matheus Ferreira**

Conheci o apóstolo Marcos Matheus Ferreira ainda no primeiro ministério que fiz parte. Serviu o Exército e era indisciplinado, rebelde como a maior parte dos jovens. Ele entrou no ministério por meio da noiva, uma bela negra com traços indígenas. Quando recebeu o batismo, passou a se envolver fervorosamente com os jovens de lá e trabalhou com eles. Isso, entretanto, ocorreu no período do segundo templo, quase no momento em que estava me desligando desse ministério. Não há um momento exato, mas Marcos vai parar no ministério do bispo, onde eu o encontraria mais tarde como líder dos jovens. Pouco tempo depois ele se tornou presbítero e assumiu uma igreja das filiais, em Itapevi, junto com outro pastor de fala simples e manso. O apóstolo era, ao contrário, impetuoso, visionário e se via em uma escalada hierárquica. Logo, era a cara da igreja local e foi consagrado pastor com pouco tempo de caminhada cristã.

Não foram poucas advertências que recebeu do bispo, muitas vezes sendo indisciplinado e tido por muitos colegas seus de ministério como fomentador de “revoltas” contra a liderança. Depois da última atitude indisciplinada, ligada ao mau uso das ofertas, o apóstolo rompeu com o bispo e criou sua própria denominação. Diferentemente da denominação do bispo, ele apresentou propostas mais próximas daquilo que acontece nas igrejas que têm programas na televisão: exploração de milagres, exorcismos e prosperidade, além da utilização de elementos místicos e inter-religiosos, usufruindo do sincretismo natural do brasileiro. Em pouco menos de dois anos, ele possui ao menos três filiais e alcançou, assim como sua esposa, o título de apóstolo que, segundo a hierarquia usual hoje, está acima do bispo.

### **1.4.3 O pastor Marcos Feitosa**

Sargento do Exército, o pastor Marcos Feitosa viveu sua infância entre o catolicismo e a umbanda com seus pais. Ele se casou com uma pessoa extremamente católica e passou, então, a frequentar as missas. Segundo ele, por sempre preferir o momento do sermão do padre, passou a estudar por si mesmo e entendeu que havia contradições teológicas em relação ao que o padre dizia e a Bíblia. Depois de um tempo, em razão de crises no trabalho e no relacionamento, se aproximou de uma denominação conhecida como A Igreja Internacional da Graça de Deus, do missionário R.R Soares, onde aprendeu a ser pastor com um pastor de lá. Foi auxiliar

desse homem até o momento em que certo pastor do ministério do bispo Francisco Neris abriu uma pequena igreja e fundou uma filial em Itapevi, onde residia, e este, por ser conhecido dele, pois a esposa desse pastor cuidava dos filhos do Sargento, pediu ajuda dele nos estudos bíblicos. O Pastor Marcos aceitou o pedido de ajuda, até que foi convidado a ser membro da Igreja, aceitando o convite.

Ainda sem cargo na igreja do bispo, o conheci quando minha esposa foi receber a instrução para poder ser batizada. Escutei o pastor Marcos pela primeira vez e ele obteve minha “aprovação”. Não sabia que iríamos trabalhar juntos, mas logo aprendi com ele o que era ser pastor, embora não seja mais hoje. Ele é líder nato e possui mansidão; porém, é enérgico na exortação e, além disso, prega com precisão cirúrgica, sendo sincero no que faz. O pastor Marcos, por causa de problemas com a quarta pessoa que irei mencionar, saiu da igreja do bispo, mas voltou, depois de dois anos, após a saída da quarta pessoa. Atualmente, ele exerce o pastorado lá, totalmente submisso às ordens do bispo.

#### **1.4.4 A bispa Sandra Sueli**

Nem me lembro se quando entrei no ministério do bispo a bispa Sandra Sueli já estava lá, mas tive bastante contato com ela. Ela veio da Renascer em Cristo, da bispa Sônia e apóstolo Hernandes. Por isso, herdou desse ministério a característica que possuía, acrescido ao fato de ser mãe solteira e ter 4 ou 5 filhas, sendo a autoridade da casa. Enfermeira de profissão, ela passou a exercer maior força no ministério do bispo a partir da sua aposentadoria. Dona de uma personalidade forte, característica de mulheres negras sofridas, a bispa fazia coisas pelo ministério que os homens não queriam se ater, razão esta que passou a ser braço direito do bispo informalmente, mas, formalmente, havia a cúpula organizacional da igreja, que era composta pela “trindade”: bispo, o seu irmão Anelino e o pastor Marcos Crus. A Sandra, hoje bispa, era a “mãe” de todos, no sentido do cuidado e, muitas vezes, com o poder de direcioná-los. Ela também fazia parte da cúpula organizacional com até mais influência do que os outros dois, mas informalmente.

Ela tinha uma família muito forte e influenciadora dentro do ministério do bispo. Suas filhas montaram um grupo de dança que passou a ser um ministério e, no final da passagem delas, tornou-se uma Cia de Dança. Muitas pessoas estavam com elas, mas era basicamente a terça parte da igreja. Uma de suas filhas se casou com um

rapaz que antes usava drogas e havia matado outro jovem por acidente, o que causou sua prisão, mas, convertido, passou a servir na igreja e, mesmo com conhecimento raso ou pouca experiência, se tornou líder dos jovens por causa da influência da sua sogra. Trabalhei com ele por uns dois anos. Como “4ª pessoa da trindade”, a então pastora Sandra Sueli não estava satisfeita, e esse moço, seu genro, a influenciou, segundo testemunhas, a romper com o ministério do bispo, saindo a terça parte da igreja sede junto com eles, que montaram um novo ministério, onde ela alcançou o status de bispa e consagrou seus três genros como pastores. Sandra tinha certa idade e não parecia que estava com energia para essa empreitada toda. Decorrido um pouco mais de um ano, eles mudaram de local duas vezes, o que resultou em novos começos. Além disso, algumas pessoas que saíram da igreja do bispo junto com ela voltaram.

#### **1.4.5 O membro**

Na verdade, ele não é líder, como o rótulo que pus diz. Ele não é absorvido por nenhum ministério neopentecostal, pois denuncia as práticas sincréticas dessas organizações, baseado na sua própria experiência nas religiões de matriz africana: Candomblé, Umbanda, Quimbanda. Logo, é um peso para os pastores que usam desses métodos de interlocução. Tive contato com ele por ser o Sargento meu amigo pessoal, que mencionou o nome dele para minha pesquisa. Como havia dito que precisaria ir a terreiros ele se assustou e se ofereceu para me relatar as coisas de lá, a fim de que eu não viesse a pisar nesses lugares que são a “residência de Satanás”, segundo boa parte das pessoas pensa.

Estas são, portanto, parte das pessoas com quem convivemos e que entrevistamos com a finalidade de percorrer com elas a caminhada que tiveram. O interessante desses indivíduos que foram mencionados e a narrativa de vida deles é que, excetuando o Sargento e o Renegado – chamo assim esse membro pelo fato de estar fora de igrejas por causa das brigas que causava, questionando movimentos sincréticos da igreja evangélica –, todos são negros; contudo, os últimos tiveram contato íntimo com religiões de matriz africana. De qualquer forma, o contato com o oculto, com a religião negra, se fez presente em todos de alguma maneira. Nesses encontros percebemos que apresentam na sua cosmovisão um pouco de África, o que

tem contribuído para o crescimento dessas pequenas igrejas, embebidas em uma percepção africana.

No próximo capítulo nos focaremos no caráter antropológico, discutindo a ideia do negro nas igrejas evangélicas e como isso foi tratado, englobando as tentativas de embranquecimento e a aplicação do eurocentrismo com o objetivo de apagar da mente negra a sua cultura, negando a sua contribuição à humanidade. Por fim, também será abordado o preconceito que o negro cristão sente em relação a sua cultura e a obrigação a que é submetido, pois forçado a demonizar tudo que é negro e da cultura afro por meio dos ensinamentos dessas igrejas da periferia.

### 1.5 As igrejas, o culto, o sacerdócio...

*Olha só a pergunta que (que) me fizeram agora a (há) 10 min atrás (atrás) [...] Matheus vc se espelha em alguém? Sim Jesus. Matheus vc copia alguém as suas ideias da onde? Sim copio Jesus e minhas ideias vem de Cristo (caixa alta original do texto) NÃO PRECISO COPIAR NINGUEM NÃO PRECISO VISITAR IGREJAS E NEM COLOCAR NA MINHA IGREJA IDEIAS DE OUTROS PASTORES. NA FIDELIDADE CRISTÃ E TUDO REVELADO PELO PAI DA ETERNIDADE.<sup>25</sup>*

**Ap. Marcos Matheus Ferreira**

Para abrir essa seção, que visa apresentar o universo propriamente dito do que é uma pequena igreja, não encontrei citação melhor do que a expressa acima. Nessa citação conseguimos expor algumas características que envolvem os líderes dessas comunidades; aliás, são eles que estudamos e, indiretamente, a organização e o empreendimento de fé que se propuseram a erguer. Nesse momento, iremos enfatizar duas informações implícitas no texto: a primeira está no momento em que expõe a pergunta que foi feita a ele, que sabe de alguém que o admira e, nesse momento, ele diz: “a resposta pertence a mim!”. A segunda é a autoridade profética<sup>26</sup> que atribui a

<sup>25</sup> Texto extraído da rede social do autor citado. Preferimos não alterar a grafia do texto, mantendo a formatação original da publicação. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marcosmateusferreira.mateus>>. Acesso em 16 dez. 2017.

<sup>26</sup> O termo "profético" é utilizado nas igrejas de várias maneiras, mas, nesse caso, tem o caráter xamânico, que remete aos antigos profetas retratados na Torá e na Bíblia cristã. Cabe lembrar que esses profetas veterotestamentários são retratados como homens capazes de transformar cenários, como Moisés, que abriu o mar, e como Elias, que fez descer fogo do céu e ordenou a seca sobre a terra de Israel. O poder que um profeta possui é, nesse sentido, de abençoar ou amaldiçoar.

si mesmo, como um oráculo. O que ele transmite ao seu interlocutor primário e a todos que leram sua postagem é “eu possuo um acesso direto com Deus, que não é o mesmo que vocês têm!”.

Estamos em "dias maus", para aproveitar a mesma ótica apocalíptica do Apóstolo Paulo, em Efésios 5: 16, e quem sofre maiores impactos é a classe mais baixa da sociedade. Apesar do que se tinha pensado, a ciência e o conhecimento crescente não definharam a busca pelo sagrado e a alimentação de crenças no geral; o que vemos, na verdade, é a mutação dessas convicções, adaptações e harmonizações. No cristianismo protestante, se é que podemos chamar assim, já havia tentativas de deixá-lo menos místico. Rudolf Bultmann tentou, explicando, a grosso modo, que tudo aquilo que não era explicado de maneira científica e lógica na Bíblia deveria ser descartado como verdade e reinterpretado buscando um sentido prático ou filosófico. Bultmann baseou sua teologia desse modo e, no meio ortodoxo, é rechaçado como herege.

Essas evoluções não pararam e nem pararão. Ao entrar nas igrejas do nosso campo, o olhar atento logo encontra divergências em relação àquilo que vemos em igrejas históricas. Podemos afirmar que há um sincretismo, sim, mas ele não está lá para todos verem; há uma penumbra que o encoberta. Ele não está disposto às claras como na umbanda e nem ainda como o distante – historicamente – sincretismo católico, mas ele emana, mesmo assim, do homem no púlpito.

Uma voz rouca ressoa no salão amplo, às margens da Av. Dep. Emílio Carlos, em Carapicuíba. Sempre houve uma igreja naquele local, antes Assembleia de Deus, depois Comunidade Betsaida e, atualmente, IMSRJ. Passando pelo pequeno estacionamento, subindo quatro ou cinco degraus, estará no *hall* onde homens e mulheres devidamente uniformizados abrirão um largo sorriso e apertarão forte a sua mão, dizendo "Seja bem-vindo"! Outra coisa que é peculiar nessa casa é a "unção com óleo<sup>27</sup>" em todos que adentram o templo. Eles pedirão educadamente permissão

---

<sup>27</sup> A unção com óleo deriva da carta de Tiago, irmão do Senhor, no capítulo 5, verso 15, que orienta essa ação no indivíduo que pareça estar doente. O texto sugere uma enfermidade que vem de um pecado ou de uma ordem espiritual. Nas igrejas é comum a unção em objetos e pessoas, além de questões específicas, como "unção para quebra de maldições" ou "causas impossíveis".

para impor a mão umedecida em óleo aromático sobre sua cabeça e será feita uma breve oração que visa abençoá-lo.

Essas pessoas que nos recebem são obreiras, genericamente falando. Este termo é empregado para se referir a diáconos, presbíteros e evangelistas e foi originalmente elaborado pela IURD, pois a organização tem uma hierarquia simples. Depois de passar por essas simpáticas pessoas, a primeira visão que terá é do altar que se estende por toda a largura do templo. Se chegar antes do início do evento poderá ver certa ansiedade dos obreiros para que tudo saia bem. Um obreiro, geralmente homem, sobe ao altar e se direciona ao púlpito, convidando todos os presentes a se curvarem em oração ao Todo-Poderoso, e quem pode obedece ao gesto.

Inicia-se, então, a especial noite da "Santa Ceia<sup>28</sup>". Igrejas históricas, como os Batistas, dizem que a ceia não é santa, pois é a Ceia do Senhor, tratando-a com um caráter memorial, uma vez que o texto bíblico orienta "...e fazei isso em memória de mim" (Lc 22:19). Já no nosso campo isso é salpicado com uma aura mística, que explicaremos mais adiante. O obreiro responsável pela abertura do culto lê um texto bíblico e entrega o microfone ao ministro chefe do louvor, que diz algumas palavras com intuito de motivar as pessoas em relação ao momento que está prestes a se iniciar, o louvor. Em seguida, as luzes se apagam e, à esquerda de quem assiste, enfileira-se um grupo de dança, com roupas reluzentes, composta majoritariamente por moças e um ou dois jovens homens. Eles estão coreografando a música que é tocada pela banda local, em que os músicos estão no meio e os *backing vocals* alinhados à direita. Por fim, executando a música com voz e violão está o bispo da igreja, Francisco Neris.

As músicas começam com ritmos mais alegres e vão descendo gradativamente até chegar a melancolia, enquanto o volume dos equipamentos é constantemente alto. A comunidade ali reunida não é unânime nas reações emocionais: alguns cantam sem muita expressão, outros se entregam à melodia, outros observam. Nessas igrejas o calendário é repleto de atividades, que ora visam à edificação espiritual, ora a angariar

---

<sup>28</sup> Instituída por Cristo e narrada em todos os quatro Evangelhos, a Ceia é caso de discórdia entre protestantes desde a época da Reforma nas questões de consubstanciação e transubstanciação. Hoje a questão gira em torno de a ceia ser ordenação ou sacramento. Para os neopentecostais, é implicitamente sacramento; para os tradicionais, ordenação.

fundos e doá-los. A IMSRJ, como o nome diz, é uma igreja voltada para missões evangélicas e, em seu calendário, há anualmente uma viagem ao Paraguai, levando alimentos, recreação às crianças e fé. Há também outras viagens de cunho missionário que acontecem esporadicamente.

Quando adentramos essa igreja que estudamos, nela parece fugir a descrição de pequena igreja; contudo, encontraremos no discurso do Bispo, ao tomar a palavra, o porquê dessa igreja ser pequena: "É muito bom quando chega o dia da Ceia pra nós, porque a gente passa muito tempo sem se ver... Alguns estão nas filiais em Itapevi, ou na COHAB e não nos vemos sempre. A Ceia é o momento em que a gente se junta". Essa igreja é composta por pequenas outras igrejas espalhadas. Nessa época, entre meados de 2016 e o início de 2017, todos os obreiros eram obrigados a comparecer no primeiro sábado – e se possível, com seus liderados – de cada mês para celebrar a ceia na sede. Existe uma lista de presença com o nome de todos os obreiros separados, até aquele momento, em sete fichas relativas às sete filiais existentes.

Assim, entendemos que essa igreja nada mais é do que pequenas igrejas que se reúnem de forma celular e todas reproduzem o mesmo modelo instaurado pelo bispo e presidente do ministério. Antes de voltarmos ao culto, há um dado muito interessante especificamente ligado a essa igreja: ela tem como objetivo se espalhar ao modo das organizações de Edir Macedo e Valdomiro Santiago e abre filiais onde puder abrir. No entanto, um fator interessante e corriqueiro é que, por vezes, membros ou pastores, por qualquer motivo, se apartam da liderança do bispo Francisco e dão origem a trabalhos distintos, como a Fidelidade Cristã, do apóstolo Matheus, a Comunhão de Adoradores, da bispa Sandra Sueli, e a Igreja Cristã Ágape, do pastor Anderson. Todas saíram da IMSRJ e, de alguma maneira, seguem as linhas desenvolvidas pelo Bispo Francisco. Essas igrejas estão relativamente próximas umas das outras, construindo um tipo de rede.

Voltando ao discurso que, nessa Ceia, trazia um tom de exortação e reafirmação da liderança estabelecida, a pregação foi iniciada falando sobre o amor e a comunhão, trazendo à tona a necessidade de estar junto como corpo. À medida que o discurso corria, o bispo Francisco viu a necessidade de tomar o tema da autoridade com mais ênfase e, das várias frases com esse teor, disse: "veja, Deus me escolheu para ser o anjo desta igreja; ele me orientou até mesmo as cores que usaria [...] assim,

Deus não vai falar nada com ninguém. Ele vai falar pra mim!". No decorrer do culto ficou claro que o Bispo se sentiu desafiado por alguém e, por isso, foi necessário um tom mais hostil. Algo que fica marcado na personalidade desse homem é seu carisma, que impede que as pessoas o recebam mal; aliás, ele fechou o momento com sua característica gargalhada, que convida a plateia à mesma emoção.

É interessante que tanto o bispo Francisco como o bispo Alexandre, que são considerados leigos, detêm um poder circunstancial no falar, na oratória, que cativa quem os ouve. Por vezes, pode faltar eloquência ou variedade de vocabulário, assim como uma boa gramática ao púlpito, mas, mesmo assim, despertam a reverência e a aceitação de seus liderados. As pessoas realmente creem que quem fala é o próprio Deus por meio de seu profeta, algo que nos indica uma necessidade natural da humanidade, que busca um xamã, um oráculo, um profeta, um babalaô para se consultar e saber a direção a tomar.

Dentro de uma pequena igreja, o teólogo tradicional encontra divergências, pois as igrejas históricas, desde a Reforma, não aceitam outra fonte senão a Bíblia. Nessas igrejas, a Sola Escritura permanece, mas à mercê da interpretação casual e pontual do profeta da noite. Esse profeta visita os textos bíblicos como o bispo Francisco fez, atribuindo um significado pontual, enquanto o teólogo tradicional, ou reformado, exporia a teologia bíblica e seu significado literal<sup>29</sup>, gramatical e histórico e, depois, faria a aplicação dos ensinamentos contidos nas Escrituras. Para o teólogo não existe inspiração na pregação da mensagem, pois isso houve quando ela foi escrita; ao mestre, que a ensina, foi dada apenas a iluminação. Porém, para as igrejas e para os líderes estudados aqui, a palavra lhe foi revelada e inspirada, dando uma característica sagrada à fala deles.

Nesse capítulo buscamos expor de maneira geral a perspectiva que tivemos acerca dos cultos afro e a dos cultos de cunho cristão e, assim, partir para a entrega dos resultados, ou seja, das paridades encontradas e das trocas simbólicas. Daqui em diante o que traremos é a descrição dos cultos e dos momentos que encontramos sendo movimentados por esses líderes cristãos negros.

---

<sup>29</sup> A exposição do significado literal seria feita se o texto assim mostrasse. Por exemplo: Jesus cuspiendo no chão fez lodo, untou os olhos do cego e disse "vá e lava-te no tanque de Siloé...". O significado é literal e pontual naquele momento da ação do Filho de Deus, diferentemente quando diz: "Se teu olho te faz pecar, arranca-o e lança para longe de ti".

## 2. SEM ALMA, SEM MEMÓRIA, SEM PELE E COM FÉ

*A experiência do tráfico eliminou registros dos lugares de onde eles saíram, redefinindo-os em etnias genéricas (como Mina, que na verdade se refere aos embarcados na costa da Mina). Os traficantes fizeram os negros escravizados darem voltas em torno da Árvore do Esquecimento para zerarem suas memórias, apagando assim o rastro de suas histórias. Os negros da diáspora passaram pela Porta do Não Retorno para que nunca sentissem a vontade de voltar, foram separados em lotes onde se presava a diversificação justamente para que não se entendessem.<sup>30</sup>*

Na contramão dos discursos que tentam descaracterizar, ou amenizar fatores como racismo e colonização no movimento cristão, buscando encobrir esses fatos históricos, é nítido em qualquer núcleo social de países como o Brasil que o homem de cor, o negro, é um cidadão de segunda classe, tido como bestializado, tal qual exprime obras como *Casa Grande e Senzala*, ou romances de Jorge Amado, em que os negros são figuras que sempre precisam de tutores que os ensinem o bom trato ou benfeitores que lhe comprem a liberdade, como se o negro não pudesse por si só criar, pensar ou desenvolver-se.

Tanto na literatura quanto na vida real, o negro só é valorizado a partir de serviços prestados ao bom homem branco. O homem negro deve render graças constantes ao patrão, pois este foi muito bom ao lhe dar um emprego. A mulher negra, por sua vez, sofre revés pior, já que precisa cuidar de bens da sua patroa em detrimento de suas próprias coisas e, além disso, é preterida por todos os lados na vida social, seja na relação com seus iguais ou com os brancos. Angela Davis expõe essa realidade nos EUA, e é cabível perfeitamente no nosso contexto, quando diz:

O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido nos primeiros anos da escravidão. Como escravas essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Esse trecho da obra de Lázaro Ramos se trata de uma entrevista concedida pela escritora Ana Maria Gonçalves, transcrita pelo autor com a finalidade de ilustrar a questão da complexidade da identidade e da historicidade do povo negro da diáspora. Cf. RAMOS, Lázaro. *Na minha pele*. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 49.

<sup>31</sup> DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. [Ebook].

Porém, o que é isso, um discurso de vitimização? Não; é uma verdade. O negro é considerado um cidadão de segunda classe, seja pelos outros ou por si mesmo. Dentro da igreja cristã ele vai aparecer desse modo, lembrando que o protestantismo tem origem na Europa, a mesma que colonizou e estuprou a África e, se rememorarmos a dor, veremos que ela se estende aos seus descendentes aqui. *500 anos do início da Reforma Protestante na Alemanha e "500" anos do início do calvário negro no mundo*. Um saber não negligenciado dos descendentes da Reforma Protestante é o ato de certo monge que, na sua clausura emocional e física, se atentou para Escritura em Romanos 1: 17, que ecoava as vozes dos velhos profetas das longínquas terras da Judéia: "O justo da fé viverá!".

O que importa no ato de Lutero 500 anos depois? Importa que a mesma ira que se acendeu em Jesus, registrado por Mateus, 1500 anos antes de Lutero, aquela que dizia: "Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entraís nem deixais entrar aos que estão entrando", demonstra que o Evangelho de Jesus é aquele que não se alcança por meio de valores monetários nem culturais. Ademais, Lutero demonstrou que a atitude de Jesus, por meio da sua mensagem, também foi reformadora, uma vez que, além do seu viés religioso, ligado ao propósito divino, Jesus mostrara em seu discurso que pobres e ricos estavam em pé de igualdade.

Contudo, ao contrário disso, por causa da falta de compromisso do povo israelita ao longo dos séculos da história de Israel, os piedosos dentre eles foram formando castas por meio do estudo, elitizando-se e separando-se do povo comum ao criarem nessas castas costumes e usos que se tornaram impraticáveis para a sociedade não eclesiástica, a mesma que era constituída por pescadores, carpinteiros e ceifadores, a que foi chamada: "plebe maldita que não conhece a Lei". Essas castas respondiam nos tempos pelo nome de *fariseus*, *escribas*, *saduceus*, cada uma delas convicta de que seus valores e preceitos eram os verdadeiros e, embora brigassem entre si, se uniam contra o povo.

E não foi contra as mesmas castas com quem Lutero lutou? Sim, com o nome de *papas*, *cardeais*, *bispos*, *padres* e toda a estrutura hierárquica da Igreja de sua época. Lutero fez como Jesus no primeiro século, que se uniu com a plebe, ou a classe não eclesiástica e também com alguns nobres e clérigos que facilmente caberiam na roupagem de Nicodemos ou daquele escriba que grita: "Te seguirei onde quer que

fores", crendo ou não nos Evangelhos, independentemente de a reforma ser religiosa ou política, pois onde quer que exista a necessidade de uma Reforma, o Eterno irá prover o meio pelo qual ela ocorrerá. Foi assim na África do Sul com Steve Biko e Nelson Mandela e nos EUA com Malcolm-X e Martin Luther King.

É proposital lançar esses quatro nomes nesse momento, uma vez que eles servem como sentença de transição em um sermão e como tumbeiro sobre o Atlântico. No mesmo momento em que os grilhões da prática religiosa eram quebrados na Europa, grilhões pesados eram fechados nos pescoços e membros de homens, mulheres e crianças de pele luzidia, os mesmos povos que foram representados no Salmo 68 pelos egípcios e etíopes, recebendo a promessa: "Príncipes virão do Egito; a Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos!".

A população africana foi sequestrada de sua terra, da mesma forma que os israelitas do reino do Norte pelos assírios e os judeus pelos babilônicos, mas sem a oferta dos manjares que recebeu Daniel e seus amigos; antes a chibata, as correntes e o porão úmido e humilhante daqueles transatlânticos precários onde eram transportados como mercadorias, empilhados imóveis. Não conseguimos descrever o que foi essa experiência. Até tentou Castro Alves, sentado em sua macia poltrona de escrever, mas os suplícios sofridos por essa plebe que não conhecia os sacramentos e logo também era maldita são inimagináveis. Também não sabemos ao certo quantos morreram ou quantos, se é que dá para dizer que é sorte, tiveram a sorte de sobreviver, pois onde quer que chegassem para serem escravos, enfrentariam violências e estupros corriqueiros.

Nei Lopes, em seu livro *Bantos, malês e identidade negra*, cita que: "Em 1442, (Ki-Zerbo [s.d.], I, p. 260) o português Antão Gonçalves, na costa da Mauritània atual, teria sequestrado um casal de africanos, apenas para comprovar que realmente havia estado no "País dos Negros"<sup>32</sup>, e que aí estava a primeira modalidade de sequestro e escravidão do povo negro. Coincidindo com o início do tráfico negreiro, o ano de 1517, que marca a Reforma Protestante, também marca o começo do comércio propiciado pelos portugueses, primordialmente nas terras de Senegâmbia e Serra Leoa.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> LOPES, Op. Cit., 2006, p. 41.

<sup>33</sup> Ibid.

Se fossemos até Benin encontraríamos uma via crucis negra, onde se pode compreender os passos de populações de tribos e famílias que foram arrastadas para os navios para servir aos interesses econômicos dos povos ocidentais. Em Benin, encontra-se um monumento que representa o destino que tiveram os negros que passavam pelo litoral rumo às Américas. Lá está um portal, chamado Portal do Não-Retorno, que era a última visão de África que os escravizados tinham, pois nunca mais ali poriam os pés. Há também a representação da Árvore do Esquecimento, onde homens davam nove voltas e mulheres sete para esquecerem, durante a travessia transatlântica, a sua terra, não terem o desejo de voltar e, quem sabe, não serem acometidos pelo "banzo", a depressão dos negros.

Os negros chegaram escravos nessa terra e, em 1888, foi proibida a escravidão no país onde estamos. Desde então, os ex-cativos tentam ser reconhecidos como cidadãos, ativos e contribuintes para o crescimento da nação. Porém, eles têm sido movidos da Esquerda para a Direita, servindo aos interesses da mesma elite que só veste cores diferentes. Precisamos entender esse processo de busca pela cidadania, a necessidade de ascensão social do povo preto e como ele aparece e serve de argamassa, no nosso caso, no crescimento da religião cristã a partir das pequenas igrejas.

Demos uma grande visada para o passado para observar a relação já antiga do negro com o protestantismo e com a religião europeia. Isso foi necessário para pensarmos com maior propriedade na questão da dissolução da cultura negra para reconstruir outra cultura legítima e embranquecida o suficiente para comportar o cristianismo europeu. Agora, ao entrar no universo do pentecostalismo de periferia, das pequenas igrejas, onde encontramos o negro evangelizado e condicionado a seguir os padrões da religião cristã, encontramos também a questão de sua existência, que permeia suas convicções. É fato que encontramos, no contingente afro-brasileiro cristão, pessoas que não são a primeira geração a professar essa fé, pois encontramos também pessoas da segunda e terceira geração da fé cristã.

Os de primeira geração são aqueles das primeiras hordas do pentecostalismo clássico, o que já tratamos no primeiro capítulo. Obviamente, os primeiros lá em Belém dificilmente devem estar vivos, mas seus costumes iniciais ficaram por muito tempo enraizados nas gerações posteriores. Quando falamos da primeira geração, nos referimos aos pioneiros da família próxima, pais ou mães a aceitar a confissão. Estes

são de um comportamento relativamente aberto, no que diz respeito ao convívio social com pessoas que não compõem a mesma matriz religiosa, pois têm a família mais distante – irmãos, pais, primos – ainda ligada a outras convicções religiosas. Além disso, os primeiros atos de evangelismo ou proselitismo irão alcançar essas pessoas.

Contudo, essas pessoas de primeira geração são muito mais fechadas em termos religiosos e de práticas. Interessante notar que esses pentecostais que são da primeira onda não estavam ligados a ações de convívio social, uma vez que não iam ao teatro, cinema, praias, clubes, bailes, futebol, isto é, não faziam nada que não fosse estritamente religioso. Esse ascetismo é característico dos pentecostais de primeira onda, o que ainda podemos encontrar, mas está enfraquecido. Outro aspecto que contrasta com o ascetismo desses grupos é a persistência de costumes e práticas veiculadas pelo catolicismo popular, em que a rigidez de costumes é desafiada pelas superstições e medos do desconhecido que acabam por gerar interpretações à parte da fé que professam.

Os descendentes da primeira geração tendem a ser menos rígidos e, diferentemente de seus pais, buscam uma interação maior com os de fora da fé. Normalmente, eles crescem sob forte pressão e acabam por sair dessas igrejas tradicionais e a compor as fileiras das igrejas mais brandas e sem tantos costumes e exigências, cujas matrizes acabam sumindo e não são perceptíveis. Observemos que tanto a primeira como a segunda geração possuem influência da comunidade negra e das religiões de matriz africana, mas há a questão da legitimação, que explicaremos mais adiante.

Aqui, como previamente anunciamos, trataremos da transformação que o negro sofre ao adentrar as portas dessas igrejas. Fazendo isso – posso me considerar como objeto de estudo aqui também –, caio em minhas memórias de infância, algo que é bem raro em alguns aspectos, mas que servirá de fio de meada que nos abrirá as portas para a análise que Frantz Fanon fez e que aplicaremos no nosso objeto de estudo. Eis um sonho que tive por volta dos 4 anos de idade e que nunca saiu da minha memória:

De modo abrupto, vi diversas crianças correndo ao meu encontro, entre elas, meus próprios amigos contemporâneos, que variavam de idade em relação a mim, mas todas eram crianças de até 7 anos. E da mesma forma e com a mesma velocidade, me vi como fora do corpo (coisa típica de sonhos) observando a cena das crianças alegres por me verem, pois

o sentimento era de que eu era um adulto que brincava, e também dava doces e coisas que crianças gostam, isso mesmo, no sonho eu já era adulto, e meus amigos continuavam crianças. Quando fora do corpo me voltei para o meu ser adulto, vi um homem branco, com cabelos negros e barba cerrada que sorria mansamente com os pequenos, tal qual a representação de Jesus nos folhetos distribuídos pelos Testemunhas de Jeová.

O que tem de mais? Hoje, 30 anos depois, eu sou adulto, mas um homem negro, calvo, de barba por fazer. O que será que fez meu inconsciente formular em mim mesmo, na década de 1980, um adulto bem quisto, mas branco? Frantz Fanon nos dá as pistas:

Em uma época em que a dúvida cética tomou conta do mundo, em que, segundo os dizeres de um bando de cínicos, não é mais possível distinguir o senso do contra-senso, torna-se complicado descer a um nível onde as categorias de senso e contra-senso ainda não são utilizadas. O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano. Veremos, ao longo desta obra, elaborar-se uma tentativa de compreensão da relação entre o negro e o branco.<sup>34</sup>

O que percebemos em Fanon como o incômodo que o queima é o ódio que se irradia das mentes que distinguem o homem negro do ser humano e passam a atribuir a esse homem negro um ser diferente, um humanoide que parece ser homem, mas se enrosca no momento em que se percebe a sua cor de pele. Daí cabe ao próprio ser negro se adaptar a essa realidade ou fugir dela. Adaptar-se seria tornar-se branco; fugir seria matar-se. Já que o contexto liga Fanon aos colonizadores franceses em Martinica que, por meio da guerra, ensinaram o ser branco com a violência, podemos, da mesma maneira, apresentar a violência da colonização no contexto das pequenas igrejas, em que a colônia se faz presente na mente dos convertidos.

Tal colônia se inicia no Porto sem Volta, pela porta do não retorno, onde bípedes são conduzidos por outros bípedes para se tornarem escravos. Naquele momento o que diferenciava as duas espécies de bípedes era a pele sem pelos, alva, e a pele luzidia dos cativos. Na terra para onde fomos trazidos fomos feitos de animais de carga, meretrizes, gado de corte e "taboa de tiro ao alvo". Essa última característica não mudou, mesmo depois de quase um século e meio da abolição da escravatura,

---

<sup>34</sup> FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

pois nesses 129 anos, 62 dias, 13 horas e 26 minutos, o povo negro tenta incansavelmente ser um cidadão aceito na Pátria Amada.

Muitos de nós se fizeram bons crioulos, pretos de alma branca, "pais João" e capitães-do-mato, em uma tentativa de serem aceitos, ou simplesmente ter a migalha maior que caía das mesas da casa-grande. Foram diversos caminhos para isso, foram diversas as formas de negar ou esconder a sua gente de origem, a sua terra de origem; contudo, não foram somente as carcaças humanas que saíram do porto de Benin, mas a sua cultura que, por vezes, escondida e amordaçada, emergia de forma bela, como os versos de Candeia:

Hoje é manhã de carnaval (ao esplendor)  
 As escolas vão desfilar (garbosamente)  
 Aquela gente de cor com a imponência de um rei, vai pisar na  
 passarela (salve a Portela)  
 Vamos esquecer os desenganos (que passamos)  
 Viver alegria que sonhamos (durante o ano)  
 Damos o nosso coração, alegria e amor a todos sem distinção de cor  
 Mas depois da ilusão, coitado  
 Negro volta ao humilde barracão  
 Negro acorda é hora de acordar  
 Não negue a raça  
 Torne toda manhã dia de graça  
 Negro não se humilhe nem humilhe a ninguém  
 Todas as raças já foram escravas também  
 E deixa de ser rei só na folia e faça da sua Maria uma rainha todos  
 os dias  
 E cante o samba na universidade  
 E verás que seu filho será príncipe de verdade  
 Aí então jamais tu voltarás ao barracão<sup>35</sup>

Aqueles que faziam força para esconder sua cultura por vezes deixava aparecer as contas dos colares de Ogùn, ou a borda das saias de Yánsàn. Nas igrejas neopentecostais contas e babados aparecem corriqueiramente, não são mais ocultas, mas disfarçadas. Esse casal de Orixás está bem presente, por exemplo, nos "cultos de fogo" realizados nessas igrejas.

Em uma das poucas exposições de sua vida dura em igrejas presbiterianas, o bispo – do primeiro capítulo – deixou claro que a família de sua esposa não aceitava a união por causa da sua cor: "A minha sogra não gostava muito de mim não, era

---

<sup>35</sup> Antonio Candeia Filho, carinhosamente conhecido como mestre Candeia, lançou seu primeiro álbum em 1970. Nele continha a letra da música exposta aqui, "Dia de Graça". Candeia sempre procurou em suas letras enfatizar e expor questões sociais, além da cultura negra. Candeia nasceu em 1935 e veio a falecer em 1978.

[negão], mas o que ela podia fazer? A filha dela se apaixonou pelo negão aqui...". Dizia ele em meio à gargalhada que lhe é característica.

Sim, estamos falando de identidade suprimida, ou a falta de identidade. Quanto a isso, fora das igrejas já começa a despontar uma nova onda de valorização afro, depois de bordões como o "Negro é lindo", de Steve Biko, no inferno que era o Apartheid na África do Sul, que ganhou expressividade no Brasil com a música de Jorge Ben, ou a grife do 100% Negro dos anos de 1990. Hoje as mulheres negras largam os alisamentos e já têm cosméticos voltados à beleza negra, à sua aparência. No entanto, ainda vemos homens negros ascendendo socialmente e levando consigo mulheres brancas já da alta sociedade, o que podemos ver nos atletas, empresários e simples encarregados de chão de fábrica.

A miscigenação no Brasil e a valorização da cultura matriz estão fortemente ligadas à questão do status social e, no caso do negro, é símbolo de status estar com uma mulher branca, enquanto a mulher branca hipersexualiza<sup>36</sup> o homem negro e o apresenta como uma certificação de "não racista" no currículo social.

Por fim, esta é outra tese sobre a qual não nos aprofundaremos, pois temos a intenção de jogar luz sobre a realidade ainda introvertida do ser negro, da sua existência ao lado de seus iguais mais claros, como a representatividade, ou a falta dela. A ausência de representatividade causa efeitos angustiantes em uma criança que recebe alcunhas e músicas parodiadas que ressaltam suas características étnicas, a exclusão de eventos sociais ou a discriminação da mulher negra deve deixar o cabelo mais "arrumadinho" ou do homem negro que é excluído de uma seletiva por não ter "boa aparência". Como diz Lázaro Ramos, no seu recente livro, *Na minha pele*<sup>37</sup>: "Nos anos 1970, todo negro sabia o que essa expressão queria dizer".

Como essas situações são dolorosamente visíveis aos olhos do mais leigo e ao sentimento do mais distraído, sigamos vendo esses aspectos dentro do universo neopentecostal. Lá o negro não só sofre discriminações externas como também internas, sendo reduzido e remoldado. Quando mais jovem, ao entrar pelo Átrio do santo dos santos, sempre questionava a mim mesmo a falta de algo que lembrasse

---

<sup>36</sup> MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014, p. 194.

<sup>37</sup> RAMOS, Op. Cit., 2017, p. 27.

do que sou: negro. O catecismo natural de qualquer denominação neopentecostal tem como ideia máxima se desvencilhar de qualquer contato com seu local de origem, não geográfica, mas ideológica ou religiosamente falando. A norma é: "Não volte ao Egito<sup>38</sup>". Embora seja sempre um imperativo, "voltar ao Egito" assume nuances e contornos característicos em cada líder.

Em uma das reuniões que visitei, uma igreja que tem como vizinha uma oficina mecânica e faz frente com um prédio da prefeitura, tem suas paredes pintadas com um tom de azul bebê e paredes decoradas com cartazes ou pinturas de versículos bíblicos, e seu líder é um homem alto, de traços negros, que lembra bastante o tipo do Valdomiro Santiago – acho até que se via nele. Anteriormente, esse homem seguia o caminho de toda terra, era baladeiro e bebedor de cerveja barata. Enquanto dava o sermão, ele notou um jovem negro que ostentava uma barba precisamente desenhada e curta. Não se contendo, olhou para ele e disse:

Quando eu era do mundo, vivia no forró, era vaidoso, só vivia na estica... Tinha o cabelo longo, todo enroladinho até o ombro e a barbinha desenhada (esticando o pescoço e o beijo com a mão no queixo em direção ao jovem), assim igual a você, mas agora que sou homem de Deus, ando assim, com o rosto liso.

Vemos que, na significância desse líder, a aparência falava muito a respeito do seu grau de espiritualidade, tal coisa, claro, herdada dos pentecostais como David Miranda.

Muitas coisas me surgem à memória enquanto escrevo sobre a questão da identidade negra nas pequenas igrejas pentecostais. Certo dia estava dirigindo em Carapicuíba no horário da entrada da escola onde estudei a vida toda, a Escola Estadual Dr. Benedito de Lima Tucunduva. Como sempre, os alunos vestiam os uniformes dos mais baratos possíveis e seguiam pela rua principal, enchendo a via e as calçadas. Me via ali anos antes, mas indo por outro caminho. O que eu não veria eram as jovens negras como vi naquele momento: cabelos afros e secos montando o *black power*, olhar altivo e confiante, por vezes sozinhas, mas vaidosas. Pensei o quão

---

<sup>38</sup> A expressão Egito não se refere ao país propriamente dito, mas o que ele significa. No caso, faz alusão à história bíblica que conta que o povo de Israel ficou 400 anos como escravo dos faraós e se viu livre desse jugo por meio de Moisés. Em dado momento, o povo, sedento e faminto, se lembrou da comida e das migalhas que tinham quando eram escravos de faraó e desejaram voltar à servidão. Logo, voltar ao Egito seria viver como antes, em pecado.

libertador teria sido para as adolescentes negras da minha época essa "moda" de valorizar a estética negra.

Hoje possuímos livros, heróis fictícios negros, mas quando cresci e me vi contemplativo a pensar minha identidade, sabendo que era negro. O que isso significaria? Um amigo certa vez chegou até mim e me disse que temos o pior problema de beleza de todos, o de termos nascido negros, pois ele insistia: "o negro não é bonito" e, para virar piada a argumentação, emendava: "e você ainda é mais feio que o normal" e gargalhava. Isso me perturbava muito, mas não tinha argumentos contrários para combater essa opinião dele. Eu mesmo tinha sonhos de ter uma namorada com traços europeus, cujo rosto ficasse rosadinho com o frio. Lembro que a primeira menina por quem me apaixonei não era bonita, mas era a mais clara possível. Por muito tempo via essa moça subir e descer a rua paralela a minha e me perguntava porque tinha gostado dela.

O fato é que, nós, negros, sempre fomos preteridos, e as mulheres negras mais ainda, porque o são até pelos homens negros. Somente aos 16 anos, enquanto estudava à noite, uma negra de 1,60m me escolheu para seduzir, mas era cristão e religioso demais para deixar-me convencer e tomá-la por minha namorada. Porém, depois daí era a tez luzidia que eu queria. Obviamente, era outro contexto, pois estava nas rodas de Capoeira, onde as músicas falavam de Zumbi, Ganga Zumba, Besouro Mangangá e a guerreira de Palmares, Dandara. Sendo assim, estava inserido no universo negro e os meus valores passaram a ser ligados a essa dimensão, o que me fizeram procurar entre os crentes algo que se parecesse comigo e fosse autenticamente negro – que decepção foi a minha.

Bom, isso não é uma biografia, então sigamos. É fato, no entanto, que essas coisas ditas giram em torno de um homem negro cristão. Logo, se o referencial do negro não pode ser o negro, busca-se outro modelo. Na igreja ser negro é não ser um cristão legítimo, dado que o estigma de ser o serviçal é inerente a essa identidade. Já perceberam a necessidade de que o crente tem de estar vestido de roupas "sociais" nos cultos no domingo à noite? Há denominações que impedem que um cooperador, obreiro – algo como um coroinha – trabalhem no culto se estiverem sem gravata. O Sargento (lembra dele?) chegou a tirar a dele e me dar, depois que argumentei que não usava porque nem tinha. Aceitei porque o respeito e tenho como irmão, usei duas vezes até...

Há um enquadramento que todo crente passa. É verdade que denominações como a Renascer em Cristo e a Bola de Neve enfatizaram e valorizaram a diversidade; contudo, essas denominações não estão presentes nas periferias em massa; ao contrário, estão as que estamos estudando. Veja só: em uma das entrevistas, perguntei ao bispo Alexandre, de uma das igrejas em Carapicuíba, o que ele achava de samba na igreja, obviamente o ritmo negro e sempre associado a manifestações como o carnaval, onde mulheres seminuas destilam sensualidade. Seria difícil imaginar uma bateria da Vai-Vai no culto cristão; contudo, especifico que é ao ritmo a que me refiro. Não houve resposta, mas um desconforto que demonstra a inquietude de uma alma que ainda é assombrada pelos tambores, mas que tende a abafá-los com as “verdades” aprendidas que julgam o ritmo derivado da resistência cultural negra como “coisa do diabo”.

Mesmo o outro bispo, o Francisco Neris que havia sido frequentador das rodas de samba da Rosas de Ouro, escola de samba de São Paulo, via com desprezo, se não desprezo, com certa inquietude. O samba, a seu ver, como deixava implícito na sua atitude, serviria como um momento de descontração, convertendo músicas normais da liturgia de culto em um ritmo negro. O bloqueio à sua própria raiz era, nesse sentido, presente. Faço esse tipo de pergunta sempre que possível, pois deixa claro, por meio de respostas verbais ou não, o nível de mutilação cultural dos entrevistados.

Algo muito interessante encontrei em Steve Biko<sup>39</sup>, que lança luz no que acontece aos negros brasileiros nas igrejas neopentecostais e foi diagnosticado na sociedade negra da África do Sul, em 1970. Hoje ele é um dos heróis da comunidade negra em todo o mundo. Em 1972, ele proferiu uma palestra na Conferência dos Ministros Religiosos Negros nesses termos:

Todas as sociedades, na verdade todos os indivíduos antigos ou modernos, jovens ou velhos, se identificam com uma determinada religião e, quando não há nenhuma, criam uma. Na maioria dos casos, a religião está intimamente ligada ao demais traços culturais de uma sociedade, o que em certo sentido, torna a religião uma parte integrante do padrão de comportamento dos indivíduos. Assim, devido à forte identificação que tem com ela, as pessoas são cerceadas pelos limites

---

<sup>39</sup> Steve Biko era estudante de medicina e foi ativista na África do Sul de 1960 a 1970. Como Mandela, lutava contra o Apartheid. Foi espancado pelas autoridades, mas a necessidade de um médico foi ignorada e, por isso, quando conduzido ao hospital, chegou morto.

de seus ensinamentos. Quando as pessoas são submetidas a uma religião em desacordo com suas características culturais, logo se pode notar entre membros atitudes de descontentamento e, às vezes, até mesmo uma oposição aberta. Por isso, podemos dizer que a maioria das religiões é específica e, precisa ser suficientemente adaptáveis para transmitir mensagens relevantes a pessoas diferentes, em situações diferentes."<sup>40</sup>

Biko expõe a necessidade inerente ao ser humano de possuir algo que lhe sirva de guia ou sane as suas dúvidas, preenchendo lacunas da vida social do ser. Além disso, mostra que, a seu ver, o que acontecia com os cristãos negros da África do Sul era a desconstrução da realidade cultural deles para a construção da realidade cultural e cosmovisão europeias. A parte crítica é a atenção que o herói lança sobre esse "cerceamento", que provoca o desagrado dos membros, que desejaram a mudança.

Steve percebe que as religiões podem acrescentar informações úteis, mas que, para isso, a religião deve falar a língua do povo a que se dirige e, assim, não geraria as guerras ideológicas. Tal processo também não ocorreu com o cristianismo no Brasil; antes, como dissemos, o evangelho chegou nos moldes europeus e americanos, trazendo sua carga cultural e aplicando-a ao ouvinte. Quando perguntados acerca do que seria um homem de Deus, por exemplo, os entrevistados formularam respostas que eram quase sempre assim: "O homem de Deus tem que ter *fruto* (boas obras)<sup>41</sup>".

A expectativa pode ser frustrada ao receber essa resposta; no entanto, ao insistir pela definição sobre o que significa ter fruto, ou boas obras, obtivemos as características que definem um homem de Deus. Esses frutos beiram a questões morais e a padrões de comportamento, de linguagem. Em determinado momento, afirmei que os padrões comportamentais e de vestuário eram baseados na cultura dos nossos primeiros missionários e dos fundadores da Igreja Pentecostal em Santa Barbara D'oeste, ao passo que houve concordância com o acréscimo de que também havíamos herdado a liturgia da Igreja Católica Romana – algo do qual discordo.

Uma das conversas mais interessantes que tive não foi com um pastor, mas com um diácono que conheci nas minhas andanças. Apesar de vê-lo frequentemente por aí, não nos falávamos. Eu tinha seu contato e, como percebi que era bem ativo na

---

<sup>40</sup> BIKO, Steve. *Escrevo o que quero* - uma seleção dos principais textos do líder negro Steve Biko. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

<sup>41</sup> Pergunta feita ao Bp. A. fundador e dirigente da igreja P. C em Carapicuíba.

igreja onde estava inserido, decidir saber a opinião dele a respeito, até porque o tempo dos líderes era escasso e demorei-me muito na coleta de dados e nas entrevistas. O fato é que fiz a mesma pergunta para ele e obtive a mesma resposta óbvia. Eu sabia disso, mas também sabia que poderia surgir em sua mente algum discurso programado pelo seu líder. O que me surpreendeu em sua resposta é o que coloco de maneira literal, com suas próprias palavras:

... eu até entendo que muitas pessoas foram doutrinadas por ministérios que literalmente cauterizavam todo e qualquer tipo de pensamento aberto e opiniões externas, pois alguns líderes gostam de controlar mentes...<sup>42</sup>

Essa colonização, ou controle de mentes, permite que tais pessoas se eximam de pensar por si só sobre os valores que possuem, ao invés de acrescentar como verdade em seus conhecimentos a "doutrina" ou cosmovisão ensinada por seus líderes que, por sua vez, receberam esses conhecimentos de outros. Se fizermos a descida até a raiz da árvore genealógica de ideias, veremos os colonizadores e seus missionários. O que vai acontecer a partir daí é a negação da própria maneira de ver e entender o mundo, passando a ser refém da autoridade psicológica inserida na igreja, que, para maioria dos estudiosos cristãos, não cabe e não é necessária para efetivação do cristianismo. Em outras palavras: "não se põe ternos em índios para que se tornem cristão".

A espiritualidade, a cosmovisão do negro, originalmente, não poderia ser resumida em qualquer acerto, ou máxima teológica, como o conhecimento africano descrito no conto "Espelho da Verdade" demonstra, ao contar que, quando o espelho se quebra, a pessoa, a partir daí, que encontrar um dos seus pedaços, descobriria apenas uma parte da verdade e não ela por inteira. Apesar, ou por isso, o *Nzambi* – o inalcançável, o supremo – para o negro e mesmo para o cativo e o nascido aqui era entendido como permeado em tudo que se fazia: na comida, na dança, na família. Contudo, esse conceito de fé também é encontrado no cristianismo.

O que ocorre com a cultura do negro cativo no Brasil é a negação da sua legitimidade e coerência com o cristianismo e, conseqüentemente, ela é abafada, encapsulada e finalmente demonizada. Não ressaltamos aqui a questão prática da

---

<sup>42</sup> Essa análise feita pelo diácono Luciano Mariano, da Igreja Evangélica Jesus Reina (IEJR), demonstra que a colonização das mentes é perceptível a "olhos nus".

coisa historicamente falando, que era a obtenção completa do controle para a escravização, com apoio do sacerdócio cristão. Lembramos aqui um dos textos de Padre Vieira:

Virá tempo, diz Davi, em que os etíopes - que sois vós - deixada a gentildade e idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus: Coram illo procident Aethyopes (30) - e que farão assim ajoelhados? Não baterão as palmas como costumam, mas, fazendo oração, levantarão as mãos ao mesmo Deus: Aethyopia praeveniet manus ejus Deo (31). E quando se cumpriram estas duas profecias, uma do Salmo setenta e um, e outra do Salmo sessenta e sete?"<sup>43</sup>

Retornando ao nosso tema, hoje ainda encontramos os resquícios dessas "verdades" coloniais na cultura do negro que, como é de se esperar, ainda é marginalizada, mesmo 129 anos da aclamada e fictícia Lei Áurea. O negro neopentecostal raramente irá admitir que se vê com inferioridade, mas seus modelos não são negros, nem no corte de cabelo nem no modo de se vestir ou de se expressar. Por isso, desenvolve-se um simulacro, em que se reserva as antigas crenças, que irão brotar, seja nos rituais ou na maneira de interpretar a Escritura. Iremos falar especificamente disso no próximo capítulo, dessa interação que, no mesmo momento em que o negro cativo perdeu sua alma, pois a escondeu dos olhos do colonizador, assim como a sua memória, e sua pele se transformou na marca dada a Caim<sup>44</sup>, a sua fé renasce em outro molde.

---

<sup>43</sup> VIEIRA, Padre Antônio. Sermões de Pe. Vieira (Parte 1). Edição eBooks Brasil. Disponível em: <<http://bedigital.soaresbasto.pt/cops-master/ebooks/Padre%.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2016.

<sup>44</sup> Segundo o relato bíblico em Gênesis 3, o primeiro homicida, Caim, recebeu uma marca dada por Deus para que não fosse assassinado por ninguém, em resposta à morte dada a seu irmão Abel. Em alguns círculos da supremacia branca, como a Ku Klux Klan – composta por alguns presbiterianos – afirmava-se que a pele negra era o sinal. Antes fosse, já que esse sinal foi dado a Caim para protegê-lo.

### 3. A COSMOVISÃO GERAL DAS PEQUENAS IGREJAS: interações com as religiões afro-brasileiras

No capítulo anterior mencionamos os vínculos histórico-sociais entre a fé produzida nas pequenas igrejas pentecostais das periferias e a fé das religiões afro-brasileiras. Agora queremos deixar mais evidentes as manifestações religiosas que ocorrem nessas igrejas e que parecem possuir paralelo ou raízes nas religiões de matriz africana. Para isso, iremos analisar a cosmovisão aprendida por meio de trocas nessas pequenas igrejas, o que podemos encontrar por meio de rituais, falas e expressões corporais que nos remetem à ancestralidade africana.

Ao nos envolvermos nas fileiras das pequenas igrejas notamos uma característica que não é comum no protestantismo tradicional. Dentro das igrejas históricas os cultos não possuem uma característica ritualística que encontramos no pentecostalismo, pois os cultos são como momentos que refletem o memorial estabelecido por Cristo na última ceia. Como tal, todo culto visa simplesmente relembrar a obra redentora do Messias, além da comunhão dos santos. A exposição da doutrina cristã, como João Calvino explica no quarto livro das Institutas:

Esta potestad [a igreja] de jurisdicción no es en resumen otra cosa sino un orden establecido para la conservación de la disciplina espiritual. A este fin se ordenaron en la Iglesia desde el principio cierto organismos que mirasen por las costumbres, castigasen los vicios, y emplease a excomunió cuando fuese preciso. San Pablo se refiere a esta orden en la Epístola a los Corintios, cuando habla de los que administran. (1Cor 12, 28).<sup>45</sup>

Diferentemente dessas aptidões ditas por Calvino, a igreja, na perspectiva das pequenas igrejas, tem como finalidade fazer a conexão entre o terreno e o espiritual; além disso, ela fornece estratégias de guerra contra as forças espirituais malignas. Lembramos que as igrejas históricas lidam, por um lado, com espiritual de forma mais passiva, pois Deus já definiu o estado eterno de cada ser humano, conforme Agostinho e Calvino, que pensavam na eleição. As igrejas pequenas, por outro lado, acreditam com firmeza que são capazes de alterar a realidade material por meio de

---

<sup>45</sup> CALVINO, Juan (1957). *Institución de la religión Cristiana*. 6ª ed. Barcelona: Ed. Dos Átomos, 2006, p. 836.

fórmulas espirituais e rituais proféticos. Para explicar isso, iremos tratar do papel do profético nas pequenas igrejas.

A cosmovisão das pequenas igrejas tem na sua composição um misto de aplicação literal das impressões gestuais e a expressividade encontradas nas páginas do Antigo Testamento, manifestas na linguagem falada e nas religiões de matriz africana, nos rituais que se tornam mágicos – ou, como são explicados nos templos, *atos proféticos*<sup>46</sup> –, na atribuição de poder a objetos e a certas palavras proferidas que nos lembram encantamentos.

### **3.1 A oralidade, o fator ancestral revisto e revestido na prática profética pentecostal**

Com exceção de alguns negros islamizados, poucos grupos trazidos ao Brasil utilizavam a escrita. As culturas da África subsaariana eram reproduzidas pela oralidade e não por meio de documentos. São mitos, contos de seus deuses, músicas que descrevem as conquistas de seus guerreiros que, por muitas vezes, se transformavam em figuras divinizadas, como sempre eram os ancestrais. A oralidade para o negro sempre foi um fator de ligação entre o passado, o presente e o futuro de forma cíclica e constante.

A oralidade também se faz presente nos grupos semitas. No antigo Israel, antes de serem documentados, os atos proféticos eram falados aos ouvidos dos transeuntes. Se olhar para o Antigo Testamento veremos: "E ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te"<sup>47</sup>. Esse texto e muitos outros indicam o fator oral da cultura hebraica, o que se torna elo para com os grupos pentecostais, já acostumados à oralidade ancestral. Com uma relação prática com a oralidade, se valem da linguagem do Antigo Testamento encontrada nas versões mais clássicas.

---

<sup>46</sup> Atos proféticos, segundo o que se crê, são manifestações simbólicas executadas por pessoas específicas, capazes de trazer efeitos no mundo espiritual que, por sua vez, tornam a trazer benefícios no mundo físico. Certa vez, na IMSRJ, presenciei o ministro de louvor dizendo: "vamos fazer um ato profético aqui, vamos tocar novamente o refrão da música (não, não temerei... não, não recuarei, comigo está o Senhor, comigo está o Senhor) e nesse momento iremos marchar como um exército e todos os inimigos vão fugir". A igreja obedeceu e houve um momento de frenesi religioso.

<sup>47</sup> Deuteronômio 11:19.

Estando presente em um dos cultos na IMSRJ, houve um momento em que fugiu a liturgia corriqueira, que caminhava para o fim do momento de louvor, para a chamada dos dízimos e ofertas. O último louvor havia sido intenso no que diz respeito à efervescência da religiosidade dos congregados. Naquele momento eu não estava como pesquisador, mas como crítico; por isso, reparei no teor da letra, que falava da glória que Deus proporcionaria aos seus filhos, exaltando-os em um palco iluminado. No término dessa sessão, surgiu certa mulher que reproduzia em tom de *general de exército*<sup>48</sup> as núncias daquela canção, confirmando a promessa divina do benefício que lhes seria dado.

A questão sobre a expectativa de ascensão social será tratada no próximo capítulo. Aqui somente trazemos à luz esse fato – que já foi mais comum, mas que agora é mais visto em igrejas cujos membros são mais velhos – para demonstrar a importância do profeta e a dimensão da oralidade que aparecem nessas manifestações. Nesse momento, nos parece fugir a oralidade em questão, dando a impressão de seria somente uma releitura do Antigo Testamento. Contudo, quando nos atentamos à ideia de "Sola Scriptura", defendida pelas igrejas históricas, podemos ver algo que se relaciona com esse assunto.

Como dissemos acima, não era comum que os cativos tivessem um alfabeto que permitia que se comunicassem via cartas ou documentos. Logo, as rodas de conversa ao pé da fogueira e as rodas de *griot* eram os mecanismos utilizados para repassar a tradição.

A fraqueza na educação formal ainda atinge os descendentes: a IMSRJ, por exemplo, na época do relato acima, era uma igreja de 600 membros, cuja maioria não possuía ensino superior, havendo pastores que sequer tinham concluído o ensino médio, incluindo o próprio bispo Francisco Neris. No caso do líder, ele concluiu o bacharelado em teologia sob uma permissão especial do Seminário Sul Brasileiro, mas não recebeu o certificado por não ter ensino médio.

---

<sup>48</sup> As manifestações de profetas nas igrejas pentecostais geralmente são realizadas por mulheres. Elas costumam empostar a voz, dando um tom mais grave, lembrando um homem de autoridade falando, e ficam com olhos fechados, como em um transe. Elas trocam o gênero das palavras e usam as que remetem a textos do Antigo Testamento em versões mais clássicas das Escrituras, como a Almeida Revista e Corrigida e a Contemporânea.

Excetuando o Bispo, eu e um colega, que se formou na mesma turma em que me formei, não havia ninguém mais que fosse formado em teologia, ou qualquer formação preparatória útil em cargos eclesiais. Essa informação nos leva a concluir que, se não havia formação, na escrita e nas Escrituras se sobressaía a ideia do profeta que possui um oráculo especial, um conhecimento dado por Deus somente a ele, tal qual Moisés, Elias e Cristo.

Ao observar essa questão, notamos o quão profunda é, pois não há insistência da parte dos líderes que estudamos para serem reconhecidos como líderes inquestionáveis – claro, não de forma direta. Como inferido, a autoafirmação só irá surgir quando há necessidade de corrigir e reunir de volta os rebeldes, em que a forma de convencimento se concretiza. Isso só se percebe com um longo convívio, em que o convencimento pode ser percebido a partir de discursos calmos cujo teor invariavelmente reside nas conquistas "espirituais", vitórias contra adversários em discussões acerca da fé e experiências mais profundas com o sagrado.

Mencionamos, em outro momento, como o bispo Francisco Neris relatava ao seu público a visão que recebera de Deus, incluindo até mesmo as cores da igreja física, como se aplicaria o ministério. Além dessa visão, o bispo costuma lembrar como se desfez de seu automóvel e de um belo sobrado para começar a realizar sua missão, demonstrando aos seus ouvintes, dessa forma, como ele realmente possui um chamado e uma visão de Deus. Logo, a velha necessidade de seguir um líder que se distingue dos demais é suprida por discursos como esses. Se os membros da IMSRJ forem perguntados em segredo, como fizemos inúmeras vezes, eles sempre terão uma reclamação a fazer da pessoa do seu líder, mas expressando temor e dizendo ao final: "Ele é homem de Deus".

Em conversa com o bispo Alexandre, da INV, acerca do que deve ser visto no homem de Deus, a resposta sucinta foi: "fruto". Dizendo isso, ele faz referência a Jesus, quando diz: "Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore", registrado em Mateus 12:33. Logo, esses frutos se referem às boas obras praticadas que legitimam a vida espiritual e ministerial do profeta da igreja que, no caso, são esses dois bispos que estudamos.

Então, levando em consideração a falta do ensino teológico formal e a autoafirmação incutida nos discursos de legitimação, entendemos aqui que a

oralidade ancestral transferia aos escravizados aqui no Brasil a ideia do tabu, da verdade última e inquestionável. Esse mesmo conceito paira, agora, na construção dos líderes das pequenas igrejas, pois percebemos esse tabu a todo o momento, seja no questionamento à integridade ética do líder, seja em decisões eclesiais, tornando, assim, um ato de rebeldia e insurgência qualquer objeção contra o poder estabelecido por Deus, que reside na pessoa dos líderes.

De fato, há a construção do tabu no meio pentecostal referente à liderança, ao detentor mor do chamado episcopal. O líder possui a direção, aos olhos da congregação. Ele é revestido de uma áurea mística que o leva ao patamar de Hermes, na mitologia grega, ou de Esù, nas religiões de matriz africana. Como o símbolo do contato com Deus e o senhor dos caminhos, o líder se torna infalível e inquestionável. Porém, como estamos no universo pentecostal, essa perspectiva recebe um invólucro bíblico e, vez ou outra, invocam-se textos para assim fundamentar essa visão de si mesmo, como: "Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e prosperareis" (2 Crônicas 20:20).

### **3.2 A "magia" pentecostal e o poder dos encantamentos: orações dirigidas, símbolos e unções específicas**

*Tanto pelo fato de que os sistemas simbólicos derivam sua estrutura, o que é tão evidente no caso da religião, da aplicação sistemática de único e mesmo princípio de divisão e, assim, só podem organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas, mesmo pelo fato que engendram o sentido e o consenso entorno do sentido por meio da lógica da inclusão e exclusão, estão propensos por sua própria estrutura a servirem simultaneamente a função de exclusão e inclusão de associação e dissociação, de integração e distinção.<sup>49</sup>*

Se, nesse momento, eu fosse alvo de uma inquisição instaurada pelos pentecostais, eu cairia como blasfemo ao me referir à espiritualidade dos seus centros como magia. O religioso que se serve do termo sem restrições, como nas religiões de matriz africana, vê com ironia o rechaço do uso dessa palavra. Quando se trata o pentecostalismo como uma religião de magia, o que realmente é, já que a magia cuida do outro e modifica a realidade por meio de encantamentos e métodos não científicos

---

<sup>49</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

como rituais para cura, busca de prosperidade, ou, ainda, se antecipando a acontecimentos a partir da revelação, realmente falamos de uma religião mágica.

Coisas interessantes ocorrem por lá. Andando nos bairros de Carapicuíba não é difícil, como já dissemos, encontrar igrejas das mais opulentas a simples garagens modificadas. Eu mesmo, por muito tempo, preguei em uma assim: chão rústico, paredes em reboco sem adornos ou cortinas, com cinco ou seis pessoas todas as sextas naquele ponto de pregação<sup>50</sup>. Nesse caminho avistei uma faixa colorida com os dizeres: “Sexta-feira da Libertação e Causas Impossíveis. Traga sua carteira profissional”. O que me fez lembrar disso foi um post recente em rede social, que anunciava algo semelhante. Nele havia fotos do último culto, que ostentava uma mesa cheia de carteiras profissionais, peças de roupas e fotos. No entorno dessa mesa estavam o líder máximo, no caso o apóstolo, e seus auxiliares, em posição e expressão de oração.

É verdade que muito do que acontece é uma releitura de práticas sincréticas do catolicismo e de religiões de matriz africana. O fato é que essas práticas não são comuns no catolicismo das paróquias, mas ganham força em celebrações menores. Nas pequenas igrejas pentecostais são o carro-chefe, ou seja, sem elas o culto enfraquece e se torna vazio de significado e de pessoas. É comum nas pequenas igrejas dar um nome ou uma motivação a toda reunião. Se é uma igreja ativa, com até quatro reuniões em dias úteis, todas têm um título ou uma "obrigação": segunda-feira, na maioria das igrejas, não é dia de culto, pois é como se fosse um dia sabático para os líderes; nas terças à noite são dados cultos de ensinamento, que tentam dar base teórica bíblica; nas quartas à tarde ocorrem as Tardes da Bênção, com suas campanhas – falaremos disso –; as quintas soam como o prenúncio do fim de semana; no sábado há trabalho com os jovens; e, por fim, no domingo, ocorre o grande culto da família.

Invariavelmente, essas reuniões tendem a separar o público e os objetivos individuais, além de ter um grau de importância relativo. O ensino bíblico, como qualquer escola, não atrai muitas pessoas, a não ser os mais velhos e tradicionais;

---

<sup>50</sup> Pontos de pregação são justamente o que o nome sugere. Não se parece com igreja a princípio, mas é um embrião, pois está ligado à igreja. Geralmente, é um local cedido voluntariamente, ou seja, não há custos com locação ou manutenção, mas, por vezes, se localiza em uma casa, uma garagem, um comércio, que se transforma em lugar de culto.

logo, na sua direção, é comum estar um membro de menor patente, como um diácono ou presbítero. As tardes de quarta-feira são frequentadas por mulheres e homens inativos no mercado de trabalho – aqui começa a aparecer as campanhas normalmente ligadas a questões financeiras e trabalhistas. Normalmente, essas reuniões também são comandadas por mulheres mais velhas, cuja devoção lembra as beatas católicas.

Às quintas-feiras à noite, servem como uma introdução aos cultos dominicais que ganham um tom mais solene, em que há músicos já gabaritados, diferente dos outros dias da semana, em que há músicos menos experientes. No culto de quinta à noite, estes músicos secundários se unem aos principais. É nítido que as reuniões têm um caráter crescente quanto à questão da espiritualidade, pois na terça quase não se tem oração, sendo muito técnica, a não ser que seja o bispo Neris na direção (aqui saindo do genérico e indo à IMSRJ), já que é um homem vigoroso, cativante, capaz de dar um tom espiritual a qualquer reunião, mas, no geral, as reuniões são "frias". Já às quartas há um tom de desespero em função da urgência dos pedidos de oração.

É aí que começam as campanhas. O que são? Elas lembram muito as novenas do catolicismo popular, mas, a priori, são inspiradas em campanhas militares, cercos a cidades antigas, cuja investida demorava dias. São embasadas em passagens bíblicas e são raras as vezes em que o texto não está no Antigo Testamento. Os nomes dessas campanhas visam inspirar o praticante na fé do personagem bíblico: 7 Mergulhos de Naamã, Derrubando os Gigantes (aí pode-se atribuir qualquer função para o gigante, como ligado a finanças, vida conjugal, ministerial, etc.), 7 Voltas na Muralha e Jericó. Estas são mais comuns, mas há também aquelas como O Azeite da Viúva<sup>51</sup>, que faz referência a uma história onde a mulher é abençoada pelo profeta, que promete que o azeite da botija e a farinha da panela não mais faltariam. Essa última está ligada à questão da prosperidade, pois, no texto, a mulher só tem um pão para dividir com o filho e espera morrer de fome; no entanto, o profeta diz que ela deveria trazer uma parte para ele também e, se o fizesse, receberia a benção. Percebeu a deixa?

---

<sup>51</sup> 1 Reis 17: 9 ss.

As campanhas são um esforço sacrificial do pedinte, que também necessita dar algo para ser abençoado. Há alguns anos que se deixou de fazer campanhas de vários dias seguidos – eu mesmo cheguei a participar de uma dessas de Jericó por sete dias corridos. Hoje, na IMSRJ e na INV, é comum diluir isso em sete quintas-feiras. Percebeu a equivalência do número sete? É o número atribuído à perfeição de Deus, mas, além disso, exige a insistência daquele que ora: nem uma, nem duas vezes, mas sete. São nessas campanhas que residem os encantamentos, os fetiches e os simbolismos da igreja pentecostal, ampliados pelas pequenas igrejas.

Na IMSRJ há vez ou outra uma campanha que é intitulada como a Tenda da Bênção. Esta não possui um texto bíblico que lhe ponha a vestimenta cristã, exceto o fato de que a moradia de nômades na Palestina era de tendas e ainda o é. No final de cada culto, os membros que necessitam de uma bênção são convidados a passar por baixo da sombra de uma barraca grande de praia, que simboliza a tenda. Em volta dessa barraca estão os sacerdotes, que abençoam as pessoas, unguindo-as com óleo na cabeça e nas mãos. As tendas, ou ao menos o título, é usado em terreiros de candomblé e umbanda. Já que não há referência a um momento bíblico específico de bênção em determinada moradia, isso nos leva a crer que é uma aplicação inconsciente de uma experiência anterior.

Ao mencionar esses aspectos, nos remetemos também à questão dos fetiches, dos simbolismos usados, como na campanha da tenda, assim como na campanha das muralhas, onde, normalmente, pregam-se os pedidos de oração em um muro de isopor. No final de cada culto, enquanto os músicos direcionam o louvor, a congregação circula pela nave da igreja em oração, como os muçulmanos fazem em Caaba, lembrando a ação de Josué três mil anos atrás no último dos cultos, quando são dadas as sete voltas.

Já participamos desse movimento como crentes, em que a ação ali realizada hoje traria uma ligação no mundo espiritual e seria como um ato simbólico de fé que resgataria o benefício divino na terra. Ao observar a congregação e tentar entender o que a leva a crer naquilo, nosso ceticismo nos leva a pensar em histeria coletiva, ou compulsão psicológica. Contudo, ao olhar para rostos molhados, em pranto, e mãos postas em oração fervorosa, ouvindo gritos de glória a Deus e aleluias, não se pode excluir o fator fé da questão. É claro que vemos rostos em confusão, sem saber ao certo o que aquilo irá representar ao seu desemprego, ao filho nas drogas e aos

problemas conjugais, mas, em ambas as situações, eles continuam a passar pela tenda e a rodear a muralha de isopor.

Há alguns anos conhecemos um rapaz, habilidoso construtor, semianalfabeto e ex-dependente químico. Por vezes, aparecia com uma aliança, ou uma chave, até que um dia apareceu com um pedaço de granito. Era um voto que significava ora o amor que viria, ora a prosperidade que o aguardava. Ele era membro da IURD da central de Carapicuíba e foi lá que pela primeira vez vimos um exorcismo. Certa vez, em um ônibus, havia uma moça que tinha por volta de trinta anos, mas sua aparência era de para lá dos quarenta e cinco. Ela carregava uma Bíblia estilizada com o emblema da Igreja Mundial, do bispo Valdomiro, e uma rosa, que depois soubemos que significava amor e cura de Deus. Todos esses "presentes" são adquiridos nas igrejas neopentecostais depois de uma oferta e são desejados pelas pessoas.

Algo importante a se ressaltar é justamente a influência que essas igrejas têm sobre as pequenas igrejas pentecostais da periferia, pois a fórmula utilizada nelas é reproduzida. Em uma entrevista em 2016, o bispo Neris via como algo de Deus a manifestação que ocorria na IMPD e dava ao Valdomiro o título de homem de Deus. Com um pouco de reservas, o bispo Alexandre também defende a legitimidade dos ministérios da IURD e da IMPD, salientando os benefícios que essas entidades proporcionam aos seus participantes.

Havendo ou não a defesa dessas poderosas igrejas neopentecostais, o fato é que estas são influenciadoras da periferia. As teologias criadas nessas igrejas por meio de estudos de livros como *Orixás, Guias e Caboclos*, de Edir Macedo, publicado pela primeira vez em 1998, ajudou a fomentar a perspectiva das igrejas pentecostais e neopentecostais em relação às religiões de matriz africana. Além disso, programas como *Fala que eu te escuto* por vezes colocavam pessoas que diziam ter passado por cargos altos em terreiros de umbanda e candomblé, sendo utilizadas como intérpretes que explicavam ao telespectador a origem das dores ou alucinações que sofriam, dizendo se tratar de “trabalhos”.

Apesar desses programas terem a intenção de retirar pessoas dessas religiões, negatizando-as no sentido de demonizá-las, há, porém, um efeito contrário: o de legitimar essas religiões ao atribuir um poder capaz de rivalizar com Deus. Assim, os fetiches, oferendas, ou quaisquer práticas que anteriormente eram feitas nessas

casas e terreiros, ou foram feitas para "o mal" de alguém, precisarão de um ritual mais forte, a ser feito pelo pastor da denominação, para "quebrar" o anterior. Nesse sentido, surge daí a necessidade de aumentar o número de rituais e símbolos capazes de transportar a virtude divina, utilizando-se, então, de objetos e orações dirigidas, unções, quebras de maldições e unções específicas.

Na IMSRJ houve campanhas em que foram entregues grãos de trigo, sementes de mostarda, vasinhos e chaves que representavam aquilo que o membro pedia a Deus. É verdade que os elementos acima citados apresentam ligação com citações e tem referências bíblicas, mas o fator magia é agregado, pois nos textos bíblicos nenhum elemento possui poder curativo ou abençoador, nem mesmo no Antigo Testamento. No Novo Testamento Jesus aparece, porém, fazendo lama com saliva e passando sobre os olhos de um cego; contudo, me parece uma prática não recomendada pela OMS e não acho que os membros das igrejas pentecostais aceitariam tal coisa.

#### 4. O RELIGAR, A BUSCA POR UM NOVO SENTIMENTO DE PERTENCER

*De tudo o que acabamos de dizer resulta que o “verdadeiro mundo” se encontra sempre no “meio”, no “Centro”, pois é aí que há rotura de nível, comunicação entre as três zonas cósmicas. Trata-se sempre de um Cosmos perfeito, seja qual for sua extensão. Toda uma região (por exemplo, a Palestina), uma cidade (Jerusalém), um santuário (o templo de Jerusalém) representam indiferentemente uma imago mundi.<sup>52</sup>*

Mircea cabe bem aqui, dando o pontapé daquilo que queremos expor agora. Considerando que o universo religioso é criado a partir de sua perspectiva social, a religião sempre é um processo de identificação com o mundo natural à sua volta. Para o judeu do primeiro século, sua fé e sua cosmovisão estavam alicerçadas no segundo templo, o de Herodes, que era seu mundo. Caiu o Templo em 70 a. C e, assim, caiu o mundo deles e se iniciou uma nova diáspora judaica.

E a nós, quando estávamos "em pleno mar... Dois infinitos Ali se estreitam num abraço insano; azuis, dourados, plácidos, sublimes...", nos perguntávamos: "Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?"<sup>53</sup>. Pois bem, os africanos trazidos para cá viram seu mundo cair e desaparecer no horizonte por causa do tráfico. A partir de então, o homem negro tem em si mesmo uma necessidade de integração e de ser reconhecido como parte de algo e de uma nação.

Como é de se esperar, poderíamos iniciar essa seção, que justamente fala da religião em si mesmo, a partir de definições de religião dadas por mestres como Proust, Lévi-Strauss e Weber na medida em que tentamos apontar a cooperação, o acréscimo, ou quem sabe, a reinterpretação do evangelho trazido pelos colonizadores por meio da cultura e da religiosidade africana presente na sociedade brasileira. No entanto, estamos no campo e o mais interessante é buscar as definições que a própria experiência de observar e questionar nos trouxe. É a isso que nos propomos.

<sup>52</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 27.

<sup>53</sup> Poema “Navio Negreiro”, do poeta Castro Alves. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2018.

Essa visualização da cosmovisão do Pentecostal, que agrega vários elementos alienígenas, não se caracteriza, porém, como sincretismo – pelo menos não ainda –, pois há a recusa da cultura afro pelo próprio negro evangelizado, diferentemente do catolicismo, que fez "vistas grossas" para manifestações culturais e deu seu selo de aprovação, já que vinha com a companhia de um santo ou um elo forte com a fé católica oficial. Paralelamente, há, além disso, um catolicismo popular que não elimina, mas oferece algo como um complemento ao credo apostólico.

Este não é o caso do pentecostalismo da periferia, já que é a versão adaptada do pentecostalismo clássico, que se valia da comunicação via proselitismo, no contato face a face. Usando a definição do conceito de pentecostalismo, entendemos que o segundo – o pentecostalismo da periferia – é somente uma revisão e atualização do primeiro, algo como um *upgrade* que permite o acesso às massas de uma nova geração que está conectada e ainda possui objetivos nessa vida, pois o primeiro pentecostalismo tem como característica forte a esperança na vida por vir.

O pentecostalismo insiste em regradar a vida do ser humano religioso, utilizando a ideia de inferno e a preocupação com a vida após a morte, além dos olhos vigilantes e castigadores do Deus zeloso e ciumento, da manifestação do Espírito Santo, que concede dons, cujo mais famoso é a *Glossolalia*, ou o dom de línguas estranhas, o de falar o dialeto dos anjos. Já o pentecostalismo de periferia insere e ameniza as máximas do pentecostalismo, como a ideia do agora, do hoje, da bondade do Deus que prospera e te dá uma "vida de rei"<sup>54</sup>; contudo, para obter essa prosperidade, o fiel deve dar algo a Ele para obter o "30, 60 e 100 por 1"<sup>55</sup>.

É importante salientar que há um pouco do neopentecostalismo nas pequenas igrejas da periferia que aqui definimos como pentecostais, onde o que há de mais

---

<sup>54</sup> Em 1998 a banda Renascer Praise, ministério de louvor oficial da igreja Neopentecostal Renascer Praise, lançou um álbum chamado *Tributo ao Deus de Amor*. Nele existe a música *Deus é Fiel*, que tem um refrão com os seguintes dizeres: "Deus nunca me abandonou, não é homem que minta / Nem filho do homem pra que se arrependa / Deus lá do céu me amou nem seu filho poupou / Pra que eu viva na terra uma vida de Rei". Tal letra menciona a máxima da teologia da prosperidade, que afirma que a morte de Cristo foi para dar uma vida de abundância, incluindo a vida financeira.

<sup>55</sup> Essa ideia de plantar e colher vem da parábola do semeador, no trecho que diz "Outra ainda caiu em boa terra, germinou, cresceu e deu boa colheita, a trinta, sessenta e até cem por um" (Marcos 4: 8). É uma parábola mal interpretada e usada várias vezes para mostrar como Deus abençoa monetariamente as pessoas que estão dispostas a semear, sendo que a parábola fala dos diferentes efeitos que a mensagem de Jesus poderia alcançar nos corações.

vigoroso é a teologia da prosperidade. Acerca da comunicação em massa, não só essas pequenas igrejas, mas também as maiores, têm usufruído das redes sociais para divulgação de seus trabalhos, ao invés de tentarem as mídias anteriormente usadas pela Renascer, IURD e IMPD, como a TV e o rádio, uma vez que não possuem recursos. O Facebook e os canais no Youtube estão dando maior visibilidade, pois quando se faz uma transmissão ao vivo de um culto, outro membro local compartilha e faz com que aquele momento percorra quilômetros e esteja nas mãos de uma pessoa que não conhece o transmissor original. A tecnologia dos smartphones fez de todos um cinegrafista em potencial.

Como mencionamos em outro momento, a cosmovisão e a teologia das pequenas igrejas da periferia não têm um único fundamento, como *Sola Scripture*, nem somente elementos judaizantes. No enunciado dessa pesquisa é acrescido a cosmovisão de práticas ritualísticas de uma ordem litúrgica mística que repousa nos cultos de religiões de matriz africana. Mas por que dizemos isso? Por leve vislumbre, nos voltemos às antigas práticas do cristianismo, até que cheguemos ao que ele é hoje nas periferias. Em algum momento, essa ação poderá soar como um sermão histórico gramatical, mas aqui só temos a intenção de demonstrar as mudanças drásticas que houve no decorrer dos anos desde o Evangelho do Carpinteiro até os púlpitos dos pequenos líderes na periferia de Carapicuíba. Por fim, muita coisa aconteceu para que tivéssemos esse "evangelho" que temos hoje, pois, se voltarmos para trás, veremos uma fé diferente daquela promulgada pelo Filho de Deus, este mesmo morto e crucificado que, depois do terceiro dia, ressuscitou.

Essa história, porém, acerca do "homem aprovado por Deus diante de vós por meio de milagres, feitos portentosos e muitos sinais, que Deus por meio dele realizou entre vós, como vocês bem sabem<sup>56</sup>", já é conhecida. Há quem creia que é mito, lenda, mas o fato é que muitas pessoas morreram por acreditarem nesse homem e, por que não dizer, mataram também. A realidade é que hoje, no mundo, seja lá qual vertente seja, existem mais de 2,18 bilhões de pessoas que se declaram cristãs, algo estranho de se imaginar para homens de uma pequena seita nos confins da Palestina do século primeiro. E era mesmo uma pequena seita judaica, pois, ao alvorecer do primeiro dia da semana, no grupo de Jesus, segundo os evangelhos, havia um

---

<sup>56</sup> Texto extraído de Atos dos Apóstolos 2: 22.

pequeno grupo de discípulos e mulheres reunidos em uma casa com medo das perseguições que culminaram com a morte de seu Mestre. De forma mais direta, Atos 1: 15 especifica que Pedro se dirigiu a uma assembleia de 120 pessoas. No decorrer do texto de Atos, notamos que a seita dos nazarenos convivia e dividia espaço no Templo de Herodes<sup>57</sup>. Contudo, quando a "multidão" cresceu e continuava crescendo, os judeus passaram a enxergar a atuação dos discípulos de Jesus como um perigo.

Importante notar que a fundação da Igreja se dá em um momento em que a cidade estava no período de superlotação por causa da festa anual do *Pentecostes*<sup>58</sup>. Tanto judeus da Palestina como os chamados *helênicos*, que eram discriminados pelos judeus ortodoxos, pois buscaram exercer as tradições da sua terra por meio da cultura grega, destituindo do Judaísmo a característica nacionalista, apresentam uma das contribuições mais significativas dessa linha, que é a tradução da bíblia hebraica para o grego, conhecida como a *Septuaginta*.

A relevância disso reside no fato de que os judeus helênicos estavam mais propensos à proposta do cristianismo sobre os temas da ressurreição dos mortos, do juízo final, de um Deus encarnado e que vem aos homens, pois a cultura dos deuses do Olimpo estava permeada por esses elementos. A partir dessa perspectiva é que vamos alcançar nosso objetivo nesse momento, que é vislumbrar as transformações que a cosmovisão cristã sofreu, já que, ao sair da Palestina, mudou de uma seita judaica para uma religião da Europa.

Com o fim da era apostólica, cerca de 100 d.C, a Igreja se distanciou ainda mais da raiz da Judéia, pois antes, no ano 70 d.C, o templo em Jerusalém foi destruído e a maior parte dos judeus se dispersou. As sedes da igreja passaram por Antioquia, Alexandria e cidades da Ásia Menor até finalmente se firmar em Roma, crescendo, fortificando-se e ganhando rituais, manuais e uma forte hierarquia. Na Idade Média houve a grande ruptura religiosa e política envolvendo Lutero e outros reformadores. É nesse momento que a forma de crer em Jesus segundo os protestantes, luteranos

---

<sup>57</sup> Os discípulos da recém-criada Igreja se reuniam no pátio de Salomão, como se lê em Atos 5: 12, área do Templo ampliada por Herodes, o Grande, no primeiro século, que era dedicado ao rei filho de Davi.

<sup>58</sup> A Festa do Pentecostes, ou da Colheita, para o judeu, sempre foi um momento de alegria e solenidade, onde se reuniam parentes e amigos para se alegrarem com os frutos da agricultura. No primeiro século, os judeus se dispersam pelo mundo e, na época da Páscoa, que é próxima à festa da Colheita, "subiam" a Jerusalém para festejar.

ou calvinistas se viabiliza por meio da reforma proposta por Lutero em 1517 na Alemanha.

Em 1517, ou o século dos descobrimentos, as Américas foram invadidas pelos conquistadores e ainda não sabiam das guerras ideológicas e religiosas do Velho Mundo. Porém, somente em meados do século XIX é que os protestantes tomariam posse de terras para suas igrejas, no caso as Presbiterianas, religiosamente falando, e ideologicamente os confederados, pois um dado que nos surge é que a vinda dos primeiros protestantes está ligada firmemente ao fim da guerra civil americana, quando os escravocratas sulistas, descontentes com a derrota, migraram para Santa Barbara d'Oeste, segundo Aílton Gonçalves no seu artigo publicado pela revista *Nures*:

Pouca gente tem conhecimento de uma imigração norte-americana ocorrida entre os anos de 1866 a 1890 para o Brasil. É um tema pouco explorado pela literatura acadêmica. Esta imigração iniciou-se a partir de 1866, após o fim da guerra da secessão nos Estados Unidos de América. Partindo dos portos de Galveston, Texas, New Orleans e, mais tarde, New York, a grande maioria dos imigrantes chegou em 1866; porém, alguns vieram até 1890.<sup>59</sup>

Pode até parecer irrelevante esse fato, mas estamos falando que os primeiros "missionários" tinham aversão real ao negro, enquanto os europeus se consideram superiores aos demais homens, desenvolvendo a ideia de raça superior. Puxando o fio da meada desde os dias de Jesus, chamado Cristo, notamos que a fé cristã que aqui chegou, assim como o seu modelo de conduta, não tem ligação com a cultura semita do primeiro século. O que nos aproximaria à fé dos primeiros discípulos são poucos textos, mas importantes, tais como os Evangelhos que, analisados pela crítica textual, demonstra que sofreram pouco, ou nenhuma alteração desde os dias em que foram escritos. Além deles, há também cartas dos primeiros Pais, que são aqueles que aprenderam a doutrina diretamente dos Apóstolos. Temos também o *Didaqué*, que é a catequese aos cristãos primitivos. Certa parte ilustra muito bem as máximas cristãs e a sua proximidade com a máxima africana do Ubuntu:

---

<sup>59</sup> GONÇALVES, Aílton D. F. A imigração norte-americana e a implantação do protestantismo em Americana e Santa Bárbara d'Oeste, SP. *Nures*, v. 11, n. 31, set-dez., 2015, p. 2.

O segundo mandamento da instrução é: 2 Não mate, não cometa adultério, não corrompa os jovens, não forniche, não roube, não pratique a magia nem a feitiçaria. Não mate a criança no seio de sua mãe e nem depois que ela tenha nascido. 3 Não cobice os bens alheios, não cometa falso juramento, nem preste falso testemunho, não seja maldoso, nem vingativo. 4 Não tenha duplo pensamento ou linguajar, pois o duplo sentido é armadilha fatal. 5 A sua palavra não deve ser em vão, mas comprovada na 2 prática. 6 Não seja avaro, nem ladrão, nem fingido, nem malicioso, nem soberbo. Não planeje o mal contra o seu próximo. 7 Não odeie a ninguém, mas corrija alguns, reze por outros e ame ainda aos outros, mais até do que a si mesmo.<sup>60</sup>

Por ser o cristianismo uma religião de quase 2.000 anos é natural que haja transformações na sua estrutura hierárquica, ou, como houve no período exclusivamente católico, adaptações doutrinárias e formulações teológicas. O cristianismo puro ficou no passado e nos textos que citamos. O que recebemos até hoje é uma releitura da fé europeia, que castra a humanidade e a carga cultural das pessoas que arregimenta, o que entendemos ser desnecessário a partir do olhar teológico que temos.

Ao chegar em Carapicuíba, nos bairros carentes como Ariston, Vila Gustavo Correia, Cohab's, Vila Crete, Jd. Silviana, onde estão as igrejas pentecostais que conhecemos, já não vemos os sulistas americanos, ou europeus no culto, mas homens e mulheres negros observando Cristo por meio dos seus olhos e de uma cultura ainda com traços das antigas identidades religiosas de matriz africana. A espiritualidade africana é diversa e seu panteão de deuses e deusas é extenso, impedindo, assim, ter uma cosmovisão fechada em um único livro. Como diz Ergimino Mucale, filósofo africano, "a natureza é uma vasta cultura sagrada".

Fazendo essa leitura, podemos perguntar: não há um abismo entre essas culturas? Vejamos: do semitismo hebreu para o cristianismo helênico, do helênico para o papado, do papado para o luteranismo e protestantismo aparecem os pentecostais e, agora, nosso campo, as pequenas igrejas. Se resumíssemos assim, seria omitida a destruição de diversas culturas para imposição de um resquício do cristianismo semita. Com a intenção de apagar qualquer vestígio de cultura "pagã" africana foi aplicado aos escravizados durante o tráfico *outro evangelho*, o de correntes e chibatadas. Porém, é impossível tirar a África do negro, pois ela ressurgue por trás do hábito dos frades ou das gravatas dos pastores.

---

<sup>60</sup> Didaque, conforme o capítulo 2.

Já mencionamos no capítulo anterior a construção da cosmovisão das pequenas igrejas. Continuaremos a nos atentar a isso, mas de uma forma mais prática, o que irá trazer à luz questões nem tanto ligadas à religião, mas à sociedade, envolvendo mantras atuais de gênero e raça, a começar pela questão da raça, auto-compreensão e autoestima. Será inevitável mais uma vez visitar Abdias Nascimento, Frantz Fanon, Achille Mbembe e Angela Davis.

#### **4.1 O negro: a negação de si pelo racismo engendrado na religião europeia**

A necessidade de retomar a questão do negro e o seu existir vem do contra fluxo provocado pela tentativa de aplicar, forçosamente, à sua prática conhecimentos e "verdades" que são bem diferentes da sua formação intelectual e, por que não dizer, espiritual. Esse choque vai provocar, no caso da religião, guerras ou sincretismo, mas, em todo caso, nunca se tornarão ou voltarão a ser puros depois desse encontro. Isso tudo é perceptível ao observador treinado; porém, em longo período de observação. Em função disso, é notável a superficialidade – entende-se aqui o sentido de não conhecer os sentimentos e a devoção e não baixa qualidade de observação do nosso objeto de estudo – de trabalhos escritos sobre o pentecostalismo. No meu caso, escrevo sabendo e experimentando os mesmos sentimentos e a devoção do grupo estudado.

Quando observamos a seleção de um time de futebol de rua em que dois capitães são escolhidos com base na sua qualidade técnica para assim se evitar uma "panela", os demais jogadores torcem para não serem os últimos a serem escolhidos, pois, se isso acontecer, ficará atestada a falta de capacidade de pertencer ao grupo dos melhores jogadores. Talvez a pergunta central desse capítulo seja: "Por que querer aquilo em que não tenho raiz?". Já que, no decorrer da pesquisa, ficou latente a questão da necessidade do negro de pertencer e, conseqüentemente, de ser reconhecido como pertencente a um grupo social, nesse caso, às pequenas igrejas de periferia, por que querer ser escolhido como jogador de um time que não te quer?

Achille Mbembe reflete sobre essa questão trazendo a perspectiva que o europeu religioso tinha acerca da África, o qual percebia o continente como a representação daquilo que significava Caim, personagem bíblico que recebeu um sinal na sua "pele". Esse sinal o preservava de ser morto, mas também representava

sua maldade por matar Abel, seu irmão, e sua rebeldia a Deus, por não levar até o Soberano uma oferta equivalente à sua majestade. Mbembe diz assim:

Na narrativa judeo-cristã. África é a metáfora por excelência da queda. Habitada por figuras humanas encadeadas na noite sóbria, vivem ao revés de Deus. De fato, aí estava a essência do paganismo: por todo o lado, disfarce, ausência de discernimento e desnorte, recusa em ver a luz, em suma a corrupção do ser.<sup>61</sup>

A negação de si mesmo que o negro precisa realizar é histórica e necessária se ele quiser ser reconhecido como homem de bem, como trabalhador, visto que ser homem de bem requer estar de acordo com os bons usos e os bons costumes, que são formados pela classe dominante, com cabelos curtos, modelados de acordo com as regras de etiqueta e que não subvertem a ordem. Lendo o livro *Mussum Forevis*, de Juliano Barreto, encontrei um fato interessante, que muito exemplifica o que estamos tratando. Trata-se trata do encontro que Antônio Carlos, o Mussum, teve com Ike Turner, na década de 1970:

Ike se aproximou de Mussum, já com toda a marra de astro internacional e, após jogar um pouco de conversa fora, começou um baita sermão. No auge de seu penteado black power, Ike disse que era uma vergonha uma banda formada por negros tivesse todos os seus integrantes usando cabelos curtos. Eles não eram mais escravos e não deveriam ter vergonha do seu visual. Mussum olhou bem para a cara do crioulo magrelo, que parecia um microfone com aquela cabeleira, e ouviu, concordou com aquilo tudo dizendo que o gringo estava coberto de razão.<sup>62</sup>

O que Ike Turner não sabia é que as formas de racismo encontradas no Brasil eram e ainda são mais complexas do que as da América. Lá existem os remanescentes da Ku Klux Klan e a guerra racial é declarada. No Brasil, os ardis são psicológicos e sorrateiros e trabalham para a desconstrução da identidade negra de forma institucionalizada, como fora mencionado no capítulo anterior, com figuras como Nina Rodrigues e a falsa integração racial, o famigerado mito da democracia racial. Os heróis negros americanos foram silenciados a bala e se tornaram mártires, como o reverendo Martin Luther King e o líder Malcolm-X. Os nossos "Zumbis", "Carolinas de Jesus" e "Abdias Nascimento" foram silenciados e lançados no ostracismo, pois tiveram suas causas deslegitimadas e, para isso, negros foram igualmente utilizados

---

<sup>61</sup> MBEMBE, Op. Cit., 2014, p. 168.

<sup>62</sup> BARRETO, Juliano. *Mussum Forevis*. São Paulo: Leia Brasil, 2014, p. 106.

para dizer que não há preconceito de raça, enquanto as sinhazinhas e sinhozinhos são bem feitores, e a princesa e mãe de todos eles é Isabel, filha de Dom Pedro II.

O negro americano foi, como o do Brasil, lançado nas periferias e só saía de lá para servir aos brancos, mas não havia, para os de lá, permissão para sentar à mesa, beber água ou sentar em um ônibus com os brancos. Aqui essas migalhas foram lançadas e nós a entendemos como bondade; porém, é a ferramenta de controle, o emprego que beneficia somente o patrão, enquanto lá se deve ser grato e submisso ao sinhozinho moderno: dê bom dia, não olhe nos olhos dele, esteja barbeado e de acordo com o *modus vivendi* dele. Mussum concorda que deveria se rebelar contra o sistema que o oprime, mas seria benéfico? Não, não seria.

Seria meio assustador ou contraditório, como era aos demais cristãos, passar em frente a uma sede comunitária onde se ouvia o toque frenético do atabaque soando o Barra Vento, enquanto via um jovem esbelto, sem camisa, com uma calça de capoeira, onde se lia em letras vermelhas JESUS. Era eu, cristão desde os 13 anos de idade que, entre os 16 e 20 anos, fazia parte do grupo de capoeira Folclore Brasileiro, dirigido pelo mestre Tuca, que havia sido aluno de Ronaldo Lima, Mestre Bradesco, fundador do grupo ainda ativo Porto da Barra.

A capoeira me deixou marcas profundas e edificou minha consciência racial, mas esta foi abalada quando voltei com maior fervor à igreja, aos 21 anos, pouco antes da minha entrada no seminário. Fui ter com um dos pastores para saber o ponto de vista sobre a prática da capoeira e ele disse que era "coisa do inimigo!". Coincidentemente, esse pastor havia praticado antes capoeira com mestre Bradesco. Ele é branco, seu nome é Robson Tozzi, filho de um dono de padaria bem antiga do centro de Carapicuíba. Com mais detalhes ele decodificou – ou sugeriu – explicações teológicas para o nome das graduações.

Ele me perguntou: "qual o nome do primeiro cordão?". Ao que lhe respondi: "escravo"! E ele indagou: "de quem?" Continuou: "O segundo é fugitivo, não é? Foges de quem?". À medida que o diálogo corria, a cada nome da graduação ele deixava claro que, se alguém fosse escravo, seria do diabo e em fuga da justiça divina. A ênfase maior se deu quando chegamos à quarta graduação, pois é "liberto", afirmando que "só Cristo liberta". É óbvio que essa teologia e interpretação só era aplicada aos grupos de capoeira que descendiam do Mestre Bradesco, pois a Federação Brasileira

de Capoeira usava as cores da bandeira brasileira e, além disso, já surgiam grupos independentes que usavam cores diversas.

Entretanto, como um recém adulto, aceitei a interpretação, mesmo não acreditando, uma vez que era o líder que mais admirávamos e o mais intelectual da denominação. Como dizíamos, a regra nas pequenas igrejas pentecostais de periferia é demonizar qualquer coisa que venha a ser de origem negra, como o samba, pois, como já mencionamos, o bispo Francisco era, por exemplo, ligado às Rosas de Ouro, escola de samba paulista. É perceptível o racismo na fala do pastor Tozzi, que já era membro da IMSRJ, mas, se fosse confrontado sobre o que disse, usaria diversos argumentos, incluindo o de ser dirigido por um negro.

O relato acerca da capoeira e a interpretação proposta pelo pastor revelam uma concepção comum acerca da cultura negra. O fato de os pastores, de modo geral, associarem as figuras dos deuses africanos a demônios e a entidades maléficas, revela isso. O racismo nas religiões não é um problema só no cristianismo, mas também no mundo árabe, onde os negros também possuem um status de cidadão de segunda classe e de escravo natural. Porém, não é algo para abordarmos agora, mas em análises posteriores.

Quando encontramos o racismo religioso nas pequenas igrejas, vemos a reprodução do mito da democracia racial e a ideia de subalternidade implantada nos líderes, dado que ser bem-sucedido ministerialmente significa ser referência e espelho para os outros; logo, o poder deve ser representado e impresso no conjunto de valores da alta sociedade, como ternos e sapatos de custo mais elevado, linguagem rebuscada, demonstrando letramento profundo. Esses elementos poderiam não significar muita coisa se pensarmos como simples desejo de consumir, mas tudo está envolto na máxima de que as coisas não são boas se não forem brancas. Nesse sentido, algo que deve ser dito nessa questão é a necessidade de ascensão social.

#### **4.2 O desejo e a dinâmica da busca de ascensão no grupo das pequenas igrejas**

À medida que vamos extraindo informações desse círculo que é formado por pastores, bispos e seus súditos, notamos que há aí algo além da fé e do desejo de ganhar o mundo para Cristo. Mencionamos alguns aspectos acerca do desejo do

bispo Neris de ser similar aos grandes pastores da TV, desejo que é inerente a maior parte dos pastores das pequenas igrejas. Esses pastores se digladiam em estratégias de marketing para conquista de novos adeptos a suas seitas. Observando esses movimentos de dentro, é perceptível como essas coisas mudaram de 20 anos para cá, pois as igrejas ditas pentecostais – ainda não tinham força as pequenas igrejas que estudamos – não possuíam bispos, ou apóstolos, somente pastores e, em alguns casos, pastores presidentes.

Conforme as fileiras de evangélicos cresceram no país, os números de pastores também aumentaram. Na IMSRJ chegou a vinte e seis o número de pastores e pastoras, muitos vindos de outras denominações e outros formados na própria igreja depois de um curso intensivo de teologia básica. Foi a época áurea da IMSRJ. Nesse período, fui um dos professores de teologia e conheci de perto alguns dos candidatos a líder, vendo as mudanças de simples membro para ativos no ministério. É fato que muitos desses pastores saíram e formaram seus próprios ministérios para assim crescer na escalada hierárquica, mas, de um jeito ou de outro, os laços continuam, o que acaba transformando as igrejas de Carapicuíba e região em uma grande rede.

À primeira vista, quem chega aos cultos ordinários das pequenas igrejas pouco percebe a presença afro na concepção teológica, pois somente em momentos de grande manifestação das emoções do coletivo é que notamos a sua existência. Porém, esses momentos no decorrer do culto estão cada vez mais raros. Esse fenômeno de "esfriamento" – como é interpretado pelos mais velhos dentro da igreja – pode ser atribuído à escolarização da nova geração de crentes, tanto é que muitos jovens têm saído dessas igrejas pequenas de periferia e transitado para novas igrejas, que detêm, na sua raiz, maior ligação com as igrejas de origem histórica, as quais moderam ou minimizam os efeitos pentecostais mais agressivos.

Esse trânsito religioso ocorre das pequenas igrejas para as igrejas como Bola de Neve que, apesar de ser liderada por um apóstolo, visa a uma interpretação mais "racional", permitindo uma aplicabilidade na vida prática dos jovens que, aliás, é o seu público-alvo. Essa igreja tem como regra fundar muitas igrejas menores, mas com a mesma visão. Outra igreja que teve seu auge na década de 2000 e recebeu jovens e dissidentes mais velhos das igrejas pentecostais da região de Carapicuíba é a Comunidade Carisma, com sua linguagem acessível e uma teologia que morde as "saias" do liberalismo teológico do século XIX.

### 4.3 Reuniões de poder: busca do Espírito, avivamentos e fogo pentecostal

Esse trânsito e a análise teológica dessas igrejas não fazem parte das nossas preocupações agora. Como dissemos, os mais velhos, os pastores que tentam manter suas portas abertas, enfatizam que os cultos estão frios, porque não há a busca do poder de Deus, não há oração e existe o esfriamento dos dons. Logo, para a resolução dessa questão, são promovidos encontros restritos aos membros das igrejas; restritos não no sentido de portas fechadas, mas no sentido de práticas como idas noturnas a lugares afastados para oração, as tais "subidas ao monte".

Essa prática é antiga dentro das igrejas pentecostais, embasada em uma prática constante de Jesus, narrada nos Evangelhos: "E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar, à parte. E, chegada já a tarde, estava ali só. Mt 14: 23". Nas Escrituras, esta não era uma prática somente de Jesus; aliás, o Templo estava edificado na cadeia de montanhas denominado no Antigo Testamento como Sião. Por causa desses relatos, tanto no Novo Testamento quanto no Antigo, o povo pentecostal se "isola" nesses locais para orar. Locais como esse estão cada vez mais distantes das grandes cidades e a solução para isso é fazer "vigílias", que são cultos realizados de madrugada.

Essas vigílias são problemáticas, uma vez que, para as pequenas igrejas, há dificuldade, já que estão inseridas em comunidades e em bairros residenciais, o que ocasiona o acionamento da polícia em razão do barulho provocado na madrugada. Assim, os líderes das pequenas igrejas fazem pequenas comitivas para os montes distantes ou para vigílias em igrejas maiores, situadas em centros comerciais, que permitem os cultos em alto e bom som. Importante salientar que, nessas interações, ocorrem as trocas teológicas com os grandes líderes e o aprendizado de conceitos novos que são aplicados nos bairros.

As vigílias e os montes, em função das dificuldades de acesso, se tornam específicas para crentes mais velhos. Eles tomam para si uma aura mística, um tom de reverência e segredo em que quase há a afirmação de que, para participar delas, é necessário ser iniciado. Lembro-me que, ao me propor a ir nessas reuniões noturnas, acautelaram-me dizendo que eu só poderia ir se eu estivesse "preparado" para o sobrenatural. Em outro momento, afirmaram a possibilidade de possessão

demoníaca nesses lugares, pois muitos seres espirituais rondam locais ermos e podem entrar naqueles que estiverem com "brechas"<sup>63</sup> em suas vidas.

As igrejas que estamos estudando trabalham nessas esferas. A IMSRJ possui um ônibus que é usado para percorrer algumas distâncias e leva a parcela valente para os montes mais afastados, nas regiões de Itapevi e Jandira. Esses locais são frequentados por vários grupos, que disputam espaços nesses locais de oração. Tais *points* de oração se tornam igrejas itinerantes – que creio que até mereçam um estudo específico.

A nós interessa a similaridade da prática que, a priori, se encontra com a atividade judaica, a qual, mais tarde, passou a ser referência de devoção para monges eremitas. As práticas da Umbanda e do Candomblé de busca pelas matas e pelo contato com a natureza originam as concepções alienígenas ao cristianismo de ser o monte um local sagrado, onde Deus e até o diabo podem se manifestar com mais facilidade. As igrejas que estudamos, regidas por líderes negros que possuíam contato com as religiões de matriz africana, ou com práticas culturais muito próximas, como o samba e a capoeira, trazem essas experiências para prática do culto – não só eles, mas também os membros que se arregimentam.

Essas afirmações poderiam ser somente referências hipotéticas se não houvesse essas reuniões de poder. Nelas vemos cerimônias que lembram giras do Candomblé, transe, vozes modificadas. Normalmente, como em qualquer religião, as mulheres desempenham um papel de destaque nas organizações, seja na ação com a comunidade local ou no serviço do culto e, nas pequenas igrejas, esse papel passa a ser de cunho fundamental. A devoção feminina é intensa, o que leva as mulheres a serem a voz profética, sujeitas ao transe. É o que veremos a seguir.

#### **4.4 O papel da mulher negra nas pequenas igrejas pentecostais**

Não é possível imaginar qualquer religião sem a participação da mulher em sua estrutura, mesmo que seja como no islamismo radical, em que a mulher é vista quase como alguém sem alma. Porém, isso acontece por causa das relações de poder que

---

<sup>63</sup> Brechas aqui se referem a possíveis falhas morais que a pessoa apresenta; em outras palavras, a pecados ocultos. Demônios, segundo se acredita nas pequenas igrejas, se valem dessas brechas para possuir os crentes falsos. Nas igrejas históricas, os cristãos não podem ser possuídos, pois são salvos e propriedade do próprio Deus.

existem nessa expressão religiosa, cuja estrutura solicita um ser mais "fraco" para impor poder em um meio específico que, no caso, é sua própria casa, passando, assim, as tradições de submissão à próxima geração. Talvez o Islã seja a religião em que menos se encontra a mulher como atuante na devoção – ao lado do judaísmo –, talvez por ser uma religião monoteísta e estruturada em uma região onde o sistema patriarcal assume a centralidade da cultura, com a religião tomando características masculinas e para o masculino.

Percebemos também que, no caso do Judaísmo e do Islamismo, sendo religiões irmãs, elas têm como base seus livros sagrados, escritos sempre por homens. Contudo, a *Tanach*, que é o Antigo Testamento para os cristãos, apresenta o heroísmo e a devoção das mulheres, como Joquibede<sup>64</sup>, mãe de Moisés, que o escondeu, se rebelando contra a ordenança de Faraó, assim como as parteiras que não matavam as crianças; em situação de guerra, Jael<sup>65</sup> matou um general do exército inimigo de Israel, pondo a vitória nas mãos de uma mulher. Sem falar nas mulheres que foram veículos de "bênçãos" para seu povo, na História de Israel como: Sara, Miriã, Rute, Ana, Abigail, a profetiza Hulda e Ester. Essas mulheres não foram de maneira nenhuma secundárias, pois tomaram à frente dos homens para resolver pendências sociais e religiosas e intermediar questões políticas.

Havia tudo para que a religião de Israel fosse mais feminina, mas os redatores da Bíblia foram todos homens do seu tempo e só enfatizaram os heroísmos de seus congêneres. No Islã não encontramos muitas informações registradas no Alcorão, mas há algumas mulheres na história geral que desenvolveram virtudes "graças" ao fato de terem sido instruídas por um grande homem, mestre do Islã; como se elas mesmas não poderiam ser grandes sozinhas. No entanto, o islamismo, como outras religiões, apresenta características diferentes em determinadas religiões. Por exemplo, entre os africanos islamizados, permaneceu a parte da cultura natural africana, a de elevar a mulher em um grau de importância muito grande, diferente do homem, mas mesmo assim importante.

Nas religiões cristãs a mulher é exaltada ao status de santa e até mesmo de divina, que é o caso de Maria, mãe de Deus. Às mulheres foi dada no catolicismo a

---

<sup>64</sup> Êxodo 2:3

<sup>65</sup> Juízes 4:21

primazia por causa das santas. Leandro Karnal, no seu livro *Santos Fortes*, salienta essa questão, mostrando que todas as mães passaram a ser santas em casa:

A avó paterna de Luiz era católica. Missas e terços todos os dias, sagrado coração de Jesus e de Maria na estante, uma devoção inquebrantável a Nossa Senhora. Cuidou do marido, dos filhos, dos netos, do comércio da família. Filha de integrantes espanhóis, nasceu no campo, morreu na cidade testemunhando a imensa mudança que a urbanização trouxe ao nosso país depois de 1930. Como toda a frequentadora assídua das liturgias, vó Maria reclamava do padre quando ele era muito prolixo, além de rezear coisas pouco bíblicas: No creio em brujas, pero que las hay, las hay. Para sua família, foi uma santa.<sup>66</sup>

Na minha graduação em Teologia, escrevi o meu TCC sobre a religiosidade popular em Machado de Assis, mais precisamente em *Dom Casmurro*. Relembro esses idos de 2010 aqui:

Ainda em nossos dias se percebe a alta atividade feminina em todas as religiões; basta entrar em qualquer igreja católica, observar romarias e festas para notar o alto contingente desse gênero; nas igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais é também percebido este fenômeno. Muitas questões são levantadas: pode-se inferir que tais ênfases vêm de diversos caminhos: pela facilidade que a mulher se apegue a questões relacionadas a emoções; normal é que também estejam tão fervorosamente permanentes em círculos religiosos por estarem em busca de algo relacionado à família, ou ao bem-estar almejado.<sup>67</sup>

Com o relato acima, parece que brasileiros facilmente admitem nossos santos em seu altar. Interessante a obra de Karnal e Fernandes, pois apresenta algumas falhas no caráter de vó Maria, tais como a gula – não a dela, mas a indução aos seus amados – e, como é de se esperar, o racismo velado.

No ano de 2006, é apresentado um artigo na PUC-Minas sobre o trânsito religioso, em que Sandra Duarte diz:

Esses dados não parecem assim tão alarmantes, mas se os compararmos com as respostas das mulheres, nós veremos uma grande divergência de interesses em sua busca religiosa. Nada menos que 59% delas relataram mudança religiosa em busca de cura dos filhos e consolo, no caso da morte desses. Essa cura inclui desde

<sup>66</sup> KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz Estevam Oliveira. *Santos fortes: raízes do sagrado no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, p. 177.

<sup>67</sup> ESPIRITO SANTO, Claudinei. *O catolicismo popular em Dom Casmurro*. São Paulo, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia), Universidade Presbiteriana Mackenzie.

doenças físicas até problemas de envolvimento com drogas. Um outro recordista da preocupação das mulheres nesse quadro é aquele que se refere à doença ou morte do cônjuge (44,5%). Mais uma vez a preocupação dessas mulheres é com o outro, dessa vez com o marido. Em terceiro lugar, essa mulher aponta os problemas conjugais como motivo de preocupação (39,5%).<sup>68</sup>

Assim, notamos que, 12 anos depois, esses números continuam crescentes, demonstrando a importância da mulher nas religiões, sobretudo nas cristãs. O pentecostalismo de periferia apresenta uma expressão extra disso, pois, como é nosso intuito demonstrar a influência das religiões de matriz africana, a manifestação religiosa recebeu a parte cultural talvez de forma indireta<sup>69</sup>, mas forte dessa matriz. Por que de forma cultural? Lembramos que não há ordenação de mulheres no catolicismo, a não ser de lideranças para as próprias mulheres, cujas líderes estão sujeitas a homens que são seus superiores.

Na sociedade africana, o "regime" é matriarcal e, embora os homens estejam à frente no conselho e na religião, as mulheres gozam, de forma geral, do mesmo status. Nos primeiros anos da religião africana no Brasil, ela toma contornos masculinos, já que há poucas mulheres; contudo, como Parés demonstra no seu livro sobre a formação do candomblé jeje, as casas de candomblé, a princípio, eram dirigidas por homens e, nesse período, eram conhecidas como Lunduns, que eram presididos por homens, mas não se pode afirmar que as mulheres não faziam parte das lideranças, que não compartilhavam com o homem essa função.<sup>70</sup>

A tomada do poder de liderança por mulheres é um evento posterior aos anos de 1840. Depois desse período, candomblés históricos como o Gantois e o da Barroquinha foram fundados, cuja liderança é passada de mulher para mulher após a morte. Muitas coisas podem estar ligadas à mudança da ordem nessa época, pois Parés indica que, além da escassez de mulheres nos anos anteriores, os cargos de liderança eram presididos por libertos. À medida que o tempo ia passando, as mulheres foram ganhando a liberdade com maior frequência, enquanto os homens

---

<sup>68</sup> SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. *Horizonte* – Revista de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 26, 2006.

<sup>69</sup> Indireta, porque somos conscientes de que o catolicismo foi o mediador dessa cultura de cultuar as mulheres, pois as Yabas, orixás femininos, encontraram terreno fértil para continuarem seus cultos, visto que a religião vinda de Portugal sempre alimentou suas representações do divino e sagrado na figura feminina.

<sup>70</sup> PARÉS, Op. Cit., 2006.

permaneciam por mais tempo cativos. Assim, as mulheres passaram a ter maior presença e assumiram cargos que antes somente auxiliavam.

Ao notar a participação da mulher em outros cultos, comparamos esse dado com a participação feminina na religião cristã, no protestantismo histórico. Lá encontramos essa mulher, reservada ao cuidado das crianças e à liderança feminina, mas sem cargos de liderança eclesiástica. Ainda hoje existem conflitos nos ramos das igrejas tradicionais sobre a ordenação ou não de mulheres para o pastorado. A complicação deriva dos textos paulinos que dizem: "Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio"<sup>71</sup>. E também: "As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei"<sup>72</sup>. Pelas igrejas históricas esses textos são interpretados de maneira literal e com aplicação ainda da cultura semita judaica.

Nas igrejas pentecostais de primeira onda, permanece ainda a mesma perspectiva das igrejas históricas, mas, para os neopentecostais, a mulher tem papel fundamental nos trabalhos e não é só nos bastidores. Na década de 1990, surge a Renascer em Cristo, trazendo os modelos americanos do gospel e com ênfase na teologia da prosperidade. Seu líder é o apóstolo Estevam Hernandes, mas a figura que se tornou central é a de sua esposa, a bispa Sônia Hernandes, muito em função de ela encabeçar a área do louvor, com sua imagem sendo intimamente ligada ao Renascer Praise, ministério de louvor da igreja.

Sônia se destaca na pregação, primeiramente mirando mulheres. Tanto no rádio quanto em programas de TV sua participação era proeminente. Entretanto, sua característica maior era o fervor das orações. Nesse período, ela possuía um programa na rádio da própria igreja e, ao meio dia, tinha um momento de oração, que era esperado pelo fato de existir profecias ao vivo e a citação direta de casos de enfermidades físicas e psicológicas que eram denunciadas na oração da bispa, pois, em seguida, iam ao ar ouvintes confirmando essas expulsões de demônios e milagres no geral.

---

<sup>71</sup> 1 Timóteo 2:12

<sup>72</sup> 1 Coríntios 14:34

A partir daí começam a surgir igrejas e ministérios unicamente de louvor e protagonizados por mulheres. Uma delas, que rivaliza com a Renascer em questão de popularidade, é a igreja mineira Batista da Lagoinha, liderada por pastores batistas, fundada por José Rego do Nascimento, aliado de Enéias Tognini, já mencionado em outros momentos dessa dissertação. Agora é liderada por Márcio Valadão, pai de André e Ana Paula Valadão, esta última a figura mais visível e conhecida da denominação.

Vemos que, como o Candomblé, o pentecostalismo e neopentecostalismo apresentam essa troca de proeminência na liderança de forma bastante parecida. Como dissemos, as mulheres estavam sujeitas a seus maridos, que normalmente eram pastores, enquanto elas eram suas auxiliares e de auxiliares se tornaram co-pastoras. Hoje é comum encontrarmos, em função das novas estruturas familiares brasileira, que não são mais de pais e mães com os seus filhos, mas de mãe e seus filhos, pastoras que nem são casadas, ou se são, seus maridos não são pastores e, por vezes, nem cristãos ou pertencentes à igreja são.

Nas igrejas que estamos estudando há casos que ilustram bem essa questão e de forma diversa. Já citamos a bispa Sandra Sueli, hoje dirigente de ministério independente da IMSRJ. Ela é uma mulher negra, mãe e divorciada, que recebeu o pastorado ainda estando na Renascer em Cristo, já divorciada nessa época. Chegando na IMSRJ, recebeu o reconhecimento do seu ministério pastoral, inclusive liderando um departamento e outros pastores. Interessante também é que ela herdou as características da bispa Sônia na forma de falar; na Missão, contudo, ela foi se remodelando.

Outro exemplo é o de uma pastora que veio da Igreja Quadrangular, cujo marido não era cristão. Ela foi autorizada pelo Francisco Neris, bispo da IMSRJ, a exercer o ministério, mas como presbítera, um cargo abaixo do cargo de pastora na hierarquia da igreja local. Seu marido depois se converteu, passando por diversos cargos, como o de presbítero, e segue na ascensão ministerial. No entanto, na comunidade, ela ainda é chamada de pastora. Outro caso semelhante foi a de outra pastora, a Silvana, com seu marido Erivaldo. Ela só assumiu o cargo e uma igreja quando seu marido também se posicionou para receber o pastorado. Esse último caso é de transição, em que o bispo tenta reformular as diretrizes para ordenação de novos pastores e líderes.

Na INV, do bispo Alexandre, existe ao menos uma pastora que é solteira. Além disso, a esposa do bispo local tem o mesmo cargo; contudo, a figura central é o carismático e incansável líder, que apresenta as mesmas características do bispo Francisco – esses dois não possuem influência ministerial um do outro.

#### **4.5 O destaque das mulheres nas pequenas igrejas**

A razão pela qual as mulheres merecem destaque aqui é que, além de serem o apoio e o maior contingente dessas igrejas, elas são a figura central. À medida que nos aprofundamos no seio dessas igrejas, mais vemos que elas se destacam, pois em cada igreja que estudamos existem igrejas menores dentro delas, departamentos, além de cisões. Quando notamos seus contornos internos, observamos os departamentos, nichos oficiais, como já dito: jovens, mulheres, crianças e homens. Mesmo assim, há nesses mesmos grupos internos pequenas células que se unem por nível de afinidade.

Algumas comunidades adotam o sistema de células, tal como a Igreja Videira, que visa ao crescimento. Essas células nada mais são do que grupos que se reúnem em casas dos próprios membros. Quando chegam a determinado número, dividem-se e recomeçam o trabalho de crescimento novamente. Nesse caso que estamos pesquisando, não se trata disso, uma vez que, por muitas vezes, cisões provocadas por questões de afetividade levam à criação desses grupos não oficiais na igreja. Na sede da IMSRJ havia muitos grupos assim, que logo se reuniam para orar.

É nesse ambiente que a mágica do pentecostalismo de periferia acontece, pois esses pequenos grupos são normalmente dirigidos por mulheres de alta devoção. São elas possuidoras de "dons" de línguas e curas, mas o mais procurado é o dom da profecia. Antes mesmo de iniciar os estudos no campo das religiões eu reparava nessa questão quando pessoas de ambos os gêneros procuravam a voz de Deus na boca das mulheres. Se na igreja são cada vez menos observados os momentos de transe religioso, nos pequenos grupos isso é constante. Se não vemos as mulheres girando, tal qual no candomblé, nas igrejas, nesses pequenos grupos, podemos assistir a essa prática.

Desde sempre as danças fazem parte da religião negra como ferramenta de encontro com aquilo que é o sagrado, enquanto no cristianismo dos primeiros séculos isso não existe, assim como na Idade Média, ou nos anos pós Reforma. Tal prática só

irá se fazer presente nos EUA no avivamento da rua Azuza, já citado, e aqui no Brasil, com o surgimento das Assembleias de Deus e as igrejas pentecostais, que seguiam as premissas de Seymour. Contudo, parece que essas manifestações sempre existiram no meio do povo cativo aqui nas Américas, conforme o trecho abaixo:

Essa comunicação com o mundo espiritual exigia compartilhamento de crenças e fomentava identidades. Sabemos que a dança, a música e o transe “ocupam um lugar especial nos rituais da África Central, e isso provavelmente explica o motivo de aquele casal de africanos morar longe: para preservar os cultos ali praticados dos olhares dos meganhas e dos vizinhos abelhudos.<sup>73</sup>

A grande mudança que existe nas igrejas pentecostais de periferia – e tal observação mereceria um estudo específico – é a liderança das mulheres, que se torna algo progressivo na sociologia da religião voltada ao pentecostalismo. Hoje as mulheres cristãs estão saindo do anonimato e das "Tardes da Benção", indo liderar suas próprias denominações. Como ocorreu no Candomblé, isso também ocorre no pentecostalismo a partir da periferia.

Há uma pastora, por nome Dirce, que antes se aplicava em dirigir um grupo de mulheres em cultos e vigílias nas casas. Ela já foi citada; no entanto, é interessante apontar essas características na sua forma de dirigir os cultos, pois, diferentemente das pastoras e bispas da TV e rádio, ela, no seu modo de cultuar, não apresenta ênfase nos discursos nem fórmulas ou frases de efeito. Ela se assenta sobre um elemento místico bem parecido com o Candomblé, uma vez que sempre se destacam o frenesi religioso e o transe, assim como a incorporação. Nessa questão da incorporação, quero destacar o fato que presenciei: em uma vigília em uma casa presidida pela pastora Dirce, ela se viu tomada pelo "Espírito" e, nesse momento, depois de fervorosa oração, ela falou com entonação grave e de autoridade, como se fosse alguém da alta patente do exército. Ela mudou o gênero no discurso que alertava a igreja sobre a volta de Jesus e, ao terminar o discurso, seu corpo desfaleceu, mostrando-se sem força e estendido no chão.

Consultando aqueles que possuem ou possuíam a fé ancestral nos orixás, recebemos a informação de que não é uma regra nos terreiros que, no momento em

---

<sup>73</sup> COSTA, Valéria G.; GOMES, Flávio. *Religiões negras no Brasil: da escravidão à pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2016. [Ebook].

que orixá deixa o corpo do seu instrumento, ele venha a desfalecer ou apresentar um enfraquecimento físico, mas pode acontecer. Notamos também que tal ação acontece com maior frequência nos terreiros de Umbanda. Sugerimos, então, que esse comportamento da pastora em questão advém inconscientemente desses rituais afro. Entendemos que a religião que se forma na periferia recebe as influências teológicas e cosmológicas informais, em que boa parcela é afro ou afro-católica.

## CONCLUSÕES

Ao entrarmos nesse empreendimento subestimamos o campo, pois admitíamos desde o início que fazíamos parte dele; julgávamos que, por pertencer ao meio, teríamos em posse todos os atalhos para conseguir suavizar o caminho da pesquisa. Erro nosso. Além dos desafios presentes em qualquer pesquisa de campo, como a disponibilidade das pessoas para entrevistas e o deslocamento para o campo, encontramos também:

1. *Vozes abafadas pela posição.* Quando nos propusemos a encontrar vestígios da religião afro nas comunidades pentecostais da periferia de Carapicuíba, acreditávamos que as pessoas, ao exporem sua realidade, não iriam de forma alguma se importar com a perspectiva religiosa do entrevistador. Porém, por ser conhecido de forma geral – e específica, no caso da IMSRJ –, há uma necessidade de impor respeito por parte dos entrevistados, procurando, assim, demonstrar uma erudição que normalmente não é um fator de preocupação no púlpito. Claramente, a forma de se expressar no púlpito foi modificada nas entrevistas e, em alguns casos, valeram-se do tempo para raciocinar acerca das respostas. Isso é esperado em qualquer que seja o campo a ser pesquisado, mas, no caso dos líderes pentecostais, havia uma preocupação em se ver em meio a questões problemáticas no campo político-religioso da comunidade geral, já que a maior parte dos pastores e pastoras de Carapicuíba se conhece e até se relaciona intimamente, dividindo o ministério, como foi citado. Logo, as perguntas que vêm à cabeça dos entrevistados são: ele me ouviu falar disso antes? O que falei? Posso ser confrontado por meus iguais se ouvirem minha resposta? Por isso, quando queríamos legitimar, por meio de uma afirmação direta dos líderes, uma observação feita em campo, isso quase nunca foi possível.
2. *Vozes abafadas pela religião.* Algo interessante que acontece é a necessidade que os líderes tinham – por ser o entrevistador teólogo de formação e do conhecimento dos entrevistados – de legitimar, por meio das Escrituras, alguma posição teológica ou usos dos símbolos, como: por que trazem carteiras de trabalho, fotos e roupas para serem apresentadas na mesa? Ou por que são dados lenços, chaves em miniatura ou outras figuras? Quase

sempre as respostas estavam ligadas à alguma passagem bíblica, fosse o momento em que Elias pede um pouco de comida, ou quando Paulo, depois de pregar, retira de si um tecido para levar a pessoas doentes. Qualquer coisa que fosse estranha demais, uma citação ou um texto era evocado. O que me pareceu em alguns momentos é que as esquivas derivavam da falta de acordo entre a prática e a fundamentação teológica para tal, pois algumas práticas foram instauradas na comunidade para satisfazer pessoas que vinham de outras denominações evangélicas à procura de disso. Isso, claro, confirma uma de nossas teses: a de que tais práticas derivam do trânsito religioso, que se inicia, muitas vezes, nas igrejas já desenvolvidas, como a IURD, que abusa de elementos afro.

Anteriormente mostramos como os cultos mais africanizados são encontrados: mais interiorizados nos pequenos grupos não aparentes das igrejas que mapeamos. Ali é que encontramos o verdadeiro religioso, a beata tão comum nas igrejas católicas. Nas pentecostais de periferia também a vemos, mas às vezes denominada de homens e mulheres de "fogo", expressão baseada na prerrogativa bíblica veterotestamentária, de que, quando Deus se manifesta com poder, há fogo, como foi com Moisés e a Sarça, Elias e os profetas de Baal e o Monte Sinai fumegando.

Nesse meio há, ainda, um último problema e, ao mesmo tempo, uma solução: o problema é a intenção de entrar nesses pequenos grupos, pois não são todos os cristãos dessas igrejas que podem subir ao monte ou frequentar uma vigília, também de fogo, mas somente os "preparados" para tal. Se trocarmos a expressão "preparados" para "iniciados", notaremos o ar místico importado do Candomblé, na medida em que há mistérios e práticas que somente esses iniciados são capazes de compreender. Se não for um dos "tais", pode sofrer consequências graves, como a morte, a loucura ou até a possessão maligna. Já a solução, não para nós, mas para a proliferação desses mistérios, é justamente o medo do secreto e do privilégio de ser iniciado. Há um texto no Novo Testamento que diz que a "blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada<sup>74</sup>", logo, a dúvida não deve ser exposta e os questionamentos não devem ser feitos. Assim como eram as comunidades de camponeses antes da Reforma Protestante, o mistério e a proliferação de um pseudo-

---

<sup>74</sup> Mateus 12: 31

evangelho são iniciados. O líder desses microrganismos, células das pequenas igrejas pentecostais, é intocável, respeitado como um xamã, mas normalmente são mulheres que demonstram ter uma espiritualidade mais elevada.

Encontramos o que fomos buscar. Realmente, a espiritualidade negra e africana está implícita nas igrejas pentecostais de periferia; porém, é muito importante que os líderes dela sejam negros, pois não haverá contestação às práticas. Nos primórdios da minha vida na igreja fui membro de uma pequena igreja pentecostal, mas esta era regida por pastores brancos, precisamente o Pastor Samuel Oliveira. Essas manifestações eram sistematicamente abafadas e, em alguns momentos, ridicularizadas. Nesse sentido, as pessoas negras estão mais abertas a espiritualidades além das letras e aos mistérios.

Encontramos não só práticas e uma linguagem que remetem a religiões de matriz africana, mas também algo maior do que tudo isso: um senso de unidade e preocupação com o outro, valor que as igrejas brancas procuram criar. Com verdade, vemos que esta é a maior marca que encontramos da África em uma igreja pentecostal de periferia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

27 de março de 2018, vinte e um dias depois do meu aniversário. Havia trinta dias que minha mãe tinha sido diagnosticada com um aneurisma de oito milímetros na aorta e, naquela manhã abafada, descia seu corpo em uma das covas do cemitério municipal de Barueri. Enquanto seguia o cortejo composto pela família grande e negra e amigos, alguém gritou da pequena sala administrativa do cemitério: "Força, guerreiro!". Eu olhei e vi um pequeno e magro homem branco de uns 45 anos e acenei, absorvendo suas condolências. Mas como ele sabia que eu era parente próximo da morta? Bom, não seria difícil me notar com 1,86 de altura e vestido com roupas africanizadas, com mais cores do que a maioria que estava ali.

Terminando o sepultamento, ficamos, minhas irmãs e eu, ainda um tempo no portão do cemitério, nos despedindo e recebendo as últimas palavras de apoio. Aquele homem novamente surgiu, dirigindo um velho Palio, com peças de outras cores e ferrugem ornamentando o veículo que mal podia se manter ligado. Ele parou o carro, me chamou e disse: "Força, guerreiro, Deus abençoe. Deus me revelou quem é você, você é um homem de coração puro. Deus sabe de todas as coisas, Deus me revelou quem é você. Venha aqui algum dia pra gente bater um papo".

Sou teólogo, cético em muitas coisas, não por falta de fé, mas por não encontrar propósito em algumas visões e revelações, o que me leva sempre a crer que esses ufanismos são fruto da mente profundamente religiosa das pessoas e de concepções mais ascéticas da vida religiosa. Não precisava ter notado duas Bíblias malconservadas sobre o banco do passageiro para saber que aquele homem pertencia à alguma igreja pentecostal. Como disseram a Pedro na terceira negação: "O teu falar te denuncia"<sup>75</sup>. O motivo de narrar esses fatos é a lembrança de ter deixado algumas lacunas nesse trabalho.

Quem é esse homem branco? Qual é a sua origem? Por que ele se reconhece em uma estrutura que acabamos de demonstrar que é intrinsecamente negra? Com a certeza de que nada é puro no Brasil nem os negros nem os brancos, seja no gene ou na maneira de pensar, não seria o caso de pesquisar mais a fundo algumas áreas

---

<sup>75</sup> Mateus 26:73

do pentecostalismo de periferia para tentar entender todas essas entradas e saídas que a pesquisa nos proporciona?

Obviamente, esse homem não entra na questão étnica da nossa pesquisa, mas entra na questão de classe. Ademais, nas minhas caminhadas pelas ruas do Ariston, encontramos outros casos de pessoas que, além da sua religiosidade, guardam traumas, às vezes causados pelo abuso do uso de drogas. Havia um jovem branco com as mesmas características do homem do cemitério que me parecia meio esquizofrênico e atribuía para si mesmo o status de profeta. Tenho um amigo, que até citei com as mesmas características do segundo, incluindo o passado de uso de drogas, que não dizia ser profeta, mas sempre estava atrás de um.

Outra possibilidade para futuras pesquisas e que, em dado momento, estava nos planos acrescentar algo já neste trabalho, são os retornos que os negros realizam quando migram das igrejas pentecostais e voltam às religiões de matriz africana. Cheguei a entrevistar via telefone duas pessoas que tinha passado por igrejas e agora faziam parte de terreiros. Essa ideia foi-me dada pelo amigo de curso, Rodney, que é sacerdote de Candomblé. Abortamos essa missão com intuito de realizá-la em outro momento, com o afinco e esmero que ela merece, dedicando mais que dias a essa pesquisa. Deus nos dê oportunidade para empreender tal tarefa.

Boa parte dos conhecimentos, tanto da cultura negra popular dos terreiros, das famílias e das cosmologias foi extraída de contatos informais com pessoas de axé e afro-católicas. Outros conhecimentos foram obtidos de experiências vividas por pessoas do seio da minha própria família. Imagine só: em dado momento, meu tio falou acerca da manipulação de raízes que havia herdado de seu pai, lá em São João da Chapada. Se tivéssemos esse conhecimento em mãos, talvez teríamos salvado minha mãe. É verdade que esse conhecimento não é passado em faculdades, mas de pai para filho, de mãe para filha e de um modo extenso e complexo:

As religiões afro-brasileiras eram intrinsecamente fundamentadas nas forças da natureza. Portanto, o uso das ervas e raízes, além da importância terapêutica de seus princípios ativos, compreendia um elo com o sagrado. O conhecimento era adquirido em um longo aprendizado, que envolvia desde o horário certo de colher até o uso a que eram destinadas. Entre os africanos-ocidentais, chamados geralmente de “minas”, o Babalosanyin, conhecedor das ervas, era um dos graus mais importantes na estrutura sacerdotal, abaixo do babalorixá, principal sacerdote responsável pelas iniciações

religiosas. Entretanto, muitas vezes, o líder religioso reunia as duas funções, como era o caso de Cypriano Abedé e tantos outros, como Guilherme de Assumpção"<sup>76</sup>.

Minha família é um poço de conhecimentos ancestrais que estão se perdendo por falta de continuidade. Os mineiros, incluindo esse tio que falava das ervas, têm seus filhos, mas estes recentemente se tornaram evangélicos; uma é até pastora. Houve, recentemente, a descoberta da parte baiana da minha família paterna. Minha tia, baiana, é curandeira e benzedeira, o que causou a ela um constrangimento quando fui visita-la em sua casa, úmida, com cabaças, cascos de tatu e peneirinhas que se usa em rituais, pois soube pela filha que eu era "quase um pastor" e músico de igreja. Talvez o constrangimento venha do fato de ela ter um filho que se distanciou dela depois de se arrolar em uma igreja pentecostal.

Um fato a considerar é que nessa pesquisa muitas coisas foram omitidas e que essa especificidade, *Contribuições africanas na formação do Pentecostalismo de periferia*, descolamos de uma realidade bem maior. Encontramos diversas outras influências, como a do Judaísmo e do Kardecismo; o primeiro, por causa da herança histórica – não imaginam o poder que há, na língua hebraica, nas expressões e frases citadas do texto original do Antigo Testamento: "Kadoshi, Kadoshi, YHWH sabaott"<sup>77</sup>; do Kardec encontramos interpretações bíblicas e a ênfase nas boas obras.

Por fim, na minha graduação me propus fazer uma revisão das religiões místicas brasileiras, como indígenas e negras. Meu orientador riu e disse que as religiões no Brasil são um universo. Vejo agora que ele tinha razão, pois dentro de uma igreja pentecostal da periferia encontramos uma galáxia.

---

<sup>76</sup> COSTA e GOMES, Op. Cit., 2016, p. [Ebook].

<sup>77</sup> E proclamavam uns aos outros: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos, a terra inteira está cheia da sua glória" - Isaías 6:3. Esse texto foi citado por um pregador certa vez em uma conferência a que assisti. Na ocasião ele errou a pronúncia do termo "Kadosh" para Kodeshi, coisa que não impediu a explosão da congregação em saltos, rodopios e no falar em línguas estranhas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Juliano. *Mussum Forevis*. São Paulo: Leia Brasil, 2014.
- BERNARDO, Teresinha. *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- BERNAT, Isaac. *Encontros com o griot Sotigui Kouyate*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- BIKO, Steve. *Escrevo o que quero - uma seleção dos principais textos do líder negro Steve Biko*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CALVINO, Juan (1957). *Institución de la religión Cristiana*. 6ª ed. Barcelona: Ed. Dos Átomos, 1999.
- CASTRO, Felipe; MARQUESINI, Janaína; COSTA, Luana; MUNHOZ, Raquel. *Quelé, a voz da cor*. Biografia de Clementina de Jesus. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- COSTA, Valéria G.; GOMES, Flávio. *Religiões negras no Brasil: da escravidão à pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2016.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. [Ebook].
- DE TACCA, Fernando. *Imagens do sagrado*. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2009.
- DOMINGOS VITORIANO, Benedicto Anselmo. *O prestígio da umbanda: dramatização e poder*. São Paulo: Anna Blume, 2003.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ESPIRITO SANTO, Claudinei. *O catolicismo popular em Dom Casmurro*. São Paulo, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia), Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONÇALVES, Aílton D. F. A imigração norte-americana e a implantação do protestantismo em Americana e Santa Bárbara d'Oeste, SP. *Nures*, v. 11, n. 31, set-dez., 2015.
- GOUVEIA, Eliane Hojai. *Imagens femininas: a reengenharia do feminino pentecostal na televisão*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2015.

KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz Estevam Oliveira. *Santos fortes: raízes do sagrado no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

LANGANEY, André; CLOTTE, Jean; GUILAINE, Jean; SIMONNET, Dominique. *A mais bela história do homem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014,

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: o processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

PARÉS, Luís Nicolau. *Formação do candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

PASSOS, João Décio; UARSKI, Frank (org.). *Compêndio de ciências da religião*. São Paulo: Paulinas, 2013.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Ed. Schwarcs, 2014.

RAMOS, Lázaro. *Na minha pele*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RIBEIRO, DARCY. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROLIM, Francisco C. *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac, 2007.

SOUZA, Beatriz Muniz de; SÃ MARTINO, Luís Mauro (Org.). *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2008.

SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. *Horizonte – Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2006.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermões de Pe. Vieira (Parte 1). Edição eBooks Brasil. Disponível em: <<http://bedigital.soaresbasto.pt/ops-master/ebooks/Padre%20%28127%29/Sermoes%20-%20Vieira.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2018.